

**Universidade de Brasília
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL**

OS ESPAÇOS NA LIBRAS

MAGALI NICOLAU DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

**Brasília
2016**

OS ESPAÇOS NA LIBRAS

MAGALI NICOLAU DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília

2016

A663e Araújo, Magali Nicolau de Oliveira de
Os espaços na Libras / Magali Nicolau de Oliveira
de Araújo; orientador Daniele Marcelle Grannier. --
Brasília, 2016.
142 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. espaços. 3.
sinal. I. Grannier, Daniele Marcelle, orient. II.
Título.

MAGALI NICOLAU DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

OS ESPAÇOS NA LIBRAS

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília, 19 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier - UnB-LIP (Orientadora)

Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf - UFSC (Membro)

Profa. Dra. Poliana Maria Alves - UnB-LIP (Membro)

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva - UnB-LIP (Membro)

Profa. Dra. Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho - UnB-LIP (Membro)

Profa. Dra. Márcia Elizabeth Bortone - UnB-LIP (Membro Suplente)

A Deus todo-poderoso, que tornou possíveis todas as coisas em minha vida, inclusive este momento.

Aos meus pais, Paulino Nicolau de Oliveira e Maria Luiza de Oliveira, que sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos.

À minha filha amada, Ana Carolina Nicolau de Oliveira Araújo, pelas horas roubadas de nossa convivência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve à frente em tudo na minha vida.

À Universidade de Brasília, que me proporcionou este momento.

À Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier, agradeço de coração pela paciência, carinho, apoio e generosidade na orientação deste trabalho, fatores sem os quais não teria sido possível realizá-lo.

Às componentes da banca, Profas. Dras. Marianne Rossi Stumpf, Poliana Maria Alves, Denize Elena Garcia da Silva, Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho e Márcia Elizabeth Bortone, a minha gratidão pela disponibilidade e contribuição neste rico momento de aprendizagem.

Aos colegas de trabalho, de hoje e de ontem, Adriana, Celma, Cida, Cristiane, Denise, Isabela, Jaime, Lúcia, Sirley e Solange que dividem as alegrias e dificuldades de uma sala de aula para surdos, em especial à intérprete Darlene Coelho Sepúlveda Vacherand, pela valorosa contribuição.

Ao ex-diretor Igor Tiradentes, que permitiu as filmagens no estabelecimento de ensino onde trabalho, CESAS.

Aos meus pais Paulino e Maria Luiza pelo apoio incondicional em todas as fases de minha vida e pelo exemplo de luta e de vitórias

À Ana Carolina, minha amada filha, pela disposição em fazer a tradução do resumo e a me ensinar a filmar e a recortar as imagens, e também pela disposição em me socorrer nos momentos de meu desentendimento com a tecnologia.

À minha família e aos amigos, pelo apoio, pelas orações e pela torcida, especialmente minhas irmãs Márcia, Margarete, Cristina e Luiza.

A todos os surdos, em especial aos que foram meus alunos.

E a todos que, de alguma forma, participaram comigo nesta caminhada.

RESUMO

O presente estudo concentra-se no uso de diferentes espaços na Libras usada em Brasília. Para esta pesquisa, foram coletados dados em uma escola pública situada no Distrito Federal e de membros da comunidade surda. Realizaram-se gravações de textos narrativos baseadas em filmes e de diálogos espontâneos. A análise se desenvolveu em um quadro teórico funcionalista. O uso dos espaços na Libras resulta de diferentes fatores, tais como mudanças de pessoas e necessidade de inserir locativos no enunciado. Os diferentes espaços na Libras conceituados por Liddell (1995, 2000) em seus estudos na Língua de Sinais Americana (ASL) são: real, sub-rogado ou *token*. Foi observado que as características estruturais de cada espaço indicam as suas funções: na expressão da terceira pessoa, requer o uso do espaço sub-rogado; na necessidade de inserir o locativo, requer o uso do espaço *token*; na distinção da expressão das pessoas no discurso da narrativa, a primeira e a segunda pessoas do discurso se expressam no espaço real, e a terceira pessoa se expressa por meio do corpo como sujeito no espaço sub-rogado; na existência de um outro espaço, o não-marcado, durante a realização da narrativa do surdo. Notou-se, ainda, que, na ocorrência de diálogos entre os personagens, são reproduzidas as características do espaço real, o falante faz os papéis dos dois ou mais personagens. Foi relevante a observação dos elementos estruturais para a caracterização de cada espaço, tais como a direção do olhar, o uso da apontação, a posição do corpo, a presença ou ausência de elementos secundários como gingado e deslocamentos, algumas expressões não manuais e o tamanho das transferências. A pesquisa pretende contribuir para a geração de novos conhecimentos a respeito da Libras, de modo que, mediante sua análise e interpretação, possam surgir novos estudos sobre sua singularidade linguística.

Palavras-Chave: Língua de Brasileira de Sinais. Espaços. Sinal.

ABSTRACT

This study is focused in the use of the different spaces on Brazilian sign language used in Brasilia. For this research were collected data in a public school placed at the Federal District, and also from members of the deaf community. Videos were recorded based on narrative texts, and spontaneous dialogues. The analyses was developed in a base of the fundamentalist theory. The different spaces at brazilian sign language conception by Liddell (1995, 2000) in his American sign language (ASL) studies, are divided by: real, sub rogated or token. It was observed that the structural characteristics in each space indicate it's functions in the expression of the third person requires the use of the sub rogated space, the need to insert the locative requires the use of the token space, in the distinction of the expression of the people throughout the narrative: the first and the second person in the discourse expresses themselves in the real space, the third person also expresses himself throughout his body as the person in the subrogated space; in the existence of the other space, unmarked, through the realization of the deaf narrative. It was noticed, yet, that when the dialogues occur between the characters, they reproduce the characteristics of the real space, the speaking one does the part of both, or more, the characters. The observation of the structural elements was relevant for the characterization of each space, as the direction of the look, the use of pointing, the body's position, the presence or absence of the secondary elements as gipsy and dislocation, non manual expressions and the size of the transferences. This research aims to contribute with the geration of new information about the Brazilian sign language, that through it's analysis and interpretation may arise new knowledge about it's linguistic singularity.

Key words: Brazilian Sign Language. Spaces. Signal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espaço de enunciação	31
Figura 2 – Verbo COMER	38
Figura 3 – “Mulher dá bola ao homem”, em ABSL.....	41
Figura 4 – Transferência de tamanho e forma.....	46
Figura 5 – Transferência de tamanho e forma.....	46
Figura 6 – Transferência de tamanho e forma.....	46
Figura 7 – Transferência de situação.....	47
Figura 8 – Transferência de pessoa	48
Figura 9 – Combinação de transferências	49
Figura 10 – Combinação de transferências	50
Figura 11 – CASA (do João) / CASA (do Pedro)	53
Figura 12 – CASA / IX CASA	53
Figura 13 – IX / CASA.....	53
Figura 14 – IX CASA / NOVA	54
Figura 15 – CARRO (passou pelo outro)	54
Figura 16 – (eu) IR (casa).....	55
Figura 17 – Verbos direcionais OLHAR / AJUDA.....	55
Figura 18 – Verbos direcionais ENTREGAR	56
Figura 19 – FALAR (continuativo).....	58
Figura 20 – FALAR (pontual).....	58
Figura 21 – NERVOSO.....	59
Figura 22 – Quantificação	59
Figura 23 – Parâmetros Fonológicos	60
Figura 24 – Oposição de Sinais.....	61
Figura 25 – EU / VOCÊ	63

Figura 26 – ELA / NÓS	64
Figura 27 – ELES / ELAS	64
Figura 28 – ANDAR (para pessoa)	65
Figura 29 – ANDAR (para animal)	65
Figura 30 – Uma pessoa andando ou em pé	65
Figura 31 – Duas pessoas andando, namorando ou passeando	65
Figura 32 – VOTAR	66
Figura 33 – Classificador B	66
Figura 34 – Classificador Y	66
Figura 35 – Espaços – aquela casa ali	69
Figura 36 – Espaços – casa lá / lado direito	69
Figura 37 – Espaços – carro / aquele carro.....	70
Figura 38 – Espaços – o carro atrás / o carro à frente	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Processo de iconização	44
Quadro 2: Perfil dos participantes	78
Quadro 3: Análise-modelo.....	80
Quadro 4: Análise.....	82
Quadro 5: SH – piada – (imagens 84 a 87 e 159 a 164).....	86
Quadro 6: SH – piada (imagens 165 a 169).....	87
Quadro 7: IS - rotina (imagens 21 a 30)	88
Quadro 8: Léxico – verbo.....	89
Quadro 9: ED - peras (imagens 103 a 105 e 168 a 169).....	90
Quadro 10: PR - peras (imagens 151 a 153 e 176).....	91
Quadro 11: Léxico – substantivos	92
Quadro 12: ED - peras (imagens 1 a 5)	93
Quadro 13: PR - peras (imagens 286 a 290).....	94
Quadro 14: Léxico – adjetivos.....	94
Quadro 15: IS - rotina (imagens 1 a 10)	96
Quadro 16: Diálogo 3 (imagens 37 a 40)	97
Quadro 17: Diálogo 3 (imagens 41 a 44)	98
Quadro 18: AH - Futuro (imagens 21 a 25).....	99
Quadro 19: Diálogo 4 (imagens 05 a 12)	100
Quadro 20: Diálogo 4 (imagens 15 a 16)	101
Quadro 21: PR - peras (imagens 21 a 25).....	102
Quadro 22: SH – peras (imagens 31 a 35).....	102
Quadro 23: PR - peras (imagens 21 a 25).....	103
Quadro 24: PR - peras (imagens 26 a 30).....	104
Quadro 25: KS - peras (imagens 06 a 10)	105
Quadro 26: SH - piada (imagens 156 a 160)	106
Quadro 27: KS - peras (imagens 76 a 80)	107
Quadro 28: PR - peras (imagens 01 a 10).....	108
Quadro 29: PR - peras (imagens 26 a 30).....	109

Quadro 30: ED - piada (imagens 41 a 45).....	110
Quadro 31: Quadro Comparativo	111
Quadro 32: KS - peras (imagens 01 a 10)	113
Quadro 33: KS - peras (imagens 26 a 35)	114
Quadro 34: KS - peras (imagens 36 a 40)	115
Quadro 35: ED - peras (imagens 01 a 10)	116
Quadro 36: ED - peras (imagens 11 a 15)	116
Quadro 37: PR - peras (imagens 21 a 30).....	117
Quadro 38: ED - piada (imagens 132,133, 135 a 137).....	118
Quadro 39: Diálogo 4 (imagens 05 a 08)	119
Quadro 40: ED - peras (imagens 16 a 20)	120
Quadro 41: SH - peras (imagens 26 a 30)	121
Quadro 42: SH - peras (imagens 26 a 35)	122
Quadro 43: KS - piada (imagens 120 a 124).....	123
Quadro 44: KS - piada (imagens 125 a 128).....	124
Quadro 45: Quadro Geral – espaços.....	124
Quadro 46: AH - fatos (imagens 48 a 51)	126
Quadro 47: ES - fatos (imagens 01 a 05).....	127
Quadro 48: SH - peras (imagens 117 a 118)	128
Quadro 49: ED - peras (imagens 16 a 20)	129
Quadro 50: SH - peras (imagens 06 a 10)	129
Quadro 51: SH - peras (imagens 81 a 85)	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Expressão não manual	32
Tabela 2- Mapeamento icônico para COMER	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ASL - Língua Americana de Sinais
BA - Boca Aberta
Bar - Boca Articulada
BI - Bochecha Inflada
BIS - Bochecha Inflada Associada ao Sopro
BS - Bochecha Sugada
CESAS - Centro de Educação de Jovens e Adultos
CI - Cabeça Inclinada
CIPB - Cabeça Inclinada Para Baixo
CIPC - Cabeça Inclinada Para Cima
CIPF - Cabeça Inclinada Para Frente
CIPL- Cabeça Inclinada Para o Lado
CIPT- Cabeça Inclinada Para Trás
CM - Configuração de Mãos
CNI - Cabeça Não Inclinada
DF - Distrito Federal
DO - Direção do Olhar
DVDs - Discos Digitais Versátéis
EFC - Expressão Facial/Corporal
ENM - Expressão Não Manual
GB - Gigabyte
IC - Inclinação de Corpo
L - Locação
LBS - Lábios e Bochechas em Sopro
LE - Lábios Esticados
Leb - Lábios em bicos
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais
M - Movimento
MAC - Movimento Ascendente de Cabeça
MB - Movimento da Boca
MC - Mudança de Posição do Corpo
MNC- Movimento Negativo de Cabeça (não)

MPC - Movimento Positivo de Cabeça (sim)
NM - Não Manuais
O - Objeto
OA - Olhos Arregalados
O-E - Olhar no Espaço
OF - Olhos Fechados
O-I - Olhar no Interlocutor
Or - Orientação
O-S - Olhar no Sinal
PA - Ponto de Articulação
QU - interrogativas com QU (quem, qual, quantos)
S - Sujeito
TF - Transferência de Forma
TPO - Transferência de Pessoa ou Objeto
TS - Transferência de Situação
TSA - Testa e Sobrancelhas Arqueadas
TSF - Testa e Sobrancelhas Franzidas
TT - Tronco para trás
V- Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 QUADRO TEÓRICO	22
1.1 Abordagem de análise linguística	22
1.2 Linguística Funcional	22
2 UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS	26
2.1 Língua de Sinais	27
3 ESPAÇOS NA LÍNGUA DE SINAIS	35
3.1 Estruturas conceptuais e iconicidade	35
3.1.1 Espaço real	35
3.1.2 Espaço sub-rogado	36
3.1.3 Espaço token	36
3.2 Papéis temáticos do corpo no espaço	38
3.3 Alta iconicidade e iconicidade padrão	43
3.3.1 Transferência de Tamanho e Forma	45
3.3.2 Transferência de Situação	47
3.3.3 Transferência de Pessoa	47
3.3.4 Combinação de Transferências	49
3.4 Relações gramaticais no espaço discursivo	52
4 SOBRE A LIBRAS	57
4.1 Marcação de pessoa em Libras	62
4.2 Classificadores	64
4.3 Sobre os espaços na Libras	68
4.4 Referência anafórica	72
4.5 Cenário	72
5 METODOLOGIA	73
5.1 Seleção e caracterização dos participantes	76
5.1.1 Participante IS	76
5.1.2 Participante SH	76
5.1.3 Participante JF	76

5.1.4 Participante ES	77
5.1.5 Participante AH	77
5.1.6 Participante JS	77
5.1.7 Participante ED.....	77
5.1.8 Participante PR.....	77
5.1.9 Participante KS.....	78
5.1.10 Participante KT	78
5.2 Gravação dos dados	79
5.3 Processamento dos dados	79
5.4 Apresentação dos dados	80
6 ANÁLISE DE DADOS.....	83
6.1 Construção do cenário e pronomes	84
6.1.1 Referência anafórica.....	85
6.1.2 Apontação.....	85
6.2 Expressões não-manuais.....	87
6.3 Observações do léxico.....	89
6.3.1 Verbos	89
6.3.2 Substantivos e seus substitutos	92
6.3.3 Adjetivos	94
6.4 Caracterizando os espaços na Libras.....	95
6.4.1 Espaço não-marcado	95
6.4.2 Espaço real	99
6.4.3 Espaço token.....	101
6.4.3.1 Olhar no espaço token.....	103
6.4.4 Espaço sub-rogado.....	104
6.4.4.1 Giro do corpo no espaço sub-rogado	106
6.4.4.2 O olhar no espaço sub-rogado.....	108
6.5 Comparação dos espaços.....	110
6.6 Alternância dos espaços.....	112
6.6.1 Alternância do espaço token para o sub-rogado.....	112
6.6.2 Alternância do espaço sub-rogado para o token.....	115

6.6.3 Alternância do espaço real para o não-marcado	119
6.6.4 Entremeio do espaço sub-rogado, token e não-marcado	120
6.7 Superposição dos espaços	120
6.8 Inserção do espaço real no sub-rogado	123
6.9 Quadro geral	124
6.10 Função dos espaços	125
6.11 Transferências: análises alternativas	125
6.12 Combinação de transferências.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE - Análise de uma sequência	136
ANEXOS	
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	140
Anexo 2 – Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de Pesquisa.....	141
Anexo 3 – Aceite Institucional	142

INTRODUÇÃO

O objetivo geral da tese é analisar os usos dos diferentes espaços na Libras. O objetivo específico é estudar a estrutura da Libras e, em especial, o uso dos espaços na sua interface com a sintaxe. Para tanto, buscarei examinar o uso de espaços que vêm sendo denominados “espaços mentais” na Libras, seguindo as propostas de Fauconnier (1985, 2005), Liddell (1995, 2000), Cuxac (1996, 2000), além de Cuxac e Sallandre (2002).

O fenômeno estudado no presente trabalho concentra-se no uso de diferentes espaços na Libras, o *real*, o *sub-rogado* e o *token*, caracterizados por Liddell (1995, 2000) em seus estudos da Língua de Sinais Americana (*American Sign Language - ASL*). Segundo o autor, o espaço mental, denominado **real**, depende do que está fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação e refere-se, por meio de apontação, às pessoas e aos objetos que estão presentes no local nesse momento. Liddell acrescenta que, no espaço **sub-rogado**, o sinalizante pode conceber pessoas ou coisas não presentes como se estivessem presentes e que essa representação mental ocorre em tamanho natural, pois a encenação é representada pelo próprio sinalizante. Já, o espaço que o *token* preenche é limitado ao tamanho do espaço físico à frente do sinalizante, no qual as mãos se localizam durante a realização dos sinais; espaço mental *token*, a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa. O uso dos espaços na Libras resulta de fatores tais como as mudanças de pessoas e a necessidade de inserir locativos no enunciado. Considerarei como ponto de partida as seguintes questões: quais são as características estruturais de cada tipo de espaço; se o uso de diferentes espaços na Libras tem função gramatical, quais são as correspondências entre os itens lexicais utilizados em cada tipo de espaço.

A caminhada profissional a que me propus me levou por veredas que encontraram os caminhos de pessoas surdas e desde 1987 desenvolvo atividades de alfabetização com crianças surdas, assim como de português e aulas de informática para surdos. Atualmente, trabalho com jovens e adultos de ensino e médio usando a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) como forma de comunicação. Por diversas vezes, o trabalho em questão me levou a indagar sobre a surdez, a metodologia do ensino de surdos, a aquisição de linguagem e a alfabetização de surdos. As questões que me mobilizam se originam das incertezas e curiosidades que envolvem as estruturas gramaticais, morfossintáticas e o uso dos espaços na Libras, assim como a natureza das relações que eles envolvem.

No decorrer da pesquisa, surgiram algumas hipóteses, uma vez que as características estruturais de cada espaço parecem indicar funções:

- a) a expressão da terceira pessoa requer o uso do espaço sub-rogado;
- b) a necessidade de inserir o locativo requer o uso do espaço token;
- c) a expressão das pessoas no discurso da narrativa: a primeira e a segunda pessoas do discurso se expressam no espaço real, e a terceira pessoa se expressa por meio do corpo como sujeito no espaço sub-rogado;
- d) a necessidade de reconhecer, além dos espaços real, *token* e sub-rogado, a existência de um outro espaço, o **não-marcado**, durante a realização da narrativa do surdo;
- e) a reprodução das características do espaço real, no espaço sub-rogado, quando o falante faz os papéis dos dois ou mais personagens.

Para o exame dessas hipóteses, foi relevante a observação dos elementos estruturais para a caracterização de cada espaço, tais como a direção do olhar, o uso da apontação, a posição do corpo, a presença ou ausência de elementos secundários, como gíngado e deslocamentos, algumas expressões não manuais e o tamanho das transferências.

Além disso, ao longo do estudo, surgiram outras questões: a) foi necessário distinguir um espaço não-marcado em oposição aos três espaços marcados, definidos por Liddell (essa questão percorreu todos os momentos da pesquisa, uma vez que o assunto é praticamente ignorado pela maioria dos autores); b) os espaços se alternam dentro de um mesmo enunciado, que pode começar no espaço não-marcado e passar para o sub-rogado, ou vice-versa; c) o espaço sub-rogado é a voz da terceira pessoa, sendo em geral uma reprodução do espaço real, em que o corpo do falante é o suporte para a representação do personagem.

O uso dos espaços é observado no momento em que o sinalizador se relaciona com o espaço físico que está ao seu redor e também à sua frente. O sinalizador pode, por exemplo, representar situações da narrativa, assumir as atitudes de um personagem, marcar pontos no espaço, estabelecendo assim os personagens de uma narrativa e também as pessoas do discurso.

Neste trabalho, são descritas as diferentes expressões de pessoa gramatical em cada um dos espaços e a existência de pares de sinais correspondentes a itens lexicais em distribuição complementar, dependendo do espaço em que é utilizado. Além disso, são investigadas as variantes e invariantes do uso dos espaços. É necessário ressaltar que no âmbito deste estudo, utiliza-se o quadro teórico da Linguística Funcional, como ferramenta analítica, pelo fato de esta abordagem focar a língua como um instrumento de comunicação

e apresentar uma estrutura que está ligada às pressões decorrentes das mais diversas situações comunicativas. Assim, o funcionalismo auxilia na análise da estrutura gramatical, no caso do objetivo principal desta tese que é o uso dos diferentes espaços na Libras, o que envolve a situação comunicativa por inteiro.

Para a análise e descrição da função gramatical do uso dos espaços na Libras, foram adotados, sobretudo, a teoria linguística básica de Dixon (2010) e os estudos de Givón (2011).

Buscou-se revisar, ainda, várias propostas de análise de línguas de sinais: as análises de Stokoe (1960, 1972) sobre a Língua Americana de Sinais (ASL) e, em especial, os estudos de Liddell (1999) sobre os espaços na ASL. Também foram incluídos os estudos de Cuxac (1996, 2000) e Cuxac e Sallandre (2002) na Língua Francesa de Sinais. Sobre a Língua Israelense de Sinais foram consultados os apontamentos de Meir et al. (2006). Sobre a Libras, foram revistos os estudos de Brito (1995), Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), Quadros, Pizzio e Rezende (2009).

A pesquisa ora apresentada permite conhecer aspectos da gramática da Libras, a fim de contribuir com o conhecimento das línguas de sinais e da linguagem humana. Subsidiariamente, busca-se destacar elementos para análises comparativas entre a Libras e a Língua Portuguesa com fins de elaboração de materiais didáticos para o ensino de Libras e português-por-escrito para surdos, com vistas a diminuir as fronteiras entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, o que poderá favorecer uma efetiva inclusão social dos surdos. Convém lembrar que o passo inicial para o surdo, em termos de contato com a língua portuguesa, é o ensino da língua portuguesa básica por escrito, ou seja, o português-por-escrito. Segundo Grannier, sendo o português uma segunda língua (L2) para o surdo, deve ser ensinado pela escola de uma forma sistemática, observando uma metodologia própria para o ensino com recursos visuais, uma vez que inicialmente a única possibilidade de contato com a língua portuguesa, para o surdo, é através do português-por-escrito, visto que ele não tem acesso direto à forma falada pelos falantes nativos da língua (GRANNIER, 2002).

O primeiro capítulo envolve um levantamento dos conceitos da linguística funcional, em especial os conceitos de Dixon (2010) e Givón (2011). A linguística funcional foi adotada como base para a análise e descrição da função gramatical do uso dos espaços na Libras, por se entender que o funcionalismo é capaz de analisar a estrutura gramatical percebendo a situação comunicativa por inteiro.

No segundo capítulo, destaca-se as características das línguas de sinais com detalhes dos universais linguísticos.

No capítulo três são considerados os espaços nas línguas de sinais de acordo com os aspectos gramaticais que se evidenciam. Sobre o tema, foram observados os conceitos de Baker e Cokely (1980), Loew (1984), Liddell (1995, 2000), Cuxac (1996, 2000), Salandre e Cuxac (2002), Campello (2008) e a análise do corpo como sujeito de Meir et al. (2006).

No capítulo quatro são considerados os estudos existentes sobre a Libras, entre eles alguns sobre seus aspectos morfológicos, marcação de pessoa, classificadores e referência anafórica. Busca-se, também, uma incursão sobre as ocorrências dos espaços e sobre a construção do cenário da narrativa em Libras.

No capítulo cinco são tratadas as questões relacionadas à metodologia adotada na coleta dos dados utilizados na pesquisa.

O último capítulo ficou reservado à análise e à apresentação dos dados, com o objetivo de mostrar o uso dos espaços da Libras.

Nas considerações finais, foram destacadas as questões que permearam a pesquisa e apresentadas as conclusões resultantes das análises.

Espera-se que os resultados desta pesquisa apontem novos aspectos da Libras, de modo que, mediante sua análise e interpretação, possam surgir novos conhecimentos sobre sua singularidade linguística. A pesquisa pretende contribuir para a geração de novos conhecimentos a respeito da Libras, de modo que, mediante sua análise e interpretação, possam surgir novos conhecimentos acerca de sua singularidade linguística.

Em anexo, encontram-se a Autorização emitida pelo Comitê de Ética, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Aceite Institucional e o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa.

Como apêndice, consta, ainda, uma das análises de uma sequência de acordo com os resultados encontrados no capítulo cinco.

1 QUADRO TEÓRICO

1.1 ABORDAGEM DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Os pressupostos teóricos que guiam esta pesquisa são compatíveis com a Teoria Linguística Funcional, que considera a linguagem como um instrumento da comunicação. Assim, as estruturas percebidas nas expressões linguísticas destacam-se por suas funções dentro das orações.

1.2 Linguística Funcional

O fundamento para a análise e a descrição da função gramatical do uso dos espaços na Libras encontra-se na teoria linguística básica de Dixon (2010), que se dispõe a tratar a linguística como ciência natural, par a par com a geologia, a biologia, a física e a química. Para ele, o dever da linguística é explicar a natureza da linguagem humana por meio de um ativo envolvimento nas descrições das línguas, por isso destaca que, da mesma forma com que o biólogo experimentou detalhar os comportamentos e a natureza de alguns animais ou plantas, ao linguista compete uma investigação completa do complexo fenômeno que é a língua (DIXON, 2010, p. 3).

Na perspectiva de que as línguas são um complexo entrelaçado de características em que cada uma pode variar independentemente da outra e de que elas nunca são estáticas, existindo sempre certa fluidez e troca entre uma geração e outra, e entre uma comunidade e outra (DIXON, 2010, p. 3), essa teoria é adequada para a análise de línguas pouco estudadas, que é o caso da Libras, cujo exame requer uma metodologia específica.

De modo similar, Givón afirma que o tipo de linguística por ele defendida é aquela que se valida na prática pela descoberta de como essa ciência ilumina o vasto leque dos fatos da linguagem humana. Segundo Givón (2012, p. 67), a abordagem funcionalista destaca o princípio da iconicidade, que prevê uma conexão não arbitrária e a existência de uma correlação de ‘um para um’ entre forma e função na gramática da língua. O autor destaca, ainda, que essa correlação entre forma e função é aplicada além do escopo. O referido estudioso, além de sugerir a existência de arbitrariedade na codificação linguística; defende que a iconicidade está sujeita às pressões diacrônicas tanto na forma, o código/estrutura, quanto na função, a mensagem.

Sabe-se que o Funcionalismo prevê a análise da situação comunicativa, na qual se percebe os detalhes em relação ao contexto, aos participantes do evento de comunicação e aos objetivos dos eventos de comunicação. Dessa forma, considerando-se que a Libras é um instrumento eficaz na comunicação entre os participantes, as filmagens realizadas para esta pesquisa foram analisadas sob o foco da abordagem funcionalista.

Faz-se necessária, inicialmente, uma breve discussão acerca de tipologia linguística. Croft (1990) esclarece que o uso do termo “tipologia” foi registrado pela primeira vez em 1901 por Von der Gabelentz. A classificação tipológica é o processo de descrever as variações dos tipos linguísticos existentes nas línguas por meio de algum parâmetro gramatical, como por exemplo, o número e a formação de orações relativas.

O termo tipologia tem diferentes usos. Um deles, fora da linguística, é como sinônimo da “taxionomia” ou “classificação” de fenômenos em tipos, particularmente tipos estruturais. Esse uso pode ser observado na biologia, um campo que inspirou a teoria linguística no século XIX. A classificação tipológica é historicamente a primeira manifestação da tipologia moderna, que teve início com a classificação morfológica das línguas no século XIX (CROFT, 1990, p. 27).

Segundo esse autor, as pesquisas que se baseiam na comparação da estrutura das línguas definem os tipos e organizam a classificação das línguas como se elas fizessem parte de um grupo apenas. Em sua formulação original, Friedrich von Schlegel dividiu as línguas em dois tipos: analíticas e sintéticas. Entretanto, não está claro o critério usado por von Schlegel. A distinção pode estar caracterizada como uma simples combinação de morfemas versus uma alteração fonológica das combinações dos morfemas. August, irmão de Friedrich, acrescentou um terceiro tipo, a língua “sem estrutura”, como o chinês moderno, propondo os seguintes tipos: isolantes, aglutinantes e sintéticas. Wilhelm von Humboldt acrescentou o quarto tipo, “incorporação”, para designar línguas como as da América do Norte, que tratam o verbo e o objeto como uma só palavra (CROFT, 1990, p. 39).

A classificação tipológica das línguas, naquele tempo, diferenciava-se do conceito moderno de classificação tipológica em dois aspectos importantes: primeiro, a classificação reconhecia apenas um parâmetro com o qual a língua varia – a estrutura morfológica das palavras; segundo, é uma classificação das línguas como um todo e não como partes das línguas. Segundo Croft (1990, p. 39), essas características são chamadas de neo-humboldtianas; assim, cada língua humana tem uma unidade orgânica que se manifesta como uma forma ideal.

Croft esclarece que a tipologia, uma subdisciplina da linguística, é o estudo dos padrões linguísticos encontrados na realização de estudos comparativos com a finalidade de propor implicações universais. Essa é a visão chamada “greenberguiana”, tendo sido proposta por Joseph H. Greenberg na década de sessenta.

Com o aprofundamento dos estudos linguísticos, surgiu o movimento estruturalista, que alterou a visão da tipologia morfológica das línguas. Ao postular que as línguas tinham uma estrutura sincrônica, tornou possível o exame de partes da linguagem de forma isolada e uma classificação tipológica de várias características da língua.

Posteriormente, a visão greenberguiana une-se ao funcionalismo por acreditar que a estrutura linguística pode ser explicada basicamente em termos de funções linguísticas. Nos anos 70, a escola tipológico-funcional é associada aos nomes de Talmy Givón, Paul Hopper e Sandra Thompson (CROFT, 1990, p. 2).

Mais adiante, Sapir distinguiu três tipos de línguas com base no número de morfemas: analíticas (um morfema por palavra), sintéticas (um pequeno número de morfemas por palavra) e polissintéticas (um grande número de morfemas por palavra). Partindo do detalhamento de estudos anteriores, também distinguiu quatro tipos de acordo com os graus de alterações de morfemas: isolantes, aglutinantes, fusionais e simbólicas. Sapir apresentou uma nova classificação tipológica que demonstrou como as línguas podem ser classificadas em concretas (o léxico de base); derivacionais (como se define tradicionalmente); puras relacionais (usadas para indicar relações gramaticais); e concretas relacionais (também usadas para indicar relações gramaticais, mas com alguns significados concretos). (CROFT, 1990, p. 40)

Um conceito relevante na linguística, introduzido pela Escola de Praga, é o de marcação. Segundo tal conceito, distinguem-se dois termos que fazem oposição: um é definido como “marcado”, se apresentar uma propriedade que é ausente em outro, chamado de “não-marcado”. Furtado da Cunha (2008) esclarece que as formas não marcadas apresentam várias características, como: a) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; b) contexto de ocorrência mais amplo; c) forma mais simples ou menor; d) aquisição mais precoce pelas crianças.

Givón (1995) estabeleceu três critérios principais para distinguir as categorias que seriam marcadas das categorias não marcadas em um contraste gramatical binário. Esses critérios são: a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou

maior) que a estrutura não-marcada correspondente; b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente; c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada inclina-se a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Destacam-se aqui fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 21).

Givón (1995) destaca que uma mesma estrutura pode ser marcada em um dado contexto e não marcada em outro. Assim, a marcação é um fenômeno que depende do contexto e pode ser esclarecida com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos. A marcação pode ser encontrada em fenômenos como o discurso formal e a conversação espontânea, ela não fica restrita às categorias linguísticas. A marcação que caracteriza uma forma linguística é relativa, porque o contexto é que vai definir a marcação ou não marcação de uma sentença (GIVÓN, 1995, p. 29-32).

Ainda sobre essa temática, Dixon (2010) esclarece que a noção de marcação tem sido útil nas descrições linguísticas e explanações, desde que seja definida e aplicada com cuidado e não de forma exagerada como tem ocorrido frequentemente. A marcação em gramática aplica-se mais apropriadamente em um sistema fechado e de duas formas distintas, a marcação formal e a marcação funcional. Estas, às vezes, se correlacionam e, às vezes, não; cada variedade pode ser aplicada a sistemas de qualquer tamanho, com dois membros ou com mais de dois membros (DIXON, 2010, p. 235-236).

Dixon (2010) esclarece ainda que na marcação formal se um termo de um sistema tem realização zero, então ele é formalmente não marcado, como ocorre em casos de singular e plural. Já a marcação funcional se baseia no uso: os termos marcados podem ser usados em situações restritas ou específicas. Em inglês, o singular funciona como uma boa formação não marcada. O “plural” deve se referir a um conjunto de dois ou mais referentes, ao passo que o “singular” pode se referir a apenas um referente, mas pode também ser usado no sentido geral, quando nenhum número for especificado, como na sentença “o cachorro é o animal mais companheiro que eu conheço”. (DIXON, 2010, p. 237)

Enfim, busca-se abordar nesta seção, de forma introdutória, alguns fundamentos necessários para a análise e a descrição do uso dos espaços na Libras.

2 UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS

No que se refere aos universais linguísticos, destacam-se as declarações de Comrie (1989), para quem a teoria dos universais linguísticos deve ser dividida em três caminhos possíveis em relação às propriedades da linguagem humana: especificar quais as propriedades necessárias para a linguagem humana; quais as propriedades impossíveis para a linguagem humana; e quais as propriedades eventualmente possíveis, mas não necessárias para a linguagem humana. O objetivo do estudo dos universais linguísticos é verificar os limites dentro da linguagem humana e se a tipologia se vincula diretamente ao estudo da variação da linguagem humana. (COMRIE, 1989, p. 33)

Comrie acrescenta que algumas das possibilidades lógicas, na análise linguística, não são representadas ou, quando o são, aparecem designadas por uma estatística significativa com alto ou baixo número de representantes, o que explica a importância do resultado tipológico para a declaração dos universais linguísticos.

Se uma língua tem formas reflexivas distintas na primeira e na segunda pessoa, por exemplo, terá formas reflexivas distintas na terceira pessoa. Existem quatro possibilidades lógicas: formas reflexivas distintas em ambas, primeira/segunda e terceira pessoa; formas reflexivas distintas na primeira/segunda pessoa, mas não na terceira pessoa; formas reflexivas distintas na terceira pessoa, mas não na primeira/segunda; sem formas reflexivas distintas, nem na primeira/segunda nem na terceira pessoa (COMRIE, 1989, p. 34).

Quando se designam línguas para essas quatro possibilidades lógicas, encontra-se um grande número de línguas que se encaixam na primeira, terceira e quarta categorias, mas nenhuma que se encaixe na segunda categoria. Assim, o que se iniciou originalmente como uma tipologia, e se empenhou, especialmente, na classificação transversal de línguas com base na ocorrência de formas reflexivas distintas na primeira/segunda pessoa e na terceira pessoa, acabou por conduzir suas análises para o estabelecimento de universais linguísticos.

Esse é claramente um caso particular da interação entre os universais e a tipologia, em que esta oferece uma interpretação daqueles como um conjunto de quatro possibilidades lógicas, embora somente três possibilidades sejam atualmente representadas.

Contudo, em princípio, nenhum parâmetro tipológico pode ser significativo para pesquisas dos universais linguísticos se, enfim, algumas das possibilidades não são representadas ou têm um baixo nível de significância na representação estatística. O que pode ser ilustrado com os universais de Greenberg, especialmente na ordem básica do sujeito, é que

tende a preceder o objeto. Ele apresenta três tipos de orações com os constituintes S, O e V, então, existem seis possibilidades lógicas de combinações entre eles: (a) SOV, (b) SVO, (c) VSO, (d) VOS, (e) OVS, (f) OSV.

Em sua análise, Comrie (1989, p. 34-35) acrescenta, ainda, que os tipos SOV e VSO aparecem na grande maioria das línguas do mundo; o tipo VOS ocorre em um número muito pequeno de línguas, o tipo OVS ocorre em pouquíssimas línguas e em uma área restrita. Ele destaca que, por enquanto, se espera uma descrição detalhada de alguma língua com a ordem básica de OSV. Existem indícios de que há línguas na região amazônica que têm OSV como sua ordem básica. Assim, a tipologia linguística, no que se refere a estas seis possibilidades de combinações de S, V e O, conduz ao reconhecimento de que há uma tendência nos universais linguísticos de que o sujeito preceda o objeto na ordem das palavras na oração.

2.1 LÍNGUAS DE SINAIS

Os primeiros estudos sobre Língua de Sinais tiveram grande impulso, em 1960, com a publicação da obra *Sign Language Structure*, de Stokoe, que destaca as semelhanças das línguas de sinais com a estrutura das línguas orais. Nesse mesmo sentido, diversos estudiosos, tais como Bellugi e Klima (1979 e 1990), Sacks (1990), Bellugi, Poisner e Klima (1987), e no Brasil, Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), corroboraram a presença, nas línguas de sinais, de estrutura, sintaxe, semântica e, também, fonologia.

Os estudos acima comprovaram que essas línguas apresentam tanto propriedades semelhantes às orais (como tipos de regras, capacidade de expressão e complexidade gramatical) quanto propriedades diferentes delas, pois passam por um processamento visual, ao passo que as línguas orais passam por um processamento auditivo. Observaram, também, que as línguas de sinais, da mesma forma que as orais, são processadas pelo hemisfério esquerdo do cérebro. Em decorrência disso, esses estudos estimularam a ampliação do uso do termo língua para definir tanto as línguas orais como as de sinais.

Stokoe (1960) destacou que os sinais não são imagens, mas símbolos abstratos, com uma complexa estrutura interior. O estudioso entendeu que cada sinal apresenta, na sua forma, componentes independentes – localização, configuração de mãos e movimento – e também que cada componente possui um número limitado de combinações. Seu trabalho representou um grande passo no conhecimento das características da Língua de Sinais Americana, doravante denominada ASL, de tal forma que vários estudiosos o seguiram, a fim de romperem com concepções inadequadas sobre as línguas de sinais.

Diversas pesquisas foram realizadas em vários países com o intuito de descrever, analisar e demonstrar as questões relacionadas ao *status* linguístico das línguas de sinais. Quadros e Karnopp (2004) apresentam algumas das inadequações nas concepções acerca da língua de sinais:

- 1) A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.
- 2) A língua de sinais seria única e universal, sendo, assim, usada por todas as pessoas surdas.
- 3) A língua de sinais apresentaria uma falha na organização gramatical, que seria derivada das línguas de sinais, sendo ela um *pidgin* sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.
- 4) A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito; sendo, estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.
- 5) As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.
- 6) As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto o esquerdo, pela linguagem (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31-37).

Sobre este último ponto, Bellugi e Klima (1990) destacaram que existem propriedades comuns aos dois tipos de línguas e propriedades específicas das línguas de sinais. Os estudos da ASL trouxeram à tona diversos questionamentos sobre a organização de uma língua que faz uso do canal gestual-visual e que apresenta suas unidades lexicais produzidas pelas mãos. A ASL, sendo uma língua visual, envolve diferentes funções do cérebro no momento de sua emissão e nos momentos da recepção. Os estudos destacaram que surdos que apresentavam alguma lesão no cérebro no hemisfério esquerdo demonstraram dificuldades na emissão da língua de sinais, mas a capacidade para a realização do processamento de relações não linguísticas visuoespaciais estava preservada. Pontuou-se, então, a separação entre a linguagem e as funções visuoespaciais que não sejam linguísticas, o que possibilitou perceber a existência de evidências de que os aspectos gramaticais da língua de sinais estejam situados no hemisfério esquerdo do cérebro. Afirma-se, ainda, que o processamento da linguagem humana independe da modalidade da língua (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 36).

Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a estudar cientificamente a ASL e a comprovar seu estatuto de língua natural. Ele propôs uma forma de analisar a formação de sinais, observando-se três parâmetros: a configuração de mão (CM), a locação da mão (L) e o movimento da mão (M). Nessa perspectiva, a CM, a L e o M são unidades mínimas (fonemas) que se combinam, então, para constituir os morfemas da língua de sinais. Uma notável diferença entre as línguas orais e as línguas de sinais é a ordem linear, ou seja, existe, nas línguas orais, uma sucessão de elementos ordenados. Já nas línguas de sinais existe a possibilidade de informações morfológicas simultâneas, posto que os fonemas são articulados simultaneamente (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48-49).

Sobre a temática da linearidade, pode-se dizer que as pesquisas evoluíram a ponto de o foco no movimento transformar-se em um precedente para as análises dos sinais. Depois dos anos de 1980, diversos pesquisadores questionaram e rejeitaram a simultaneidade na organização da estrutura da ASL (BRENTARI, 1996, p. 617).

Os autores Skott K. Liddell e Robert E. Johnson (1989) discordaram da simultaneidade e lançaram a proposta de que os sinais com movimento fossem analisados desde o momento do disparo do sinal até o final de sua execução, isto é, sugeriram a divisão temporal em três estágios fundamentais: (1) o momento em que a mão começa a executar o sinal, quando ainda está em retenção; (2) o estágio em que ganha movimento; (3) o momento final em que retorna à condição de estacionada.

A novidade trazida por Stokoe (1960) em relação aos três parâmetros de análise da língua de sinais determinou o desenvolvimento de modelos fonológicos, a introdução da ordem linear, o que mostrou a sequencialidade das unidades e o aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades na descrição fonológica dos sinais.

Após os estudos de Stokoe (1960), surgiram mais dois parâmetros que integraram a análise da língua de sinais em seu aspecto fonológico: a orientação de mãos (Or) e os aspectos não manuais (NM) ou expressão não manual (ENM). Segundo Quadros e Karnopp (2004), a orientação não foi considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe, porém Battiston (1974) e, posteriormente, outros pesquisadores lutaram para a inclusão da orientação de mãos como mais um parâmetro na fonologia das línguas de sinais. Apresenta-se, a seguir, uma breve revisão dos parâmetros fonológicos: configuração de mãos (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação de mão (Or) e expressão não manual

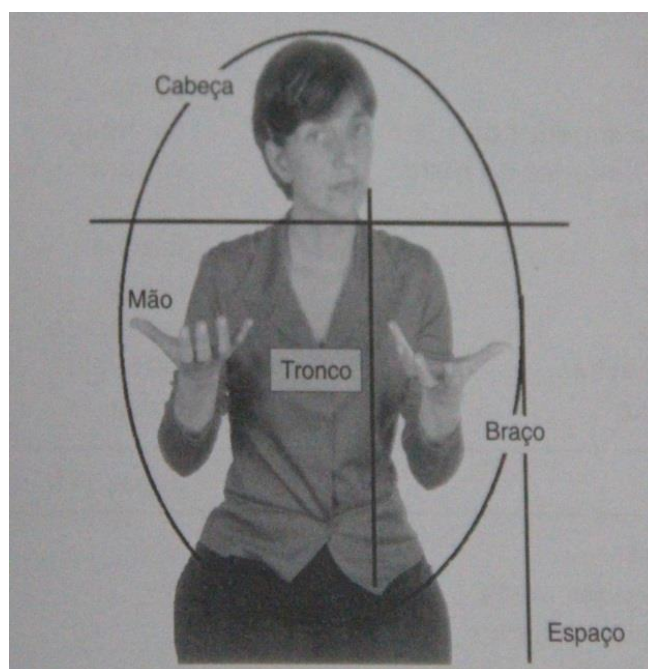
(ENM), pois faz-se necessário considerá-los na análise dos variados espaços de realização dos sinais. As ENMs serão detalhadas, dado o seu papel destacado no espaço sub-rogado. QUADROS E KARNOPP (2004, p.59),

A **configuração de mãos** representa as mais diversas formas que as mãos assumem na realização do sinal. No caso da Libras, Brito identifica 46 CMs e, mais adiante, os pesquisadores Pimenta e Quadros (2008, p. 73) apresentam 61 CMs em seu livro *Curso de Libras-1*. Atualmente, percebe-se um uso mais comum do quadro de configuração de mãos sugerido pelos pesquisadores Pimenta e Quadros.

O **ponto de articulação** é o espaço no qual a mão dominante pode tocar alguma parte do corpo, ou mesmo pode estar em um espaço neutro. Brito (1995) amplia a lista dos pontos de articulação sugerida por Friedman (1976), que é dividida em quatro regiões principais (a cabeça, o tronco, os braços e a mão), acrescentando a perna e um espaço neutro. Brito (1995) esclarece que o ponto de articulação é o espaço em frente ao corpo ou de uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. A estudiosa acrescenta que existem dois tipos de sinais articulados, os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma região do corpo (BRITO, p. 37).

Em relação ao parâmetro do **movimento**, Klima e Bellugi (1979) esclarecem que, para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, as mãos do enunciador representam um objeto, e o espaço no qual o movimento se realiza é a área em torno do corpo do enunciador. O movimento define-se como um parâmetro complexo, que pode utilizar diversas formas e direções, envolvendo desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, até os movimentos direcionais no espaço (KLIMA; BELLUGI, 1979 apud QUADROS; KARNOPP, 2009, p. 54).

Nas línguas de sinais, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro de um raio de alcance das mãos em que os sinais são realizados. O espaço de enunciação é o espaço ideal, levando-se em consideração que os interlocutores estejam face a face, conforme pode ser observado na figura 1.

Figura 1 – Espaço de enunciação

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Os movimentos identificados nas línguas de sinais referem-se a tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento. Em relação ao tipo, no movimento podem ser observados: a forma geométrica, a interação, o contato, a torcedura de pulso, o dobramento do pulso e a parte interna das mãos. Os movimentos podem ser unidirecionais, bidirecionais e multidirecionais. Em relação à maneira, destacam-se: a qualidade, a atenção e a velocidade do movimento; já a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 55).

A **orientação** da palma da mão foi considerada um parâmetro da fonologia de sinais com base na existência de pares mínimos de sinais nos quais ocorrem mudanças de significado a partir de sutis movimentos de orientação da palma da mão, conforme Battison, (1974), Bellugi, Klima e Siple (1975 apud QUADROS; KARNOPP, 2009, p. 59). Brito esclarece que orientação das mãos é a direção da palma da mão durante o sinal, que pode ser voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita. A autora explica ainda que pode haver mudança na orientação durante a execução do movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59-60).

A **expressão não manual** (ENM), como é comumente chamada, ou componente não manual, como quer Brito, refere-se a elementos muito importantes, pois existe a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do resto do corpo sejam parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados (BRITO, 1995, p. 41).

Sobre o mesmo tema, Quadros e Karnopp (2004) explicam que as ENMs, movimento da face, dos olhos, da cabeça e do tronco, detalhadas na tabela 1, exercem dois papéis nas línguas de sinais: a marcação de construções sintáticas e a diferenciação de itens lexicais. As expressões não manuais que têm função sintática marcam a presença das sentenças interrogativas sim-não, das interrogativas QU, das orações relativas, das topicalizações, da concordância e do foco.

Brito e Langevin (1995) identificam as expressões não manuais da Libras que são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60-61).

Tabela 1 – Expressão não manual

Expressões não manuais (BRITO; LANGEVIN, 1995)
<p>Rosto</p> <p><u>Parte superior</u></p> <p>sobrelhas franzidas</p> <p>olhos arregalados</p> <p>lance de olhos</p> <p>sobrelhas levantadas</p> <p><u>Parte Inferior</u></p> <p>bochechas infladas</p> <p>bochechas contraídas</p> <p>lábios contraídos e projetados e sobrelhas franzidas</p> <p>correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha</p> <p>apenas bochecha direita inflada</p> <p>contração do lábio superior</p> <p>franzir do nariz</p>
<p>Cabeça</p> <p>balanceamento para frente e para trás (sim)</p> <p>balanceamento para os lados (não)</p> <p>inclinação para frente</p> <p>inclinação para o lado</p> <p>inclinação para trás</p>
<p>Rosto e cabeça</p> <p>cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrelhas franzidas</p> <p>cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p>Tronco</p> <p>para frente</p> <p>para trás</p> <p>balanceamento alternado dos ombros</p> <p>balanceamento simultâneo dos ombros</p> <p>balanceamento de um único ombro</p>

Fonte: Tabela baseada em Quadros e Karnopp, 2004.

Cada uma das ENMs assume sua importância dentro do discurso linguístico em diferentes níveis, pois apresentam comportamentos diferenciados umas das outras.

Os marcadores não manuais incluem um número de canais independentes: posição da cabeça, posição do corpo, sobrelhas e posição da testa, olhar, posição de nariz, boca,

língua e bochecha. Normalmente, os sinais não manuais fornecem informações morfológicas de um item lexical ou indicam as extremidades de frases, marcos de fronteira, ou sua extensão, que são denominados marcadores domínios (WILBUR 2000, p. 223).

Ainda sobre o tema, Wilbur (2000) argumenta que existem camadas na língua de sinais, pois, ao se falar em movimento, é preciso definir o local e a trajetória do sinal. Ele amplia o debate, alegando que também existem camadas nos componentes não manuais, as expressões do corpo e da face. Em relação à face, ele propõe a seguinte divisão: inferior e superior. Na parte inferior da face, o uso determina aparição de informações adjetivas e adverbiais; a boca, a língua e as bochechas estão associadas a um item lexical específico ou a orações. Na parte superior, que incluiu partes da face e partes da cabeça, sobrancelhas, olhos, posição/inclinação ou aceno da cabeça, apresentam-se os constituintes sintáticos (WILBUR, 2000, p. 223).

A relação das ENMs com o espaço foi um dos focos da pesquisa de Araújo (2013). A explicação que a autora encontrou perpassa pelo elemento de coesão no que diz respeito ao espaço onde o texto está sendo anunciado. Ela destaca que o espaço *token* é utilizado depois de esclarecida qual a situação em andamento. É possível começar uma narrativa em qualquer espaço, mas a forma de garantir a clareza é começando no espaço sub-rogado. Se o surdo sentir que não foi claro, ele lançará mão do espaço sub-rogado ou real e voltará ao *token*. Assim, as expressões e as marcas nascem no espaço sub-rogado ou real, preferencialmente, e continuam existindo no espaço *token* (ARAÚJO, 2013, p. 40-41).

Segundo essa estudiosa, as ENMs de ordem morfológica se referem àquelas que desempenham os papéis de pronome, de adjetivo e de localização; as ENMs com funções sintáticas são realizadas pela cabeça e pelos olhos. A autora destaca que a regra é que o olhar deve ser mantido no interlocutor, e nos momentos em que isso não acontece, o olhar é desviado para as mãos ou para algum ponto no espaço. O retorno do olhar para o interlocutor assinala o início de uma nova oração.

Ainda sobre o tema, Araújo (2013) acrescenta que outra função sintática desempenhada por ENMs é a de marcadoras de dois tipos de oração: os movimentos de cabeça servem para indicar as orações interrogativas, com o movimento ascendente, e as orações negativas, com o movimento lateral. A autora optou por manter o termo ENM para as ENMs fonológicas e, para as ENMs que desempenham uma função morfológica ou sintática, ela adotou o termo marcas não manuais - MNMs (ARAÚJO, 2013, p. 93-94).

A pesquisadora extraiu e reuniu os princípios linguísticos que regem o uso das ENMs, pois estas, além de constituírem um parâmetro fonológico, articulam-se simultaneamente com as expressões manuais, articulam-se entre si, usam o espaço de acordo com a necessidade do discurso e juntam-se nas transferências, quer de forma, de pessoa ou de situação (ARAÚJO, 2013, p. 93-94).

3. ESPAÇOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Os espaços nas línguas de sinais possuem função especial de acordo com os aspectos gramaticais que evidenciam. Essa questão vem sendo estudada por Liddell (2000), Cuxac (1996, 2000), Sallandre e Cuxac (2002), Meir et al (2006) e Campello (2008).

3.1 Estruturas conceituais: iconicidade discursiva

Liddell (2000) destaca alguns aspectos gramaticais relativos ao uso de determinados espaços que vêm sendo estudados em ASL e apresenta três tipos específicos de espaços usados na ASL: o real, o *token* e o sub-rogado.

A proposta de Liddell busca embasamento na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (2005), que define:

[...] espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para estas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais (FAUCONNIER, 2005, p. 291).

Liddell (1995) explicita que os espaços mentais são objetos mentais que são distintos das estruturas linguísticas. Eles são estruturas conceituais sobre as quais as pessoas falam e que podem construir durante o discurso. A concepção pessoal de seu corrente ambiente físico é um espaço mental, como uma concepção de uma história, um evento, uma imagem, ou virtualmente qualquer outro tipo de construção mental. A teoria dos espaços mentais tem uma aplicação direta no comportamento dos pronomes e verbos da ASL em todos os seus usos e Van Hoek (1988, 1989, 1992) começou a explorar intensamente seu valor na análise da ASL no que se refere ao uso da sinalização no espaço (LIDDELL, 1995, p. 21).

3.1.1 Espaço real

O espaço real é uma “representação mental” do ambiente físico imediato em que ocorre o ato de fala em língua de sinais. Esse espaço mental, denominado “real”, depende do que está fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação e refere-se, por meio de apontação, às pessoas e aos objetos que estão presentes no local nesse momento. O espaço real marca a presença da 1ª e da 2ª pessoa do discurso, sendo a 1ª pessoa o sinalizador ou sinalizante, e a 2ª pessoa, o interlocutor. É preciso destacar que, neste espaço do discurso,

pode ocorrer a presença de pessoas e objetos e da 3ª pessoa. O termo real é usado para se fazer referência ao espaço mental que é, de fato, a concepção do indivíduo do que é perceptível no seu ambiente físico. É o que as pessoas percebem como presentes e reais no ato de fala.

3.1.2 Espaço sub-rogado

O espaço sub-rogado consiste em um espaço mental onde as coisas e as pessoas são tratadas como se estivessem presentes. Assim, existe semelhança entre o modo como se faz referência no espaço sub-rogado e a referência aos seres fisicamente presentes. Nesse espaço, representado visualmente por uma espécie de encenação, pode ser narrado algo que já aconteceu ou vai acontecer. Nele, o sinalizante assume o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa. (LIDDELL, 1995, p. 31) Nesse espaço, indica-se a pessoa ou o objeto que não está presente por meio da apontação para algum lugar no espaço, que fica marcado para referências anafóricas. É um espaço muito usado pelo surdo para narrar suas histórias ou remeter-se a fatos ocorridos em sua vida ou vivenciados por terceiros.

Liddell acrescenta que, no espaço sub-rogado, o sinalizante pode conceber pessoas ou coisas não presentes como se estivessem presentes; por exemplo, se a pessoa é concebida como se estivesse presente, o sinalizante pode direcionar o sinal para um determinado lugar no espaço já definido como sendo dessa pessoa e é como se realmente o personagem da narrativa estivesse presente (LIDDELL, 2000, p. 387). O autor destaca que essa representação mental ocorre em tamanho natural, pois a encenação é representada pelo próprio sinalizante (LIDDELL, 2000, p. 159).

3.1.3 Espaço *token*

No espaço *token*, a sinalização ocorre em um espaço mais limitado do que o utilizado no espaço real ou no sub-rogado, uma vez que o espaço em que se quer indicar e representar os elementos da narrativa fica com seu tamanho reduzido. O espaço que o *token* preenche é limitado ao tamanho do espaço físico à frente do sinalizante, no qual as mãos se localizam durante a realização dos sinais (LIDDELL, 1995, p. 33). Cabe destacar que um ponto, ao ser marcado no espaço como pertencente a um determinado personagem da narrativa, sempre será olhado, apontado ou indicado pelo direcionamento do corpo apenas para aquele personagem durante essa narrativa. No espaço mental *token*, a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam pessoas do ato de fala, “eu-tu”. Esta forma prevê o

uso do espaço que fica em frente ao corpo do sinalizador como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas “peças” de representação.

Liddell revela que na ASL e aparentemente em todas as línguas naturais de sinais, [...] permite-se que os sinalizadores, ao produzirem sinais dentro do espaço de sinalização, indiquem referentes específicos ou mostrem posições específicas, por meio de pronomes, verbos, concordância dos verbos e dos classificadores. Acrescenta que, produzindo-se um certo sinal em determinada direção ou em determinadas partes do espaço de sinalização, produz-se um significado que diferencia este sinal de outro produzido em outras áreas do espaço de sinalização ou direcionado para elas (LIDDELL, 1995, p. 19).

Destaca, ainda, que as línguas orais não têm a vantagem desta habilidade na língua, como, por exemplo, apontar a língua para a esquerda enquanto emite a consoante inicial da palavra *this* para indicar que o referente é o falante da esquerda. As línguas de sinais, entretanto, estão estruturadas dessa forma e utilizam a predominância das habilidades do apontamento das mãos. Quando fazem referências a entidades do mundo real, os sinais apontam para os locais associados a essas entidades e aos lugares que elas ocupam.

Curiosamente, observa-se na língua portuguesa um fenômeno interessante no português falado em Recife/PE, provavelmente em outras cidades também, ao usar o vocábulo “ali”, o falante local pode fazer um movimento de torção dos lábios, como quem aponta com os lábios o lugar citado, o que contraria o argumento de Liddell ao diferenciar a língua de sinais da língua oral. O mesmo fenômeno pode ser observado no português falado em Minas Gerais, quando se percebe o movimento do queixo, da cabeça e dos olhos ao se indicar um local juntamente com o uso da expressão “logo ali”. Na língua portuguesa, entretanto, esse é um recurso esporádico e não gramaticalizado.

Liddell (1995) aborda três questões básicas a respeito do uso de cada espaço mental: 1) a natureza própria de cada espaço; 2) a natureza das representações linguísticas subjacentes a sua utilização; 3) o tipo do fenômeno gramatical exemplificado pelo uso daquele espaço mental. Ele explica que os falantes usam o plano linguístico para indicar se declarações precisam ser entendidas como expressão do ponto de vista do falante ou de outra pessoa. Nas línguas orais, são várias as estratégias para expressar pontos de vista: dêixis pronominais, demonstrativos, estrutura sintática e estilos literários. Nas línguas de sinais, também se usam esses mecanismos, mas, em acréscimo, o ponto de vista pode ser marcado por uma mudança de referencial, que pode ser expressa por uma leve virada no corpo e/ou mudanças no olhar, na posição da cabeça ou na expressão facial (LIDDELL, 1995, p. 20).

3.2 Papéis temáticos do corpo no espaço

Meir et al. (2006) afirmam que o corpo do sinalizador não é apenas um lugar formal para a articulação de sinais e que pode ser associado a um significado particular ou a uma função mais específica. Para os autores, os meios linguísticos utilizados para se estabelecer a comunicação de um evento são as mãos, o corpo do sinalizador e o espaço ao redor do sinalizante. Os autores desenvolvem a proposta de que a função básica do corpo nas formas verbais em uma Língua de Sinais é a de representar o argumento sujeito; eles descobriram que elementos formacionais de um sinal representam porções de significados e que a mão e o corpo podem ser usados destacadamente para codificar inúmeros participantes de um evento (MEIR et al., 2006, p. 87-88).


Para esses autores, nos verbos icônicos ou parcialmente icônicos articulados sobre o corpo – denominados verbos ancorados ao corpo –, o corpo passa a representar o sujeito. Acrescentam que o termo *iconicidade* é utilizado para se referir aos elementos formacionais e aos componentes de significado. No caso do verbo COMER, a iconicidade é óbvia e é possível notar a esquematização evidenciada entre a forma e o significado como um grupamento de correspondências que pode evidenciar qual dentre os elementos formacionais coincide com determinado aspecto do significado. Afirmam, ainda, que a correspondência entre a localização do sinal na boca da pessoa que come revela o agente no evento. Destacam que o corpo, nesse caso, não indica uma 1ª pessoa, ele pode estar na 1ª, 2ª ou 3ª pessoas, uma vez que COMER é sinalizado da mesma forma em diversas situações: “eu como”, “você come” ou “ele/ela come”. O corpo passa a ser um dos componentes formativos da oração; fica claro que ele é o agente. Na figura 2, por exemplo, o corpo da sinalizante, conforme o contexto, não representa apenas a primeira pessoa do singular “eu como” (MEIR et al. 2006, p. 88-89).

Figura 2 - Verbo COMER



Fonte: Meir et al., 2006.

Tabela 2

Mapeamento Icônico para COMER	
FORMA	SIGNIFICADO
 -configuração de mão	Segurando um objeto (comida)
Boca do sinalizador	Boca do agente que come
Movimento para dentro	Colocando um objeto dentro da boca
Movimento duplo	Um processo

Fonte: Meir et al., 2006.

Na tabela 2, fica bem claro o mapeamento icônico, comparando-se a forma e o significado de cada item proposto. Meir et al. (2006) examinaram, na Língua de Sinais Israelense (ISL), com exemplos similares na ASL, uma listagem de verbos ancorados ao corpo e observaram que, em sinais icônicos, o corpo é um argumento participativo no evento. Eis os exemplos dados pelos autores:

a) verbos psicológicos (localização: peito) ESTAR FELIZ, AMAR, SOFRER, ESTAR CHATEADO COM, MACHUCAR – o peito corresponde ao local das emoções no argumento experienciador;

b) verbos de atividades mentais (localização: testa e têmporas) SABER, LEMBRAR, ESQUECER, APRENDER, PREOCUPAR, PENSAR, SONHAR, ENTENDER, COMPREENDER, INFORMAR (uma ideia) – a testa e as têmporas representam o local da atividade mental do experienciador;

c) verbos de percepção (localização: órgãos dos sentidos) VER, OLHAR, OUVIR, ESCUTAR, CHEIRAR – os órgãos dos sentidos representam o local da atividade do experienciador;

d) verbos que indicam fala (localização: boca) FALAR, DIZER, PERGUNTAR, RESPONDER, EXPLICAR, GRITAR, SUSSURRAR – a boca representa a parte relevante do corpo do argumento-agente;

e) verbos de mudança de estado (localização: rosto, peito ou olhos) CORAR, MELHORAR, ACORDAR – o rosto, o peito e os olhos representam a parte relevante do corpo do argumento-paciente.

Meir et al. (2006) asseguram, ao expor essa listagem, que o corpo do sinalizante pode ser ligado a papéis temáticos, como agente, paciente, experienciador e receptor. O corpo representa um componente do evento, o argumento sujeito que demonstra sentimentos, sensibilidade e tem uma boca. As mãos, ao contrário do corpo, podem movimentar-se, evidenciando liberdade no momento da sinalização e podem representar componentes relevantes de uma oração (MEIR et al. 2006, p. 89-90).

Eles acrescentam que a escolha do argumento não acontece de forma aleatória; no caso de um predicado de um só lugar, o corpo é associado a um único argumento do predicado. Se for uma situação em que ocorra um evento transitivo, o argumento associado às propriedades do corpo será o argumento escolhido para ser usado naquela situação, como se observa nos exemplos citados pelos autores: o agente em verbos <agente, paciente> (ex.: COMER, BEBER, OLHAR) ou verbos <agente, paciente, receptor> (ex. PERGUNTAR, INFORMAR, EXPLICAR) e o experienciador e receptor em verbos <experienciador, tema> (ex.: VER, OUVIR, AMAR). O corpo é associado ao argumento-sujeito; o padrão básico de lexicalização ao representar um estado de língua de sinais é o corpo como sujeito.

Esses autores afirmam que os aspectos do movimento podem corresponder aos aspectos temporais do evento (telicidade); a direção do movimento geralmente codifica papéis temáticos espaciais dos argumentos, tais como ponto de partida e destino; e a localização final do sinal é associada ao argumento-recipientes. A configuração de mão (CM) geralmente representa o argumento em movimento (o tema) ou a manipulação do argumento (paciente) pelo sujeito. A CM específica representa o ato de segurar ou manipular um objeto sólido, a comida, no caso de “comer” (MEIR et al., 2006, p. 91-96).

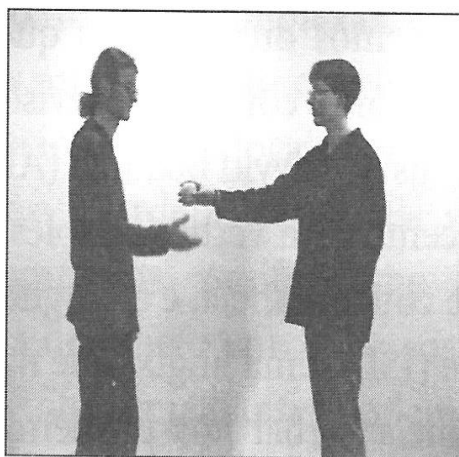
Segundo Meir et al. (2006, p. 98), o corpo não se movimenta como as mãos, codificando, portanto, um número menor de aspectos do evento. Ele codifica o argumento sujeito, representando-o apenas para seres animados. Os eventos que envolvem sujeitos inanimados são articulados pelas mãos no espaço à frente do sinalizador, na maioria das vezes. Dessa forma, as mãos são importantes e versáteis no momento da sinalização, mas deve-se também levar em consideração o corpo como sujeito no momento da sinalização de uma narrativa em língua de sinais.

Mais adiante, Meir et al. (2006, p. 101) exemplificam um estudo sobre a comunidade beduína Al-Sayyid, fundada há mais ou menos 200 anos, em Negev, atual território de Israel. Nos dias de hoje, os autores informam que Al-Sayyid é composta por 3.500 membros e o casamento consanguíneo é uma norma desde a sua terceira geração. Os cem membros surdos

da comunidade são integrados à estrutura social e não são estigmatizados ou marginalizados, e a língua de sinais da comunidade é a língua de sinais al-sayyid beduína (ABSL). Essa língua possui duas classes verbais, os verbos simples e os verbos espaciais. Participaram do estudo nove sinalizadores da segunda geração (28 a 45 anos) e doze sinalizadores (4 a 24 anos) da terceira geração. Foi realizada uma coleta de dados por meio de "um clipe designado a colher uma variedade de verbos transitivos e intransitivos perpassando diferentes categorias semânticas", que foi mostrado aos sinalizadores (MEIR et al., 2006, p. 102). Foram analisadas, no total, 201 formas verbais e 176 envolveram movimento em relação ao corpo. Os movimentos dos sinais partem do centro do corpo do sinalizante para fora do seu corpo (de dentro para fora) quando o sujeito é a fonte (nos verbos DAR, ATIRAR e ALIMENTAR), ou de fora para dentro, quando o sujeito é o destino (como em verbos reversos, LEVAR e PEGAR).

Com base em um clipe no qual uma mulher dá a bola a um homem e os atores transferiram o objeto de um lado para o outro da tela, participante da pesquisa sinalizou que a mulher estava no lado direito da tela e o homem à sua esquerda, mas a forma verbal sinalizada por ele não utilizou nenhum desses locais. O movimento do verbo DAR partiu do centro do seu corpo (dentro) para fora do seu corpo. Observe-se o exemplo dado pelos autores na figura 3, abaixo:

Figura 3 - “Mulher dá a bola ao homem”, em ABSL



Fonte: Meir et al., 2006.

Os autores observaram que os sinais envolviam segurar ou manipular um objeto e movê-lo para outro local, como mostrado na figura citada. Essas produções verbais foram tratadas como verbos espaciais. Os autores concluíram que, nos verbos de transferência da ABSL, o corpo representa o argumento-sujeito, seja ele a fonte da transferência, como se nota

no uso dos verbos DAR, ATIRAR e ALIMENTAR, seja ele seu destino, no uso de LEVAR e PEGAR. Para Meir et al. (2006, p. 102), essas formas comportam-se como verbos simples. O sistema verbal da língua não codifica diretamente diferentes pessoas gramaticais e os dados evidenciaram o padrão “corpo como sujeito”.

Diferentemente da ABSL, a Língua de Sinais Israelense (ISL), de acordo com Meir et al. (2006, p. 103), desenvolveu-se em uma situação de *pidgin* há aproximadamente 70 anos. As primeiras gerações de surdos eram provenientes de contextos diferentes. Alguns indivíduos de outros países falavam as LS dos respectivos países, outros não sabiam LS ou usavam sinais caseiros. Atualmente, quatro gerações de sinalizadores convivem na mesma comunidade.

A primeira é composta de pessoas que têm mais de 65 anos. Essas pessoas não flexionam os verbos de transferência, usam verbos simples, tal como demonstram os resultados obtidos nos estudos da ABSL. Os sinalizadores com 40 e 50 anos usam verbos de concordância, partindo do corpo e concordando com o objeto (recipiente). Os mais jovens, com 30 anos ou menos, flexionam verbos de concordância para o sujeito e para o objeto.

Meir et al. (2006, p. 95) afirmam que podem oferecer uma classificação verbal alternativa para a ASL e para a ISL, levando em consideração o papel do corpo e o das mãos. Os autores destacam que os verbos simples, em especial os que são ancorados no corpo, podem ser um conjunto de verbos em que o corpo é o sujeito e a categoria de pessoa gramatical não é codificada. Afirmam ainda que, nos verbos de concordância, o corpo é a 1ª pessoa e as localizações no espaço de sinalização são associadas a referentes que não são de 1ª pessoa. Em especial, as mãos, no aspecto da direção e da orientação, codificam os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos. Esclarecem, enfim, que os verbos espaciais, incluindo-se as construções com classificadores, possuem pontos iniciais e finais determinados por referentes espaciais. O movimento do sinal começa em um local e termina em outro, ocorre descrição da trajetória do movimento do sinal. As mãos, nos verbos espaciais e nas construções com classificadores, representam entidades que se movem no espaço, e o corpo não é envolvido no evento, em nenhum momento.

Meir et al. (2006, p. 104) concluem afirmando que o padrão “corpo como sujeito”, ainda que seja básico, é ofuscado por outros sistemas em línguas de sinais, porém quando o fenômeno é reconhecido, ele serve de explicação para diversos fenômenos interlinguais e intralinguais.

Sabanai (2016), ao discorrer sobre a pesquisa de Meir et al. (2006), comenta que esses estudos trazem um novo olhar sobre a classificação dos verbos em língua de sinais, uma vez que levam em consideração não somente o que as mãos podem fazer no momento da sinalização, mas também consideram o papel que o corpo tem nas narrativas e como isso influi na classificação verbal de algumas línguas de sinais. Sabanai acrescenta que, embora a identificação do corpo como sujeito constitua um avanço na análise da morfossintaxe da Libras, é necessário ainda distinguir, à luz das teorias linguísticas, a função desses argumentos nas orações. Em sua pesquisa sobre Libras, essa autora identificou a existência da oposição entre voz ativa e voz passiva (SABANAI, 2016, p. 30-31).

3.3 Alta iconicidade e iconicidade padrão

Christian Cuxac (2002) apresenta estudos da Língua de Sinais Francesa, doravante FSL, e oferece uma visão que se divide em dois tipos de estruturas: uma chamada de estruturas padrão ou "sinais padrão", e outra denominada estruturas de alta iconicidade.

O sinal padrão é marcado pelos gestos das mãos ou da cabeça e do rosto, pela orientação do signo, a sua localização e movimento. Cada parâmetro compreende uma lista de elementos correspondentes aos fonemas da linguagem oral.

Cuxac e Sallandre (2002) esclarecem que a LSF é baseada em um léxico padrão, que se apresenta como um grupo discreto e estabelecido de sinais, e que pode ser encontrado nos dicionários de LSF. Esse léxico padrão é fortemente estudado por linguistas em pesquisas de diferentes línguas de sinais. A originalidade de qualquer língua de sinais é comparada com a língua falada e é demonstrada na possibilidade de ter outras estruturas dotadas de valor de alta iconicidade e com mais funções ou menos independência do que o léxico padrão.

Esses autores analisam o modelo linguístico básico da iconicidade e escolhem seguir a hipótese de Cuxac, no que diz respeito à distinção entre essas duas abordagens (alta iconicidade e iconicidade padrão). Nesse sentido, o processo de iconização divide-se em dois sub-ramos: estrutura altamente icônica e estrutura icônica do sinal padrão, conforme se pode observar no quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Processo de Iconização

PROCESSO DE ICONIZAÇÃO (intenção semiótica)									
Estrutura Altamente Icônica (com intenção)								Iconicidade do Sinal Padrão (sem intenção)	
Transfe- rência de tamanho e forma	Transfe- rência de situação	Transferência de Pessoa							
	Dupla transfe- rência	Transfe- rência pessoal	Transfe- rência de estereótipos	Dupla transfe- rência	Pseudotrans- ferência	Semitrans- ferência	Aparte	Características moleculares dos sinais (composição)	
								Sinal padrão	
								Semitrans- ferência	Aparte

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em Cuxac e Sallandre, 2002.

A Estrutura Altamente Icônica – considerada iconicidade imagética porque se supõe que tais estruturas se originam no universo mental da imaginação – ocorre quando existe a intenção deliberada de ilustrar e demonstrar algo enquanto se fala. Essa possibilidade é a característica da língua de sinais, por meio da qual se mostra a necessidade de nominar as operações cognitivas subjacentes à intenção.

As operações cognitivas são experiências extralinguísticas denominadas anamórficas; resultam do universo percepção/prática dentro do espaço do sinalizador (o espaço tridimensional, onde a língua de sinais ganha corpo). Essas operações são realizadas na linguagem pelas estruturas denominadas “transferências”, como uma lembrança de que são resultado da intenção deliberada de exibição.

A Estrutura Altamente Icônica divide-se em três tipos de transferências: de *tamanho e forma*; de *situação*, que se ramifica em *dupla transferência*; e de *transferência de pessoa*. Esta última, por sua vez, subdivide-se em *transferência pessoal*, *transferência de estereótipos*, *dupla transferência*, *pseudotransferência*, *semitransferência* e *aparte*. Um aparte “é como em uma convenção teatral, admitindo um padrão de sinais”, de acordo com Cuxac e Sallandre (2002, p. 3).

Afirmam esses autores que a forma mais comum de iconicidade na Língua de Sinais é imagística, por causa da percepção visual, quando existe uma semelhança formal entre o sinal e o que está sendo referido na experiência extralinguística. Por exemplo, a palavra *casa* na LFS é sinalizada descrevendo-se um telhado (uma parte concreta do objeto). Vários outros

autores já mostraram diversos exemplos que provam que a iconocidade e a metáfora são métodos muito usados para a formação de sinais e neologismos.

Esse exemplo faz parte dos estudos na Libras, uma vez que a palavra *casa*, nessa língua, também é representada por um sinal que descreve parte do telhado de uma casa. Vale ressaltar que as raízes históricas da Libras indicam a LSF como a primeira a ser usada no Brasil nos tempos do Império, do que se depreende que esta serviu de base para a criação daquela.

Ainda sobre as estruturas com alta iconicidade, Cuxac e Sallandre explicam que esses não são sinais discretos, ou seja, distintivos, que sua forma e seu significado dificilmente são transcritos e que suas funções servem preferivelmente para representar a dimensão demonstrativa de “como isto” combinado com “como se”. Essas estruturas podem ser ativadas a qualquer momento, mostrando e atuando, como se a pessoa que fala fosse a pessoa com quem ela fala, quaisquer que sejam as suas ações enquanto narra (transferência pessoal e transferência dupla). Nesse caso, o sinalizante oferece uma reconstrução imagística da experiência (CUXAC E SALLANDRE, 2002, p. 3).

Com relação aos três tipos de transferências, eles salientam que, na *de tamanho e forma*, mostram-se e descrevem-se a forma e o tamanho de um objeto, sem nenhum processo envolvido; na *transferência de situação*, mostra-se a situação, como se fosse possível ver a cena à distância, o que para outras línguas de sinais pode ser considerado classificador; na *transferência de pessoa*, mostram-se processo e papéis. Essas transferências são traços visíveis da operação de conhecimento, que consiste em transferência do mundo real pela quarta-dimensionalidade (às três dimensões do espaço – comprimento, largura e altura – é adicionada a dimensão do tempo) no discurso sinalizado. Esses tipos serão detalhados e ilustrados nas seções seguintes.

Os pesquisadores mencionados continuam descrevendo as operações de transferência, pois as estruturas de alta iconicidade são claramente refletidas nessas operações (CUXAC, 1996, 2000; SALLANDRE; CUXAC, 2002; SALLANDRE, 2003).

3.3.1 Transferência de tamanho e forma

Essas estruturas são usadas para representar parcial ou totalmente o tamanho e/ou a forma de lugares, objetos ou características. O olhar estabelece a forma (o formato da mão e a orientação da mão) no espaço (delimitado pelas mãos), então segue o formato e se desenrola no espaço (movimento das mãos, qualificado ao mesmo tempo pela expressão facial). Na

figura 4, a seguir, o sinalizante faz a transferência de tamanho e forma, representando o tronco de uma árvore; é possível acompanhar, na sequência de imagens, a indicação do início do tronco, mais largo, do meio e do fim do tronco, com um formato mais fino do alto de um tronco de uma árvore. O sinalizante infla as bochechas, indicando que o tronco da árvore é de fato, grande.

Figura 4 – Transferência de tamanho e forma



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Figura 5 – Transferência de tamanho e forma



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Figura 6 – Transferência de tamanho e forma



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Na figura 5, o sinal realizado pelo informante refere-se ao formato do tronco de uma árvore, marcando o seu início e o seu fim. Na figura seguinte, de número 6, o sinal refere-se ao galho de uma árvore, o sinalizante chupa as bochechas indicando que o galho é fino.

3.3.2 Transferência de situação

O sinalizante usa o espaço à sua frente e reproduz iconicamente as cenas, representando o movimento no espaço do atuante em relação ao locativo estável, que funciona como um ponto de referência. O olhar estabelece uma forma estável (o formato de sua mão não dominante) no espaço (colocação de sua mão não dominante), seguida de posições: a forma (formato de sua mão dominante) em relação a sua mão não dominante (colocação de ambas as mãos) e finalmente precede a trajetória da mão dominante (movimento) em relação à mão não dominante (colocação relativa de ambas as mãos ao final do movimento). Ao mesmo tempo, por meio da expressão facial, ele qualifica a ação do movimento. No exemplo da figura 7, pode-se perceber que os dois sinalizantes representam o pulo de um cavalo; os dois sinalizantes usam a mesma estrutura de situação de transferência para mostrar o cavalo pulando a cerca, a mão não dominante estabelece o locativo “cerca”, como ponto de referência, enquanto a mão dominante retrata o agente “cavalo”. Ambos os sinalizantes apresentam o olhar e a expressão do agente “cavalo”.

Figura 7 – Transferência de situação



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

3.3.3 Transferência de pessoa

Cuxac e Sallandre (2007) destacam que, na transferência de pessoa, o sinalizante desaparece e torna-se o protagonista na narrativa (humano, animal ou coisa). Seus gestos

correspondem ao efeito da característica de quem ele se refere e de quem ele tomou o lugar na narrativa. O sinalizante incorpora um menininho, uma árvore, um cachorro e outros mais. Esses tipos de estrutura de extrema iconicidade podem ser divididos em diferentes transferências de pessoa, organizadas de um modo contínuo, começando-se de um alto grau, a transferência completa, para um baixo grau, a transferência parcial: *transferência pessoal* (atuando em um papel completo); *transferência de estereótipos* (pegando empréstimos da cultura dos ouvintes); *dupla transferência* (combinando a transferência pessoal, para atuação, e a transferência de situação, para uma informação localizada ou um segundo personagem, simultaneamente); *pseudotransferência* (descrevendo o personagem com seus atos, quase como uma transferência pessoal, mas envolvendo menos energia corporal).

Para esses autores, a situação da transferência pessoal envolve todo o corpo do sinalizante para reproduzir uma ou mais ações executadas ou prolongadas pelo atuante no curso do seu discurso. As atuações são usualmente de humanos ou animais, mas podem também ser de seres inanimados. O narrador torna-se a pessoa, ele/ela de quem se fala. Os movimentos do corpo e da face, a natureza e a direção do seu olhar e sua expressão facial representam aquelas transferências de personagens. O formato e a orientação das mãos do narrador retratam a forma básica de uma ação (movimento das mãos); como, por exemplo, ganancioso, andando. Para caracterizar essas estruturas, a LSF usa um significado aproximado de papel ou representação.

Figura 8 – Transferência de pessoa



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Nas imagens acima da figura 8, os sinalizadores fazem a mesma transferência de pessoa para mostrar um cavalo em uma parada comemorativa. Todos os parâmetros manuais e não manuais representam o agente “cavalo” em uma parada. Existe uma completa incorporação do narrador/sinalizador ao seu papel, o que corrobora o emprego de termos como *mudança de papel* ou *interpretação de papéis*, já usados por outros autores, como Enberg-Pederson (1993) e Liddell (2002), na caracterização desse tipo de ocorrência. É possível notar a expressão de perplexidade na sinalizadora da esquerda e a expressão de surpresa no sinalizador da direita.

3.3.4 Combinação de transferências

Cuxac e Sallandre (2007) descrevem o que chamam de combinação de transferências como estruturas que podem se combinar. Por exemplo, a transferência de pessoa e a transferência de situação podem resultar numa dupla transferência, o que produz uma estrutura mais complexa, ou seja, a semantização do corpo até a estratificação da função, estruturas mínimas que são genuínos papéis múltiplos de atuação.

Segundo eles, as operações de transferências são compostas por elementos morfêmicos internos, baseados no grau elevado de multilinearidade e semantização paradigmática do corpo, do olhar, de expressões faciais e dos gestos das mãos. Os gestos das mãos são, por sua vez, constituídos de elementos morfêmicos que não se realizam de forma isolada, mas seguem paradigmas quanto ao formato, à orientação no espaço, ao posicionamento no corpo ou no espaço, e aos movimentos.

Linguisticamente falando, a iconicidade não apresenta um problema teórico para essas estruturas, desde que a intenção seja deliberada.

Figura 9 – Combinação de tranferências



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Na figura 9, o sinalizante usa uma dupla transferência: suas mãos representam o locativo estável, jarra. Sua cabeça, com expressão facial demonstrando passividade, seu olhar e o resto de seu corpo representam uma maçã – um papel de paciente; nota-se a representação de uma maçã imersa passivamente na jarra.

Figura 10 – Combinação de transferências



Fonte: Cuxac e Sallandre, 2007.

Na figura 10, Cuxac e Sallandre mostram mais uma vez um sinalizador usando a dupla transferência, mas estruturada de uma forma diferenciada. Como se nota na figura, sua cabeça, sua expressão facial, seu olhar fixo e o resto do seu corpo representam o paciente “maçã” com a transferência de pessoa. Mas a mão dominante do sinalizador é usada como agente nas ações do cozinheiro ao cortar a maçã com uma faca. Nota-se que a mão não dominante não tem nenhuma função. A cabeça do sinalizante é usada como um locativo estável no qual o cozinheiro atua; depreende-se que a maçã está sendo cortada em pedaços pelo cozinheiro.

A questão interessante, salienta Cuxac, é mostrar que estruturas e iconicidade podem caminhar juntas (CUXAC; SALLANDRE, 2007, p. 13-20).

Ainda sobre as questões de iconicidade e alta iconicidade conceituadas por Cuxac (2007), é interessante precorrer a proposta da estudiosa Campello (2008) que em sua tese de doutorado propõe algumas alterações. Inspirada em Cuxac (1996), Campello (2008) propõe em sua tese que as estruturas altamente icônicas mudem o nome para Descrições Imagéticas e que as mesmas seriam, também, compostas por transferências. Campello (2008) modifica as

três transferências apresentadas por Cuxac e adiciona mais duas: 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF); 2) Transferência Espacial (TE); 3) Transferência de Localização (TL); 4) Transferência de Movimento (TM) e 5) Transferência de Incorporação (TI).

Para Campello (2008) a Transferência de Tamanho e de Forma, serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja for, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental). A autora acrescenta, ainda, diversas outras características tais como poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor e etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes. (CAMPELLO, 2008, p.213)

A mesma autora acrescenta que na Transferência Espacial o sinalizador transfere todos os elementos constitutivos de um determinado espaço, seja ele micro ou macro. Para Campello (2008) todas as características da estrutura icônica são transportadas para o espaço de onde é inserida e destaca que o espaço é influenciado pela localização, pela profundidade espacial, pelo tamanho e pelo isolamento. Campello (2008) destaca, ainda, que podem ser com movimentos ou sem movimentos circulares, que pode ser com reto, em curvas, em curvilíneos, de quadrado, de retangulares, de triangulares, diferença de status e interesse intrínseco (CAMPELLO, 2008, p.214).

Sobre a Transferência de Localização, Campello (2008) destaca que o que influencia a localização é a gravidade, direção que vai para frente, para trás, do lado direito, do lado esquerdo, da alternância, de puxar, de soltar. A localização é um dos pontos mais importantes nesta transferência, é a forma como se pode explicar um signo em relação a outros, sendo para cima ou para baixo ou de grande velocidade ou de pequena velocidade. Campello (2008) destaca a importância da direção do olhar para fazer marcações no espaço de sinalização, indicando a localização de alguns elementos discursivos na construção imagética, uma vez que os olhos são uma das particularidades mais importantes na sua direcionalidade para com o signo. De acordo com Campello (2008) os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta, ou seja, fica claro que durante uma transferência de localização, além do próprio corpo, os olhos também podem fazer retomadas dos referentes estabelecidos no espaço (CAMPELLO, 2008, p. 214).

Já na Transferência de Movimento (TM), Campello (2008) coloca que esta transferência evoca o equilíbrio visual e pode se usar várias maneiras de modo igual ou de modo diferente, como: uma imagem simples ou de uma imagem complexa, como duas imagens: simples e complexa. As características de alto e baixo mostram as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto. Para a autora é comum que haja a associação dos signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais. O contexto de rico/pobre, acadêmico/não-acadêmico, assim vários signos, passam a ter suas distinções visualmente (CAMPELLO, 2008, p.215)

Para Campello (2008), a Transferência de Incorporação (TI) pode conter todas as outras transferências. A diferença entre ela e as demais transferências repousa no fato do sinalizador se tornar o referente, atribuindo a si mesmo, tamanho, forma, espaço, movimento e localização. Nas outras transferências era possível fazê-las fora do corpo do sinalizador. Era possível fazer as transferências apenas no espaço neutro de sinalização em frente ao corpo sem se utilizar do próprio corpo para apresentar e/ou representar os significados. Já na TI, o narrador mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente. Campello (2008) indica que as expressões faciais ou corporais mostram o estado do espírito do narrador transferido, tanto na relação que se estabelece entre o narrador, quando na ação que está se realizando (CAMPELLO, 2008, p.215).

3.4 Relações gramaticais no espaço discursivo

Em seus estudos sobre línguas de sinais, Baker e Cokely (1980), e posteriormente Loew (1984), perceberam a necessidade de se “enxergar” um sistema visuoespacial ao se estudar a sintaxe espacial de uma língua de sinais, como pontuaram Quadros e Karnopp a esse respeito em 2004.

Os sinais são realizados no espaço. Assim, o uso do sistema pronominal e o estabelecimento nominal são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais no espaço. Para Baker e Cokely (1980: 227) e Loew (1984: 12), qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização, o espaço definido na frente do corpo do sinalizador. De acordo com tais autores, esse local pode ser definido por meio de vários mecanismos espaciais:

- a) fazer o sinal em um local particular (se a forma permitir, por exemplo, o sinal de *casa* pode acompanhar o local estabelecido para o referente);

Figura 11 – CASA (do João) / CASA (do Pedro)



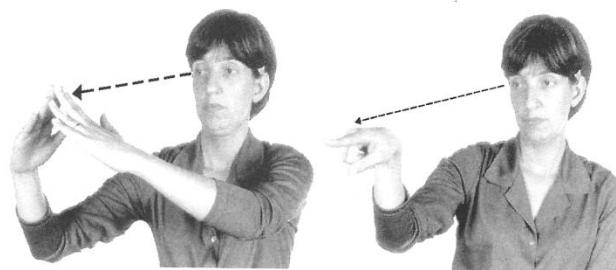
CASA (do João)

CASA (do Pedro)

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

- b) direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) para uma localização particular simultaneamente ao sinal de um substantivo ou à apontação para o substantivo;

Figura 12 – CASA / IX CASA



CASA

IX (casa)

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

- c) usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico (por exemplo, apontar para o ponto associando essa apontação com o sinal *casa*; assim, o ponto “a” passa a se referir a *casa*);

Figura 13 – IX / CASA



IX

CASA

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

- d) usar um pronome (apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia;

Figura 14 – IX (casa) / NOVA



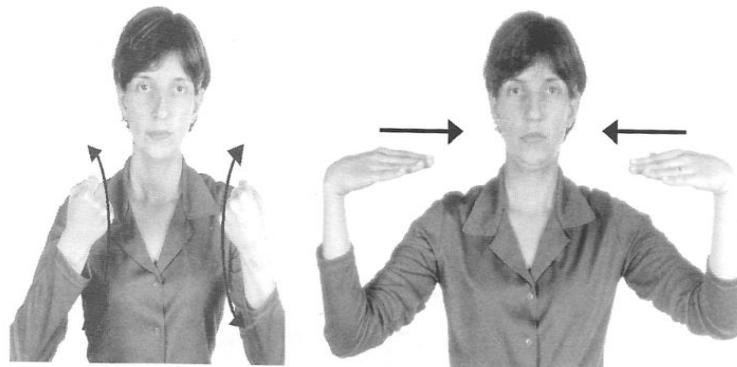
IX (casa)

NOVA

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

- e) usar um classificador (que representa um referente) em uma localização particular;

Figura 15 – CARRO (passou pelo outro)



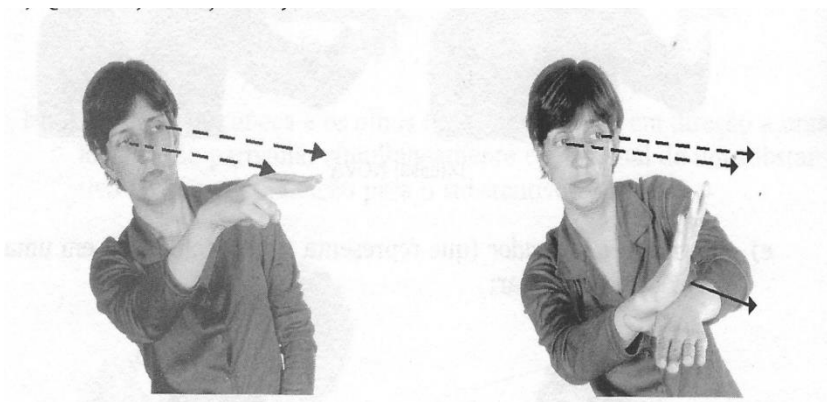
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

- f) usar um verbo direcional (com concordância) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço.

Figura 16 – (eu) IR (casa)

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Sobre os verbos direcionais, Quadros e Karnopp (2004) acrescentam que eles também são chamados de verbos de concordância. Na Libras, os verbos direcionais precisam concordar com o sujeito e/ou com o objeto indireto/direto da frase. As autoras afirmam que há uma relação entre os pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que estão incorporados no verbo.

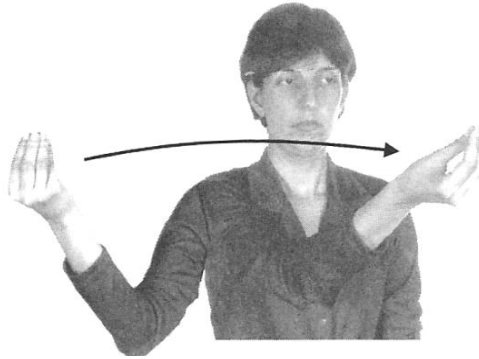
Figura 17 – Verbos direcionais OLHAR / AJUDAR

(eI@)<aOLHARb>do (eI@)

(eI@)<aAJUDARb>do (eI@)

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Figura 18 – Verbos direcionais ENTREGAR



(el@)<aENTREGARb>do (el@)

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Do que se expôs até aqui, conclui-se que há diferentes abordagens do uso dos espaços nas línguas de sinais e que estes podem desempenhar função especial, de acordo com aspectos gramaticais que evidenciam.

4 SOBRE A LIBRAS

Com o intuito de balizar os caminhos da análise neste trabalho, serão apresentadas, nesta seção, várias propostas de análise de línguas de sinais em geral e, da Libras, em particular, a saber: as análises de Brito (1995), Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), Quadros, Pizzio e Rezende (2009).

Brito declara que a Libras é uma língua natural, com estrutura própria e regida por princípios universais; que é uma língua com toda a complexidade dos sistemas linguísticos, pois é dotada de todos os mecanismos necessários à expressão de qualquer conceito ou significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. As línguas de sinais distinguem-se das demais por utilizarem um canal visual-espacial. São línguas que se articulam espacialmente e são percebidas de forma visual; usam o espaço e as dimensões que ele oferece (BRITO, 1995, p. 11 e 21).

Com relação à forma dos sinais, Brito pontua que a configuração das mãos, o ponto de articulação e o movimento são considerados parâmetros primários; já a região de contato, a orientação das mãos e a disposição das mãos são parâmetros secundários. A autora destaca que os sinais têm uma realização multidimensional e não linear, como ocorre com as palavras na modalidade oral (BRITO, 1995, p. 25).

Quadros reafirma que as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. Essa diferença na modalidade determina, portanto, o uso de mecanismos sintáticos especialmente diferentes dos utilizados nas línguas orais, do que se conclui que as línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais (QUADROS, 1997, p. 46).

É interessante notar que até uma autora como Quadros, que enfatiza a necessidade de se considerar as línguas de sinais independentemente dos sistemas das línguas orais, não está isenta da força do olhar influenciado pela língua portuguesa quando afirma que os nomes, em Libras, não apresentam flexão de gênero para os substantivos, observando-se que a indicação desse aspecto é realizada pela posposição do sinal HOMEM/MULHER.

Skliar (1999) informa que, de acordo com estudos das últimas décadas, sabe-se que as línguas de sinais têm uma estrutura linguística, princípios de organização e propriedades formais similares aos das línguas orais. Para o autor, a língua oral e a língua de sinais são dois

canais diferentes, mas igualmente eficientes para a transmissão e a recepção da capacidade da linguagem, por serem mecanismos semióticos equivalentes (SKLIAR, 1999, p. 26).

O autor refuta as considerações tradicionais, não científicas, de que as línguas de sinais seriam concretas, primitivas e limitadas. Para ele, nenhuma língua natural apresenta essas restrições; todas têm a potencialidade de expressar o conjunto de significados do mundo de seus usuários, seja ele exterior ou interior e comprova que a LIBRAS é uma língua plena, demonstrando a complexidade do seu sistema verbal, entre outros (SKLIAR, 1999, p. 32).

Nesse aspecto, Brito pontua que a Libras é uma língua multidimensional, portanto seus parâmetros podem ser alterados para que se obtenham modulações aspectuais, incorporação de informações gramaticais e lexicais, quantificação, negação e tempo. Segundo a autora, os aspectos pontual, continuativo, durativo e iterativo são alcançados por meio de alterações do M (movimento) e ou da CM (configuração de mão), como se pode perceber nos exemplos a seguir: FALAR (Ele falou) no que se refere ao aspecto pontual, na figura 19, e FALAR (Ele fala sem parar) no que se refere ao aspecto durativo, na figura 20 (BRITO, 1995, p. 25).

Figura 19 – FALAR (continuativo)



Fonte: Brito, 1995.

Figura 20 – FALAR (pontual)



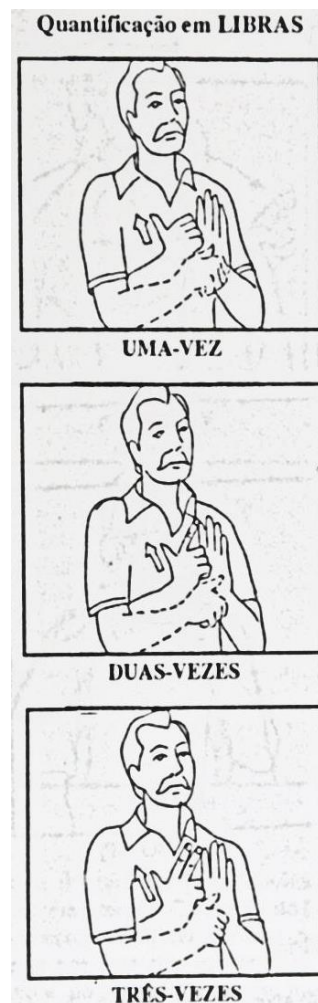
Fonte: Brito, 1995.

Brito (1995) continua esclarecendo que esse mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros destaca a exploração do espaço de forma simultânea para o acréscimo de informações gramaticais ao item lexical. A autora exemplifica os casos de quantificação, na ênfase da repetição do mesmo sinal, como se observa nas figuras 21 e 22 (BRITO, 1995, p. 43-44).

Por outro lado, Quadros e Karnopp (2004) defendem, em relação à quantificação, que a pluralidade é expressa pela repetição do sinal três ou mais vezes, pela anteposição ou posposição de sinais indicativos dos números, ou, ainda, por meio de uma forma muito utilizada, que é a posposição do sinal de “muito”.

Figura 21 – NERVOSO

Fonte: Brito, 1995.

Figura 22 – Quantificação

Fonte: Brito, 1995.

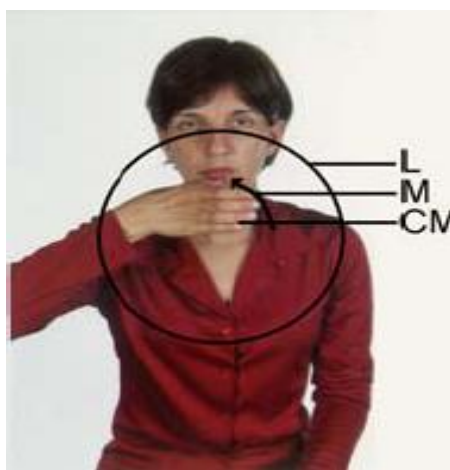
Sobre os aspectos morfológicos da Língua de Sinais, Quadros e Karnopp (2004) observam que a extensão do movimento e a modificação na duração do sinal podem acrescentar a ideia de grau e que os verbos multidirecionais apresentam flexão de pessoa e de número através da direção do movimento.

Quadros e Karnopp (2004) esclarecem que a fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que pretende identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo, então, modelos descritivos e explanatórios. Em relação às línguas de sinais, faz-se necessário determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais e quais são os padrões possíveis de combinação entre as unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47).

Há de se observar que o termo fonologia é usado, também, para se referir ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. No estudo de língua de sinais publicado por Stokoe em 1960, existe a proposição do termo *quirema*, que provém do grego “mão”, para representar as unidades mínimas distintivas dos sinais: configuração de mão, locação e movimento. Após esses estudos, os termos fonologia e fonema têm sido utilizados para descrever as línguas que se realizam na modalidade visual-espacial.

A língua de sinais é basicamente produzida pelas mãos, ainda que os movimentos do corpo e da face desempenhem um papel importante na realização dos sinais. Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam os sinais em determinadas locações nesse espaço. Os parâmetros fonológicos são Locação (L), Movimento (M) e Configuração de Mãos (CM), conforme figura 23 (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 48).

Figura 23 - Parâmetros Fonológicos

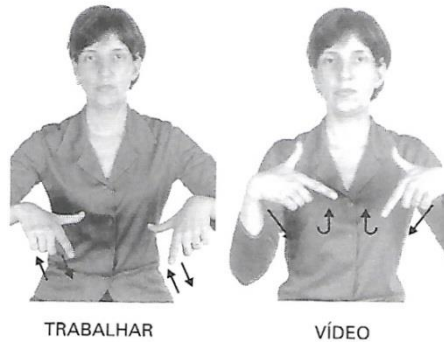


Fonte: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade4/unidade4.htm>.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), o estudioso de língua de sinais deve identificar a Configuração de Mãos (CM), a Locação (L) ou ponto de articulação, e o Movimento (M), que têm um caráter distintivo, o que pode ser realizado por meio da análise dos pares mínimos. No sinal executado na figura 23, COPO, pode-se observar a Configuração de Mãos realizada no formato da letra C: a seta para cima demonstra que o Movimento é feito para cima e que o Ponto de Articulação se encontra próximo à boca do sinalizante (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 51).

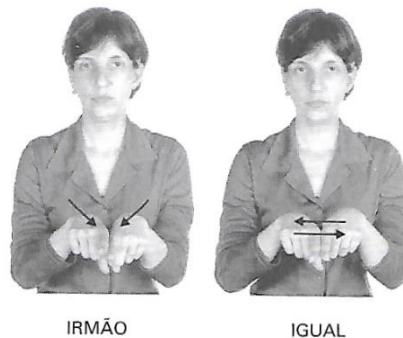
Figura 24 – Oposição de Sinais

Sinais que se opõem quanto ao movimento



TRABALHAR

VÍDEO



IRMÃO

IGUAL

Sinais que se opõem quanto à locação



SÁBADO

APRENDER

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

As autoras apresentam como exemplos de pares mínimos os sinais que se opõem em relação à configuração de mão – PEDRA e QUEIJO (figura 24), que têm o ponto de articulação no queixo, o movimento de ida e volta e a configuração de mãos em A, no caso de PEDRA, e a configuração de mãos em L, no caso de QUEIJO (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 52).

Em relação aos sinais que se opõem quanto ao movimento, as autoras apresentam TRABALHAR e VÍDEO (figura 24) como exemplos. Ambos apresentam sua configuração de

mãos em L, localizam-se na parte superior do abdome, porém divergem quanto ao movimento: em TRABALHAR, as mãos movimentam-se alternadamente para frente e para trás; em VÍDEO, o movimento das mãos é realizado de forma meio curva de cima para baixo e depois para frente.

Os sinais APRENDER e SÁBADO (figura 24) exemplificam a oposição quanto à locação: o movimento é o de abrir e de fechar as mãos, sendo a configuração de mãos realizada em A – observa-se, contudo, que o ponto de articulação de APRENDER é próximo à testa, ao passo que o de SÁBADO, próximo à boca.

4.1 Marcação de pessoa em Libras

Felipe (1997) demonstra que a Libras possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso.

A primeira pessoa se flexiona em singular, dual, trial, quatrial e plural, da seguinte forma:

- A primeira pessoa do singular: EU, o dedo indicador aponta para o enunciador.
- A primeira pessoa do plural: NÓS- 2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@.

A segunda pessoa se flexiona em singular, dual, trial, quatrial e plural:

- A segunda pessoa do singular: VOCÊ, o dedo indicador aponta para o interlocutor.
- A segunda pessoa do plural: VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@.

A terceira pessoa se flexiona em singular, dual, trial, quatrial e plural:

- A terceira pessoa do singular: EL@,apontação com o indicador para a terceira pessoa.
- A terceira pessoa do plural: EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@.

Felipe (1997) destaca que, no singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em "d", o que difere uma das outras é a orientação da mão. O sinal utilizado usado para "eu" é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando); o sinal para "você" é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala); e o sinal para "ele/ela" é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionalizado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada. No dual, a mão ficará com o formato de dois; no trial, o formato será de três; no quatrial, o

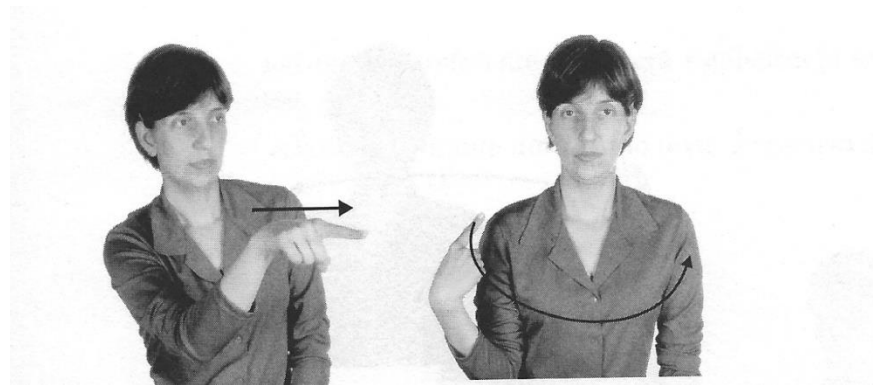
formato será de quatro; e no plural, há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal, que é feito pela mão predominante com a configuração em "d" fazendo um círculo (FELIPE, 1997, p. 96-97).

Sobre a indicação de pessoas no discurso, Brito (1995) afirma que a Libras apresenta três pessoas do discurso, no singular e no plural. Na primeira pessoa, o indicador aponta para o peito do locutor; na segunda pessoa, aponta para o interlocutor, e as terceiras pessoas são representadas por pontos no espaço que são estabelecidos durante o discurso, ou, ainda, pela localização do referente presente, conforme se observa nas figuras 25, 26 e 27. Segundo Brito (1995), o plural é expresso por meio do movimento semicircular para se referir à segunda pessoa e, por meio do movimento circular para se referir à primeira pessoa, conforme mostra a figura 26 (BRITO, 1995, p. 47).

Figura 25 – EU / VOCÊ



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Figura 26 – ELA / NÓS

ELA

NÓS

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

Figura 27 – ELES / ELAS

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

4.2 Classificadores

Brito (1995) afirma que as línguas de sinais fazem uso frequente de vários tipos de classificadores (Cls), explorando morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais (BRITO, 1995, p. 102).

Assim como em algumas línguas orais e em várias línguas de sinais, a Libras possui classificadores – um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e ao tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Em línguas orais como o japonês e o navajo, os classificadores são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente. Em Libras, como dificilmente se pode falar em prefixo e sufixo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, prefere-se neste trabalho dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal (ALLAN, 1977, p. 287 apud BRITO, 1995, p. 103).

Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V que se refere, respectivamente, à maneira como uma pessoa anda e um animal anda, figuras 28 e 29.

Figura 28



ANDAR (para pessoa)

Fonte: Brito, 1995.

Figura 29

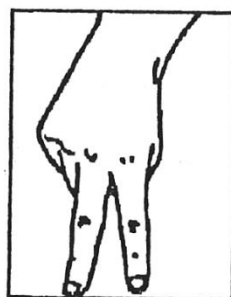


ANDAR (para animal)

Fonte: Brito, 1995.

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados, como “duas pessoas passeando” ou “um casal de namorados” (no caso de as pontas dos dedos estarem voltadas para cima); “uma pessoa em pé” (pontas dos dedos para baixo) etc. Esse classificador é representado pela configuração de mãos em V, como ilustram as figuras 30 e 31 (BRITO, 1995, p. 105).

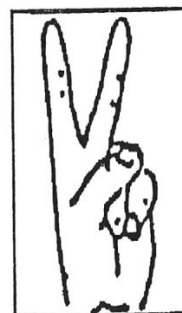
Figura 30



Uma pessoa andando ou em pé

Fonte: Brito, 1995.

Figura 31



Duas pessoas andando, namorando ou passeando

Fonte: Brito, 1995.

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa ou uma urna, conforme se mostra no exemplo da figura 32, com o sinal VOTAR:

Figura 32 – VOTAR



Fonte: Brito (1995).

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y, como se segue:

Figura 33 -
Classificador B



Fonte: Brito, (1995).

Figura 34 -
Classificador Y



Fonte: Brito (1995).

O classificador B refere-se a superfícies planas, como mesa, parede, chão etc., ao passo que o classificador Y se refere a objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. Existem inúmeros classificadores em Libras, cada um com sua natureza semântica e sua função (BRITO, 1997, p. 49-52).

Sobre os classificadores, Felipe (1997) afirma que, nas línguas do mundo, as classificações se manifestam de várias formas. Estas podem se revelar por meio de uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino – menina/menino; uma partícula que se coloca entre as palavras; e, ainda, uma

desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância. No momento em que se atribui uma qualidade a uma coisa, como, por exemplo, arredondada, quadrada, cheia de bolas, de listras etc., isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, mas não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador como vem sendo trabalhado esse conceito nos estudos linguísticos. Para os estudiosos desse assunto, um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância.

Na Libras, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas a coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância. Então, na Libras, os classificadores são formas que, ao substituírem o nome que as precedem, podem vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Os classificadores na Libras são marcadores de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa.

Os classificadores para pessoa ou animal podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo-se um movimento repetido em relação ao número. Os classificadores para coisa representam, por meio da concordância, uma característica dessa coisa que está sendo o objeto da ação verbal. Exemplos:

(*) COPO MESA k coisa arredondada COLOCARk;

(**) 2 CARRO veículo ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md) veículo ANDAR (me);

(***) M-A-R-I-A A-L-E-X pessoa PASSAR-UM-PELO-OUTRO (md) pessoa PASSAR (me).

É preciso estar atento à identificação dos classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, e às suas diferenças em relação aos adjetivos descritivos, que, nas línguas de sinais, por serem espaço-visuais, representam iconicamente as qualidades de certos objetos. De acordo com Felipe (1997), ao se dizer nessas línguas que:

[...] “ uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada”, são usadas expressões adjetivas desenhadas no peito do emissor, esta descrição não é um classificador, mas é um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero (PESSOA, ANIMAL, COISA), que é a característica dos classificadores na Libras, como também em outras línguas orais e de sinais (FELIPE, 1997, p. 93-94).

4.3 SOBRE OS ESPAÇOS NA LIBRAS

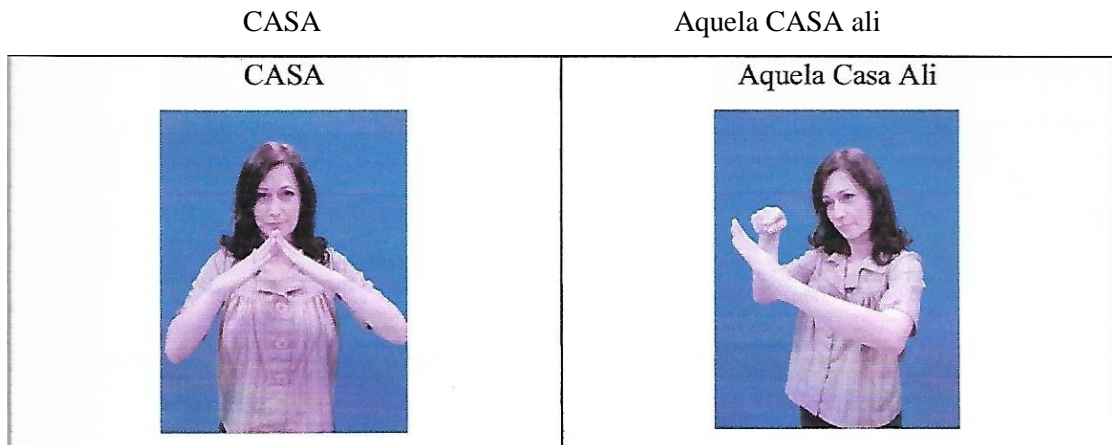
Muito recentemente, surgiram algumas descrições do que são e de quais são os espaços na Libras, nos materiais didáticos preparados por Quadros, Pizzio e Rezende (2009). Quadros et al. iniciam os esclarecimentos citando conceitos de Bellugi, VanHoeck, Lillo-Martin e O'Gray (1988), sobre as nominalizações, o sistema pronominal e a concordância verbal na Língua de Sinais Americana (ASL). Acrescentam que Bellugi e Klima (1982) realizaram um estudo para identificar os termos dêiticos na ASL e constataram que tais termos formam a base da referência pronominal, da concordância verbal e das relações gramaticais, tendo verificado, também, que esses termos são “apontados”, literalmente. Esses estudos e conceitos aplicam-se, da mesma forma, à Libras (QUADROS;PIZZIO; REZENDE, 2009, sp).

Com relação ao termo “dêixis”, Perini (2010, p. 182) esclarece:

[...] o termo dêixis denota basicamente o mesmo fenômeno que a anáfora, com a diferença de que a base para a recuperação do elemento omitido ou reduzido não está no contexto linguístico imediato, mas no contexto situacional (extralinguístico). Assim, se eu disser. Ela me odeia, apontando para Sheila, fica claro para o ouvinte que esteja por perto que quem odeia é Sheila (a pessoa apontada), e quem é odiado sou eu (o falante).

O autor esclarece que os recursos utilizados para marcar a anáfora também funcionam para marcar a dêixis, porém há elementos especializados que servem para marcar a referência, como “eu”, que se refere à pessoa que está falando e nunca marcará a anáfora.

Pizzio et. al. (2010) destacam que o uso do espaço é característica fundamental nas línguas visuoespaciais e que pode ser observado em todos os níveis de análise. Em relação ao nível fonológico, o mesmo sinal pode ser realizado em diferentes locais. Os exemplos citados pelas autoras têm como base o sinal CASA, que é realizado pelas duas mãos formando o desenho de um telhado e, ao se especificar o sinal AQUELA CASA ALI, uma das mãos permanece na posição do telhado e a outra se desloca para apontar o objeto referido, como se vê na figura 35.

Figura 35 – Espaços – aquela casa ali

Fonte: PIZZIO et al., 2010.

Sobre o exemplo AQUELA CASA LÁ, as autoras esclarecem: o sinal CASA é realizado pelas duas mãos formando o desenho de um telhado e, ao se especificar o sinal AQUELA CASA LÁ, uma das mãos permanece na posição do telhado, marcando o sinal CASA, e a outra mão se desloca para apontar, no espaço, um determinado ponto, que se refere à localidade em que se encontra a casa, LÁ; fica claro que o sinal CASA pode ser realizado em diversos locais conforme o referente requerido, como se observa na primeira parte da figura 36.

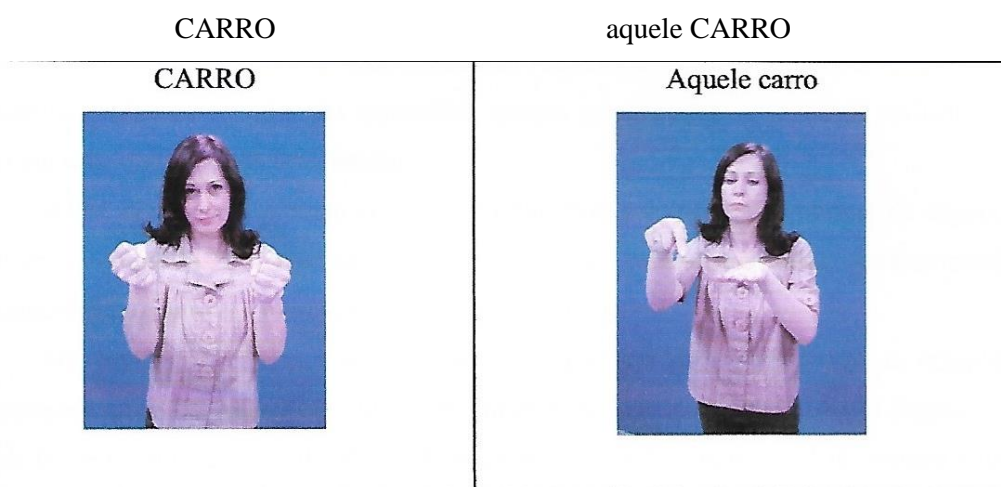
Esse fenômeno também ocorre no exemplo ESTA CASA DO LADO DIREITO, pois o sinal CASA é realizado pelas duas mãos formando o desenho de um telhado e, ao se especificar o sinal ESTA CASA DO LADO DIREITO, uma das mãos permanece na posição do telhado, marcando o sinal CASA, e a outra mão se desloca para apontar, no espaço, um determinado ponto localizado ao lado direito do corpo do sinalizante e que se refere ao LADO DIREITO, conforme se vê na segunda parte da figura 36.

Figura 36 – Espaços - casa lá / lado direito

Fonte: PIZZIO et. al., 2010.

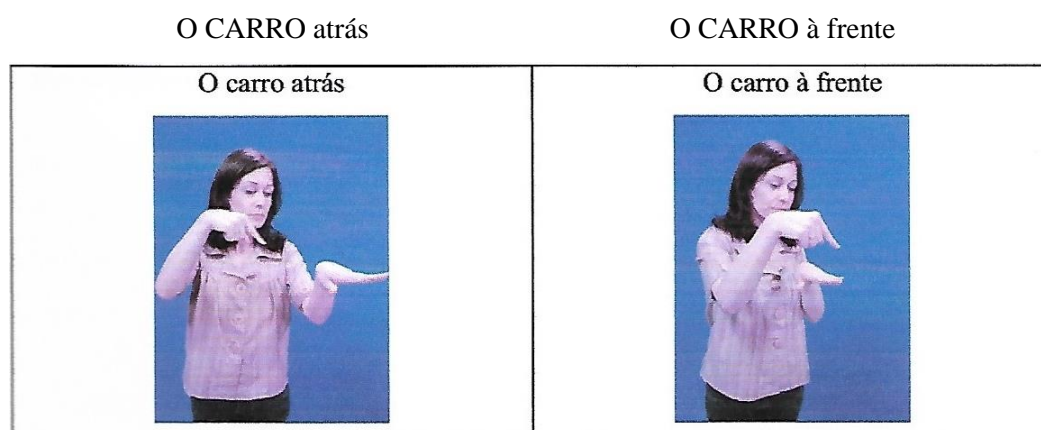
As autoras destacam que, no caso de sinais como CARRO, o sinal é realizado com as duas mãos, como se o sinalizante estivesse segurando o volante de um carro, mas, ao sinalizar, como no exemplo, AQUELE CARRO, há uma mudança na realização do sinal, pois uma das mãos estará indicando o sinal CARRO. Nesse exemplo, observa-se o uso do classificador de CARRO, assim como a mudança de espaço na realização desse sinal; o que inicialmente ocorria no espaço de realização não-marcado, passa a ocorrer no espaço *token*, segundo os conceitos de Liddell (v. figura 37).

Figura 37 – Espaços – carro / aquele carro



Fonte: PIZZIO et al., 2010

Nos exemplos da figura 38, O CARRO ATRÁS e O CARRO À FRENTE, observa-se que os sinais ocorrem no espaço *token*. De acordo com Pizzio et al. (2010), a realização de um sinal em determinado ponto no espaço sugere mudanças de significados relacionadas com o referente e estaria, portanto, ligada a questões semânticas. Ao ser específico quanto ao referente, abre-se a possibilidade de se realizar um sinal em determinada localização, como nos exemplos apresentados na figura 38. As autoras afirmam que, se o mesmo sinal for reproduzido em diferentes pontos do espaço, isso possibilitará algumas alterações em relação ao referente.

Figura 38 – Espaços – o carro atrás e o carro à frente

Fonte: PIZZIO et al., 2010.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), o uso dos sintagmas nominais observados no discurso da Libras pode ser associado aos pontos específicos no espaço da sinalização. Os pontos no espaço passam a fazer menção aos referentes que os introduziram; essa associação dos referentes com um local no espaço é chamada de Determinante Nominal. O uso adequado dos Determinantes Nominais é o primeiro passo para o estabelecimento da concordância verbal e para o uso dos demais mecanismos sintáticos espaciais.

Quadros e Karnopp (2004) acrescentam que o tipo de associação mencionada acima ocorre tanto com referentes presentes quanto com referentes não presentes no contexto do discurso. No primeiro caso, os elementos envolvidos no discurso (a primeira e a segunda pessoa) são formados apontando-se com o dedo indicador a quem o sinalizante se refere: se for a si mesmo, ele apontará para o próprio peito; se for na direção do seu interlocutor, contudo, ele apontará diretamente o interlocutor. Os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência às pessoas que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente para o referente. No caso de referência a pessoas ou lugares já mencionados, a referência anafórica requer que o sinalizante aponte (olhe ou gire o corpo) para um local previamente estabelecido, ou seja, após a introdução de um nome correferente a um ponto estabelecido no espaço, esse ponto no espaço passa a se referir àquele nome, mesmo que depois outros sinais sejam introduzidos no discurso (BELLUGI; KLIMA, 1982; PETITTO, 1987; LOEW, 1984 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127).

4.4 REFERÊNCIA ANAFÓRICA

Em relação à referência nominal, à retomada do referente na narrativa e aos pronomes pessoais em língua de sinais, Brito (1995) pontua que a Libras apresenta três pessoas do discurso, tanto no singular como no plural. Na primeira pessoa, o indicador aponta para o peito do locutor; na segunda pessoa, para o peito do interlocutor; a terceira pessoa é representada por pontos no espaço, que são estabelecidos durante o discurso ou pela localização do seu referente presente. A autora acrescenta que o plural é expresso por meio do movimento semicircular para a segunda pessoa, e do movimento circular para a primeira pessoa.

4.5 CENÁRIO

Segundo Sabanai (2016), em Libras, antes de se iniciar uma narrativa, é necessário situar os personagens e outros objetos que serão referidos ao longo da história em uma espécie de cenário, no espaço de sinalização. Esse procedimento constitui a introdução da cena na qual se desenrola a ação e onde ficam localizados os personagens, que são, nesse momento, plenamente descritos por meio de características físicas. A construção de um cenário anterior à narrativa propriamente dita constitui, de certa forma, uma ampliação da topicalização, própria de línguas com proeminência do tópico (Sp), na medida em que anuncia um contexto no qual as ações vão se desenrolar. Esse cenário apresenta características comuns aos atos de fala.

A autora também afirma, em sua pesquisa, que a construção do cenário distingue-se dos demais atos de fala porque essa construção tem uma ligação direta com o texto narrativo propriamente dito; a narrativa depende sintaticamente dos elementos “situados no cenário” para as manifestações anafóricas. Dessa forma, na narrativa, as relações sintáticas dos sujeitos e dos objetos flexionados nos verbos passam a ser indicadas por morfemas que se referem a características marcantes dos personagens ou dos objetos físicos colocados no cenário, seja por meio de formas reduzidas dos sinais, seja por meio de classificadores. Os componentes dos cenários são os personagens mais importantes da história e algum elemento locativo relevante no contexto (SABANAI, 2016, p. 56-57).

Com o conteúdo exposto neste capítulo, pretendeu-se destacar alguns estudos sobre a Libras e reunir informações que eventualmente constituam subsídios para pesquisas em línguas de sinais. Este quadro teórico fundamentará a análise realizada neste estudo no que se refere a conceitos como o de classificadores, referência anafórica e cenário.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. A pesquisa foi realizada com a abordagem qualitativa com o objetivo de analisar o uso dos espaços na língua brasileira de sinais. Este capítulo envolve quatro seções, (5.1) a seleção e caracterização de participantes da pesquisa, (5.2) a gravação dos dados, (5.3) o processamento dos dados e (5.4) a apresentação dos dados.

Para a realização da pesquisa optou-se pela abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa. Para Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, também, tem como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Ao usar a descrição qualitativa, o pesquisador procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, tentando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as suas consequências (TRIVIÑOS, 1987).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador tenta analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, no possível, a forma de registro ou transcrição. Toda manifestação tem potencial para fornecer pistas importantes na construção e compreensão do fenômeno estudado. As descrições dos fenômenos estão cheias de significado advindas do ambiente, ou seja, é o produto de uma visão subjetiva. Desta forma, a interpretação dos resultados tem como base à percepção de um fenômeno dentro de um contexto (TRIVIÑOS, 1987).

Para Bauer e Gaskell (2002), o principal interesse dos pesquisadores qualitativos repousa na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. Os autores destacam que as maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas (BAUER; GASKELL, 2002).

Inicialmente, foi realizado um estudo preliminar de vídeos públicos comercializados (DVDs) ou disponibilizados na internet (Youtube), a fim de nortear a revisão da literatura, de testar a metodologia de análise e de formular hipóteses que orientassem o preparo da coleta de dados.

A operacionalização do método desta pesquisa consistiu na coleta de dados por meio de gravação em vídeo de pessoas surdas, usuárias de Libras, em situações de narração de histórias e eliciação de sentenças específicas.

Este estudo teve início com a interação dos surdos com a pesquisadora, com a intenção de filmá-los em situações de sinalização espontânea. Por isso, foram sugeridos aos participantes da pesquisa três situações para que pudessem sinalizar:

- a) Qual é a sua rotina diária?
- b) Destaque um fato diferente ou engraçado ocorrido em sua vida ou na vida de um amigo.
- c) Quais são as suas expectativas para o futuro?

Optou-se, ainda, por realizar a gravação da interpretação do filme *Pear Film*, que os participantes da pesquisa assistiram e, logo após, fizeram sua própria interpretação, ao narrar os fatos previamente observados. Em um segundo dia de gravação, foi solicitado que os participantes da pesquisa contassem uma piada e que travassem um diálogo espontâneo com outro surdo. Várias orientações foram passadas aos participantes da pesquisa no intuito de favorecer a ocorrência de situações de narrativas em que se observassem os espaços utilizados entre um sinal e outro.

Sobre as narrativas Bauer e Gaskell (2002), indicam que por meio das narrativas as pessoas lembram o que aconteceu, colocam as experiências em uma determinada sequência e indicam as possíveis explicações para isso. Os autores acrescentam que contar histórias implica em estados intencionais que tornam familiares, acontecimentos da vida cotidiana. As comunidades, os grupos sociais e as subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. Dessa forma, o léxico do grupo constitui sua perspectiva de mundo (BAUER e GASKELL, 2002).

Segundo Bauer e Gaskell (2002), o contar histórias sugere um esquema autogerador com três principais características: a) textura detalhada- relacionada a dar informações detalhadas a fim de dar conta da transição entre um acontecimento e outro. O narrador tem a tendência de fornecer tantos detalhes quantos forem necessários para tornar a transição entre eles plausível. O narrador estará pronto dar conta do tempo, lugar, motivos, pontos de orientação, planos, estratégias e habilidades; b) fixação da relevância- o narrador destaca aqueles aspectos do acontecimento que são relevantes, de acordo com sua perspectiva de mundo. A explicação passa ser seletiva, ela se desdobra ao redor de temas que o narrador considera importante; c) fechamento da Gestalt- um acontecimento mencionado na narrativa deve ser contado em sua totalidade, com início, meio e fim (BAUER e GASKELL, 2002).

A cada colaborador foi solicitado o uso da língua de sinais individualmente, em pé, diante de um fundo neutro, de frente para a câmera, dirigindo-se a outro surdo que se encontra por trás da câmera, ou gravando, ou ao lado do pesquisador ouvinte que estiver fazendo a gravação.

Durante a coleta definitiva foi solicitado aos participantes que usassem roupas, preferencialmente, escuras em contraste com o ambiente de paredes brancas; sem bonés ou óculos escuros e quaisquer outros elementos que pudessem prejudicar o efeito da iluminação em seus rostos.

Como sugere Dixon (2010), um iniciante nos estudos de linguística precisa escolher uma língua que ainda não foi descrita ou mesmo que tenha sido escassamente descrita. De acordo com o referido autor, a estrutura gramatical e as regras devem ser trabalhadas indutivamente, com base em um conjunto de textos, bem como com enunciações observadas no uso cotidiano dos membros de uma comunidade e com exemplos de sentenças elicitadas durante a construção do corpus. Hipóteses relativas à organização gramatical devem ser formuladas e somente então avaliadas. O processo de checagem envolve sentenças elaboradas com base nas supostas estruturas e regras que vão sendo apreendidas dos dados, desde que contextualizadas apropriadamente. Dessa forma, fica claro o caráter dinâmico da língua a ser estudada.

A perspectiva desta pesquisa une-se com a noção de triangulação de dados na qual as gravações são explicadas e retomadas por cada um dos participantes, de acordo com a solicitação ou dúvida da pesquisadora. No momento da análise ocorre a adaptação de múltiplos métodos, como o uso de observações, entrevistas e gravações que levaram a uma construção e verificação de hipóteses. No momento de análise dos dados pode ocorrer a participação do colaborador esclarecendo as dúvidas em relação à sua narrativa. É necessário destacar que, para melhorar a análise e o entendimento da construção de dados, a triangulação destaca-se como uma forma de envolver várias interpretações de dados em diferentes tempos e lugares de investigadores ou pares de pesquisadores e até mesmo dos pesquisados, no caso específico desta pesquisa.

Para fins de triangulação de dados, num segundo momento, os colaboradores assistiram às suas gravações e dialogaram com o pesquisador, comentando o que sinalizaram. Esses diálogos foram gravados e constituíram uma segunda fonte de dados. Além disso, ao proceder à análise dos dados foram utilizados dados reportados da literatura e dados coletados das narrativas dos colaboradores.

Quanto aos colaboradores na pesquisa, o grupo foi composto por surdos monolíngues e bilíngues que conhecem a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita e que sejam usuários de Libras. Apresentam-se a seguir os participantes da pesquisa, os passos da elaboração dos elementos motivadores para a eliciação dos dados e a descrição da gravação. Complementa-se a apresentação desta metodologia com os procedimentos utilizados para o processamento de dados e a citação de dados.

5.1 Seleção e caracterização dos participantes

Nesta pesquisa, dez é o número de participantes adultos que foram envolvidos, sendo entre alunos surdos do CESAS – Centro de Ensino Supletivo da Asa Sul, local de trabalho da pesquisadora (ver documentação anexa de anuência da direção) e surdos participantes da comunidade surda do DF. Os colaboradores, seis homens e quatro mulheres, foram identificados por letras convencionadas de modo a preservar suas identidades, conforme explicitado a seguir.

5.1.1 Participante IS

Homem, 21 anos, estudante de terceiro ano do Ensino Médio da rede pública do DF. Apresenta surdez bilateral profunda e nasceu surdo. O participante aprendeu Libras aos 7 anos em sua escola. Ele apresenta um bom domínio da Libras e declara que usa a Libras no contexto escolar e na igreja que ele frequenta. A língua mais usada por este participante é a Libras e no seio da família, só a usa de vez em quando.

5.1.2 Participante SH

Mulher, 28 anos, estudante do Ensino Fundamental do CESAS. Apresenta surdez profunda bilateral. Aprendeu Libras com seus amigos. Ela declara que tem um bom domínio da Libras e declara que a utiliza no contexto escolar e no bate-papo com amigos. A língua mais usada por esta participante é a Libras.

5.1.3 Participante JF

Mulher, 37 anos, estudante do Ensino Médio (3º segmento) do CESAS. Apresenta surdez profunda bilateral e tornou-se surda por causa de um forte medicamento na primeira

infância. Ela declara que tem um bom domínio da Libras e a utiliza no contexto escolar e com amigos. A língua mais usada por esta participante é a Libras.

5.1.4 Participante ES

Homem, 41 anos. Estudante do Ensino Fundamental (2º segmento) do CESAS. Apresenta surdez profunda bilateral. Nasceu surdo. Ele aprendeu Libras em sua igreja. Declara ter um bom domínio da Libras e que a utiliza no contexto escolar, no seu local de trabalho e na igreja. A língua mais usada por este participante é a Libras.

5.1.5 Participante AH

Homem, 37 anos, estudante da rede pública do DF. Apresenta surdez bilateral profunda. Tornou-se surdo na mais tenra infância por causa de uma doença não identificada. Ele declara ter um bom domínio da Libras e que a utiliza no contexto escolar e no trabalho. A língua mais usada por este participante é a Libras.

5.1.6 Participante JS

Mulher, 26 anos. Apresenta surdez profunda bilateral e nasceu surda. Aprendeu Libras na escola. Ela declara que tem um bom domínio da Libras e que a utiliza com amigos na igreja, na APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos) e na escola. A língua mais usada por esta participante é a Libras e no seio da família só a usa de vez em quando, uma vez que a comunicação familiar acontece em pequena escala.

5.1.7 Participante ED

Homem, 27 anos, estudante da rede pública do DF que trabalha como terceirizado em um dos tribunais federais da cidade. Apresenta surdez bilateral profunda, aprendeu Libras em sua escola. Declara ter um bom domínio da Libras e que a utiliza no contexto escolar e com surdos em seu trabalho. A língua mais usada por este participante é a Libras e no seio da família a usa também, pois é casado com uma jovem parcialmente surda.

5.1.8 Participante PR

Homem, 26 anos. Estudante da rede pública do DF. Apresenta surdez bilateral profunda e nasceu surdo. Aprendeu Libras em sua escola e declara ter um bom domínio da

Libras. Informa que a utiliza na igreja que frequenta. A língua mais usada por este participante é a Libras, mas no seio da família não a usa.

5.1.9 Participante KS

Mulher, 28 anos, estudante da rede pública do DF. Apresenta surdez profunda bilateral e nasceu surda. Aprendeu Libras aos 8 anos de idade na igreja. Ela declara que tem um bom domínio da Libras e que a utiliza com amigos na igreja. A língua mais usada por esta participante é a Libras e no seio da família só a usa de vez em quando.

5.1.10 Participante KT

Homem, 23 anos. Estudante de terceiro ano do Ensino Médio (3º segmento) do CESAS. Apresenta surdez profunda na lateral esquerda e surdez severa na lateral direita. Ficou surdo aos poucos meses de vida por doença não identificada.

O quadro 2, abaixo, é um quadro explicativo sobre o perfil dos participantes.

Quadro 2 - Perfil dos participantes

Participante	Tempo de uso de Libras	Grau de surdez
IS	14 anos	profunda
SH	20 anos	profunda
JF	20 anos	profunda
ES	28 anos	profunda
AH	29 anos	profunda
JS	18 anos	profunda
ED	18 anos	moderada
PR	19 anos	profunda
KS	20 anos	moderada
KT	14 anos	profunda/esquerdo severa/direito

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

5.2 A GRAVAÇÃO DOS DADOS

A gravação baseada em vídeos foi realizada com uma câmera Digital Nikon Coolpix S2600 14MP LCD 2,7 - Zoom Óptico 5x, na qual foi utilizado um cartão 32GB. A câmera foi fixada em um tripé e apontada para os participantes. Os participantes permaneceram em pé e posicionados contra um fundo claro para garantir a clareza dos sinais realizados.

O tempo de filmagem de cada participante girou em torno de 30 min e constituiu-se de: 1) explicação das três sugestões de narrativa; 2) gravação; e 3) projeção das narrativas gravadas. Após a explicação das sugestões de narrativas: Qual é a sua rotina diária? Destaque um fato diferente ou engraçado ocorrido em sua vida ou na vida de um amigo. Quais são as suas expectativas para o futuro? Foi realizada a gravação e em seguida houve a projeção das narrativas, pois o sentimento de curiosidade em relação à própria atuação foi unânime a todos os participantes.

É importante salientar que a coleta de dados seguiu uma ordem específica. No primeiro momento, foi preciso obter um primeiro consentimento através da documentação escrita que foi aprovada pelo Comitê de Ética. No momento específico da coleta, informou-se aos participantes que a gravação seria utilizada em textos acadêmicos e que poderiam eventualmente, ser apresentada em congressos. Depois da realização da gravação individual, foi distribuído um questionário com o fim de conhecer detalhes vinculados às questões do uso da Língua de Sinais pelos participantes. É preciso destacar que os participantes que tinham competência linguística em língua portuguesa na modalidade escrita, para ler e responder as questões, responderam ao questionário, sozinhos. Já aos participantes que encontraram alguma dificuldade recorreu-se ao auxílio de uma intérprete voluntária, para que não houvesse influência da pesquisadora nas respostas.

Ao final da gravação, o termo de consentimento foi entregue a cada participante, marcando, assim, a última etapa da coleta. Observe-se que o referido documento foi entregue somente ao final de todo processo, objetivando evitar que o conhecimento antecipado dos objetivos da pesquisa interferisse na coleta dos dados.

5.3 PROCESSAMENTO DOS DADOS

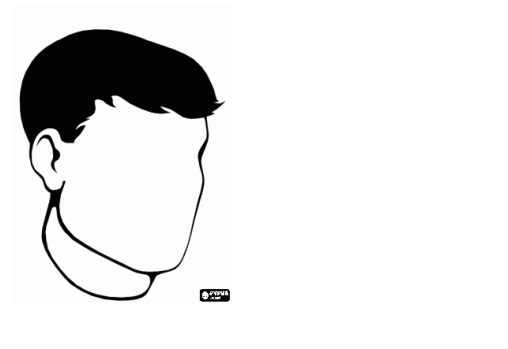
Para a análise dos dados, cada registro em vídeo, no formato *Picasa 3*, foi examinado no modo normal disponível no *media player* do sistema operacional *Windows*. A cada mudança de sinal, foi feito um recorte no vídeo, de modo a compor os exemplos que são

apresentados neste trabalho. A captura foi feita com a imagem congelada, pressionando-se a tecla *Print Screen*. Logo após, foi feito o recorte da imagem congelada, a qual era salva na pasta *Capturas de tela*, de onde era copiada e colada nas tabelas previamente preparadas, utilizando as ferramentas de copiar e colar imagens.

5.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados recortados dos vídeos são apresentados, nesta tese, da forma detalhada como aparece no quadro 3.

Quadro 3 – análise-modelo

Participante e nome da história
giro

Glosa
Espaço
ENMs relacionadas à boca
ENMs relacionadas à cabeça
ENMs relacionadas ao olhar
Outros
Tradução livre

Fonte: Elaborado pela autora, em conjunto com sua orientadora

Na primeira linha, o participante é marcado por meio das letras que substituem seu nome verdadeiro. De acordo com o exemplo apresentado, (IS- Rotina), os dados se traduzem como: IS são as letras que identificam o participante; Rotina, o nome do filme relacionado à rotina diária do participante.

Na segunda linha, encontra-se colocado o número de ordem da imagem, como os números de 1 a 5 que aparecem nos exemplos encontrados no quadro 3, adiante apresenta-se a indicação do ponto do vídeo, de onde o recorte foi retirado. O giro é marcado pelos números, como 00:14.

Na terceira linha, encontra-se o recorte da imagem retirada das filmagens. O recorte representa o espaço utilizado durante a filmagem.

Na quarta linha, em caixa alta, registra-se a glosa do sinal. A glosa corresponde ao significado do sinal, como, por exemplo, DEPOIS, DE MANHÃ, EU, ESTUDAR e MUITO que aparecem no quadro 4.

Na quinta linha, está indicado o espaço em que se realiza o sinal, se não-marcado, real, *token* ou sub-rogado.

Na sexta linha, está indicada a Expressão Não Manual (ENM) relacionada, por exemplo, à boca, como LE (lábios esticados), Leb (lábios embicados), LBS (Lábios e Bochechas em Sopro) que aparecem nos exemplos no quadro 4.

Na linha seguinte, está indicada a Expressão Não Manual (ENM) relacionada à cabeça, como CI (cabeça inclinada) e CNI (cabeça não inclinada) que aparecem nos exemplos do quadro 4.

Na oitava linha, está indicada a Expressão Não Manual (ENM) que se relacione com o olhar ou quaisquer outras partes do corpo, como TSA (testa e sobrancelha arqueada). Caso o exemplo usado não apresente qualquer ENM, será utilizado o símbolo Ø.

Na nona linha há espaço para informações novas que surgiram no processo da análise dos dados.

E, finalmente, na última linha foi apresentada uma tradução livre, no caso do quadro 7, “Depois, de manhã eu estudo muito”.

Quadro 4 - Análise

IS - Rotina									
1	00:14	2	00:15	3	00:17	4	00:18	5	00:18
DEPOIS		DE MANHÃ		EU		ESTUDAR		MUITO	
		não-marcado		real		não-marcado		não-marcado	
LE		Leb		LE		Leb		Leb	
CNI		CI		CI		CI		CNI	
O-I		TSA, O-I		O-I		TSA,O-I		TSA, O-I	
MARCADOR									
Depois, de manhã eu estudo muito.									

Fonte: Elaborado pela autora

Usando essa forma de apresentação, discutiram-se os tipos de espaços encontrados e as suas funções linguísticas.

Com base no exposto, este trabalho analisa os espaços, visto que seu uso é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais.

6 ANÁLISE DE DADOS

Antes de entrar na análise dos espaços, é preciso destacar que a definição de alguns elementos gramaticais é necessária para a caracterização dos espaços, ou seja, dos pronomes e das expressões não manuais.

Para a análise de dados referentes ao uso do espaço na Libras, foram considerados os conceitos de espaço mental, os estudos de Liddell sobre a Língua Americana de Sinais (ASL) e as considerações feitas por Cuxac e Sallandre sobre a Língua Francesa de Sinais, uma vez que os conceitos desses autores são os que conseguiram explicar os fenômenos encontrados nos dados coletados para esta pesquisa.

Como foi visto, Liddell (2000) destaca que o espaço tem uma função especial nas línguas de sinais. O autor afirma que os aspectos gramaticais relativos ao uso de espaços vêm sendo estudados especialmente em ASL e apresenta três tipos específicos de espaços usados nas línguas de sinais: o real, o *token* e o sub-rogado (LIDDELL, 2000, p. 2-3). Por sua vez, Cuxac e Sallandre (2007) apresentam estudos da Língua Francesa de Sinais e oferecem uma visão que se divide em dois tipos de estruturas: estrutura padrão ou sinal padrão e estrutura de alta iconicidade. O sinal padrão é marcado pelos gestos das mãos ou da cabeça e do rosto, pela orientação do sinal, pela sua localização e pelo movimento. Cuxac e Sallandre (2007) acrescentam que a estrutura altamente icônica ocorre quando existe a intenção deliberada de ilustrar e demonstrar algo enquanto se fala.

Ao longo deste capítulo, busca-se mostrar a relação entre as transferências postuladas por Cuxac e Sallandre e uma nova proposta que considera o quadro básico de Liddell. Nesta análise, tornou-se necessário considerar um quarto espaço, o espaço **não-marcado**, a semelhança do espaço de realização de sinais, conforme a concepção de Brito (1995), que estipula uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos e se desloca junto ao enunciador (BRITO, 1995, p. 57). Destaca-se que o conceito de marcado e não-marcado distingue um entre dois termos ou mais que fazem oposição; um é definido como marcado, se apresentar uma propriedade que é ausente em outro termo, chamado, então, de não-marcado.

Observa-se que a análise dos dados mostra o uso alternado de três tipos de espaços marcados, o real, o *token* e o sub-rogado, e um espaço não-marcado, o que permitiu concluir que os espaços contêm um grupo de características que têm função gramatical e discursiva na

construção das unidades significativas da enunciação. É interessante destacar que existe uma sutileza no momento da mudança entre as pessoas do discurso, um personagem e outro, e entre o personagem e o narrador, o que será apontado mais adiante.

6.1 Construção do cenário, apontação, pronomes e classificadores

Como visto, ao analisar os espaços em Libras, algumas categorias se destacaram por sua relevância para a contextualização da questão, tais como a construção do cenário, a apontação, os pronomes pessoais e os classificadores envolvidos no uso do espaço.

Consultando Sabanai (2016) sobre o cenário em Libras, a autora esclarece que, antes de se iniciar uma narrativa, é necessário situar os personagens e outros objetos que serão referidos ao longo da história em uma espécie de cenário no espaço de sinalização. Para ela, esse procedimento constitui a introdução da cena na qual se desenrola a ação e onde ficam localizados os personagens, que são nesse momento plenamente descritos por meio de características físicas. A autora acrescenta que a construção de um cenário anterior à narrativa propriamente dita constitui um “supertópico” de certa forma, uma ampliação da topicalização própria de línguas com proeminência do tópico, na medida em que anuncia um contexto no qual as ações vão se desenrolar. A autora afirma que o cenário construído apresenta características comuns aos atos de fala e que os componentes dos cenários são os personagens mais importantes da história e algum elemento locativo relevante no contexto.

Sabanai (2016) destaca, ainda, que a construção do cenário se distingue dos demais atos de fala que podem preceder uma narrativa porque essa construção tem uma ligação direta com o texto narrativo propriamente dito. A construção depende sintaticamente dos elementos “situados no cenário” para as manifestações anafóricas, e as relações sintáticas entre os sujeitos e os objetos flexionados nos verbos passam a ser indicadas por morfemas, que se referem a características marcantes dos personagens ou dos objetos físicos que são colocados no cenário, seja por meio das formas reduzidas dos sinais, seja por meio dos classificadores (SABANAI, 2016, p. 56 e 57).

6.1.1 Referência anafórica

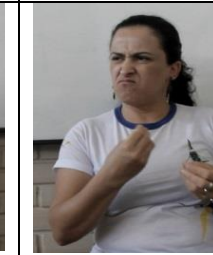
Como já vimos, Brito pontua que a Libras apresenta três pessoas do discurso, tanto no singular como no plural. Na primeira pessoa, o indicador aponta para o peito do locutor; na segunda pessoa, para o peito do interlocutor; a terceira pessoa é representada por pontos no espaço, que são estabelecidos durante o discurso ou pelo próprio referente, quando estiver presente. A autora acrescenta que o plural é expresso por meio do movimento semicircular para a segunda pessoa e do movimento circular para a primeira pessoa (BRITO, 1995, p. 47).

6.1.2 Apontação

A referência às pessoas citadas em uma narrativa depende da construção prévia de um cenário, o que permite a anáfora pronominal. A forma dos pronomes anafóricos depende do espaço em que são realizados. No espaço *token*, a forma é a apontação com o olhar direcionado para os locais designados para cada personagem, enquanto no sub-rogado a anáfora é feita pelo giro do corpo do narrador para a posição do personagem.

Os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência às pessoas que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente para o lugar onde o personagem foi colocado no cenário, como é possível observar na imagem 87, do quadro 5, quando a informante SH estabelece o lugar do gato no cenário. Já na imagem 159 do mesmo quadro, a informante retoma o personagem apontando para o lugar onde o gato foi colocado inicialmente em sua narrativa, referindo-se a ELE, o gato.

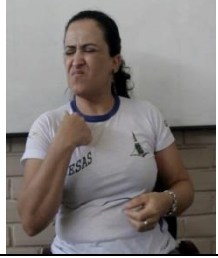



Quadro 5

SH - Piada									
84	00:40	85	00:41	86	00:41	87	00:41	159	01:17
									
GATO		TER		FICAR		AÍ		ELE	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado	
Leb		Leb		Leb		Leb		∅	
CNI		CNI		CNI		CIPL		CI	
EF		EF		EF		EF		MC	
O-I		O-I		O-E		O-E		O-E	
O gato tem que ficar aí.									
SH - Piada									
160	01:17	161	01:17	162	01:18	163	01:18	164	01:18
									
		ESPERAR		DAR		COMER/COMIDA		DAR	
		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LE		LE		LE	
CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-E		O-E		O-E		O-E	
MARCADOR									
(pausa)... Espere, vou dar comida a ele.									

Fonte: Elaborado pela autora

É possível observar também que, ao usar o verbo DAR nas imagens 162 e 164, a informante movimentava as mãos em direção ao ponto estabelecido no espaço para o gato e faz referência a um elemento que já faz parte da narrativa.

Quadro 6

SH - Piada							
165	01:18	166	01:19	167	01:19	169	01:20
							
EU		FOME		ELE		GATO	
real		sub-rogado		sub-rogado		não-marcado	
LEb		LEb		LEb		LE	
CIPL		CIPL		CIPL		CNI	
O-E		O-E		O-E		O-I	
Eu estou com fome, ele, o gato.							

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 6, o apontamento é direcionado inicialmente para o corpo do próprio sinalizador na imagem 165, EU; na imagem 167, o apontamento é direcionado a um ponto no espaço onde está localizada a posição específica que se refere à figura do gato que já faz parte da narrativa, ELE, o gato.

Nesse trecho, fica claro que o apontamento pode estar fazendo referência ao próprio sinalizador, quando está no papel de narrador, ou a algum personagem que já tenha sido mencionado anteriormente na narrativa do surdo.

6.2 Expressões não manuais

A expressão não manual (ENM) refere-se a elementos muito importantes, pois a expressão facial e o movimento do resto do corpo, além das mãos, constituem parâmetros e diferenciam significados (BRITO, 1995, p. 41).

A ENM, ou componente não manual, refere-se às expressões faciais ou aos movimentos que contribuam ou fazem parte do sinal ou que contribuem para a estruturação sintática, como se pode observar no exemplo a seguir, no qual a ENM protusão dos lábios em bico (LB) associa-se a todos os sinais das imagens 21 a 28, quando o objeto da oração é enunciado. Por outro lado, no marcador DEPOIS, na imagem 29, os lábios passam para a posição de descanso e, na imagem 30, a boca fica aberta (BA).

Quadro 7

IS - Rotina									
21	00:22	22	00:23	23	00:23	24	00:24	25	00:25
MUITO		COISAS		MUITO		DEPOIS		MAIS	
não-marcado		não-marcado		não-marcado				não-marcado	
LB		LB		∅		LE		LB	
CI		CNI		CI		∅		MAC	
O-I		O-I		O-I		O-I		O-I	
						MARCADOR			
Escrevo muitas coisas.									
IS - Rotina									
26	00:26	27	00:27	28	00:28	29	00:29	30	00:29
MAIS		MUITAS		COISAS		DEPOIS		Á TARDE	
não-marcado		não-marcado		não-marcado				não-marcado	
LB		LB		LB		LE		BA	
CNI		CNI		CIPL		CNI		CNI	
O-S		O-I		O-I		O-I		O-I	
						MARCADOR			
Depois, muitas coisas mais. À tarde...									

Fonte: Elaborado pela autora

O marcador DEPOIS ocorre duas vezes no quadro 7, nas imagens 24 e 29, possivelmente com funções um tanto distintas, pois na ocorrência da imagem 24 os lábios se mantêm em bico e na imagem 29 a ENM se desfaz. Essa oposição se deve provavelmente aos dois níveis em que esses marcadores se situam: o primeiro, no interior de um argumento e o segundo, entre dois constituintes sintáticos no nível da oração.

Esses dados corroboram as conclusões de Sabanai (2016), que identificou diferentes situações discursivas de delimitação dos atos de fala e das estruturas sintáticas. É interessante

destacar que esses limites podem estar associados a marcadores constituídos por sinais, como DEPOIS no exemplo acima. A análise feita pela autora demonstrou que ocorrem fronteiras estruturais indicadas apenas pelos marcadores ou também por paradas, ou seja, os limites em estudo podem ser marcados (1) apenas por uma parada, (2) por uma parada e um sinal marcador e (3) apenas por um sinal marcador (SABANAI, 2016, p. 45).

6.3 Observações sobre o léxico

A análise dos dados possibilitou a identificação do uso de itens lexicais nos diferentes espaços e em situações específicas, como na construção do cenário, no decorrer da narrativa ou nos diálogos, como se pode atestar no quadro 8.

6.3.1 Verbos

Alguns verbos podem ser realizados em vários espaços diferentes, como IR, VER, ANDAR, OLHAR, SUBIR, DESCER. Os dados dessa pesquisa mostraram que outros verbos ocorrem apenas em dois espaços, o não-marcado e o sub-rogado, como, por exemplo, COMER, PEGAR, PROCURAR e ARRUMAR.

Quadro 8 - Léxico - verbo

	Narrativa			Diálogo
	Não Marcado	<i>Token</i>	Sub-rogado	Real
IR	X	X	X	
VER	X	X	X	X
ANDAR	X	X	X	
COMER	X		X	
SUBIR	X	X	X	
DESCER	X	X	X	
PEGAR	X		X	
PROCURAR	X		X	
ARRUMAR	X		X	
ANDAR/CARRO	X	classificador	X	
ANDAR/BICICLETA	X	classificador	X	






Fonte: Elaborado pela autora

Examinando o quadro, pode-se concluir que: 1) os verbos podem ocorrer ancorados no corpo, ou seja, nos espaços não-marcado e sub-rogado que correspondem aos usos do corpo-

como-sujeito, de acordo com os conceitos já vistos de Meir et al. (2006); 2) o espaço *token* é utilizado com verbos de movimento; 3) o verbo VER ocorreu em todos os espaços, inclusive no espaço *token*. Na realização do verbo VER, verifica-se que a direção do olhar acompanha o movimento, é um tipo de flexão própria das línguas de sinais nos verbos direcionais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 130).

É possível notar na imagem 103 do quadro 9 que o verbo VER acontece no espaço não-marcado, o informante está com o corpo virado para frente e o olhar está no interlocutor. Em seguida, observa-se a realização do mesmo verbo no espaço sub-rogado, quando o informante ED se movimenta como se fosse o próprio personagem da história: movimenta todo o corpo e a cabeça, e a direção do olhar busca como alvo o outro personagem da narrativa.

Quadro 9

ED - Peras										
103	02:18	104	02:19	105	02:21	()	168	03:32	169	03:33
										
VER		PEDALAR/OLHAR		PEDALAR/OLHAR			VER		VER	
não-marcado		token/sub-rogado		token/sub-rogado			não-marcado		não-marcado	
Leb		BA		BA			LE		LE	
CNI		CIPL		CIPL			CIPL		CIPL	
O-I		O-E		O-E			OF		O-E	
“Vi, pedalei e fiquei olhando.”							Viu.			





Fonte: Elaborado pela autora

Os verbos ANDAR/CARRO e ANDAR/BICICLETA necessitam do uso do classificador. Sabanai e Grannier (2016) identificam dois tipos de classificadores que iconicamente sugerem a forma dos objetos referidos. Para as autoras, os dois tipos ocorrem como partes do verbo: o primeiro representa o sujeito em sentenças com verbos intransitivos de movimento; o segundo tipo representa o objeto-paciente ou o instrumento com o qual se age sobre o paciente em sentenças com verbos transitivos diretos (SABANAI E GRANNIER, 2016, p. 9).

Ao analisar os dados, nota-se que o sinal pleno é realizado no espaço não-marcado e substituído por classificadores ou por formas reduzidas no espaço *token*. No espaço sub-rogado, o item fica implícito ou é expresso por meio de sinal com referência metonímica ou alternativa, como no caso de ANDAR DE BICICLETA, que pode ser indicado como BICICLETA/PEDALAR ou SEGURAR GUIDON.

Nas imagens 152 e 153 do quadro 10, é possível notar o sinal de BICICLETA/PEDALAR realizado no espaço *token*, e na imagem 176 do mesmo quadro percebe-se a realização do sinal SEGURAR GUIDON realizado no espaço sub-rogado. Os sinais, por terem o mesmo referente, destacam-se pela relevância da relação lexical e gramatical entre eles.

Quadro 10

PR - Peras								
151	03:03	152	03:06	153	03:07	()	176	03:35
								
HOMEM		PEDALAR		PEDALAR			ANDAR DE BICICLETA	
não-marcado		token		token			sub-rogado	
Bar		LE		LE			LE	
CNI		CNI		CNI			CNI	
O-I		O-E		O-E			O-E	
O homem estava pedalando.						Andar de bicicleta.		

Fonte: Elaborado pela autora

A relação de tamanho também é notada na realização desses sinais nas imagens 152 e 153, em que se percebe o tamanho pequeno que se refere aos pedais, e na imagem 176, o tamanho da bicicleta é o tamanho natural de alguém sentado na bicicleta e segurando o guidon. Nesse ponto, é possível retomar os conceitos de Cuxac no tocante à transferência de tamanho e forma, quando se representa parcial ou totalmente o tamanho e/ou a forma de lugares, objetos ou características, caso das imagens 152 e 153. No caso da imagem 176, percebe-se a transferência de pessoa quando o sinalizante desaparece e se torna o protagonista na narrativa (humano, animal ou coisa). Seus gestos correspondem à caracterização da pessoa a quem ele se refere e de quem ele tomou o lugar na narrativa.

6.3.2 Substantivos e seus substitutos

Quadro 11 – Léxico - substantivos






	Narrativa			Diálogo
	Não Marcado	Token	Sub-rogado	Real
ÁRVORE	X	forma reduzida	implícito	
FRUTA	X	classificador de objeto		
CESTA	X	classificador de objeto		
GATO	X	classificador de sujeito	X	
HOMEM	X	classificador de sujeito	X	
BOLA	X	classificador de objeto	X	
CASA	X	forma reduzida		

Fonte: Elaborado pela autora

Em uma análise da interação de aspectos estruturais da Libras, a simultaneidade, a iconicidade e a utilização de diferentes espaços para a realização dos sinais, Grannier e Marinho (manuscrito) argumentam que, na classificação interna dos sinais de caráter nominal, devem ser distinguidos quatro tipos de formas: as *formas plenas* (FP), que são itens lexicais específicos, tais como os sinais referentes a CASA, LIVRO, ÁRVORE, CAIR e AMAR; as *formas genéricas* (FG), também plenas, que constituem itens lexicais comuns da língua, uma subclasse das FP, constituídas pelo “desenho no ar” do contorno das formas do referente; as *formas reduzidas* (FR), cujas formas fonológicas mantêm características das formas lexicais plenas a elas correspondentes; e as *formas classificadoras* (FC), que apresentam função gramatical especial, junto a verbos de movimento (GRANNIER E MARINHO, manuscrito, sp).

Nos dados selecionados, podemos apontar a existência das formas plenas, formas genéricas, formas classificadoras e formas reduzidas. É possível atestar a ocorrência da forma plena quando o sinalizante ED, na imagem 2 do quadro 12, faz o sinal de ÁRVORE e, na continuidade de sua narrativa, faz a forma reduzida na imagem 3, a partir da qual desloca uma das mãos, que usava ao fazer o sinal pleno de ÁRVORE, e a usa para fazer o sinal ANDAR (CL_{PESSOAS}).

Quadro 12

ED - Peras									
1	00:09	2	00:10	3	00:12	4	00:12	5	00:15
									
		ÁRVORE		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		SUBIR	
		Token		Token/ Token		Token/Token		Subrogado	
∅		BA		BA		BA		∅	
CNI		CIPF		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-S		O-S		O-S		O-E	
MARCADOR				Superposição de sinal		Superposição de sinal			
Bem, tinha uma árvore e alguém vinha andando e subiu na árvore.									






Fonte: Elaborado pela autora

Grannier e Marinho (manuscrito) afirmam que em algumas situações um sinal articulado simultaneamente com duas mãos é parcialmente desconstruído pelo sinalizador, pela retirada de uma das mãos da realização do sinal e do movimento da outra mão, quando houver. Desse modo, o sinalizador mantém uma das mãos paralisada no espaço de realização, enquanto a outra fica livre para a realização de outro item lexical ou de um enunciado em que a mão paralisada participa como um constituinte frasal (GRANNIER; MARINHO, manuscrito, sp).

Os dados desta pesquisa, ilustrados no quadro 12, corroboram a análise de Grannier e Marinho (manuscrito), que afirmam manter-se o constituinte na oração mesmo na forma reduzida, realizada parcialmente, pois não há descontinuidade entre a forma plena e sua forma reduzida, dispensando referências anafóricas ou outros recursos que o recuperem (GRANNIER; MARINHO, manuscrito, sp).

O uso do corpo como sujeito é observado nas imagens 286 e 287 do quadro 13, na realização do sinal COMER no espaço sub-rogado.

Quadro 13

PR - Peras									
286	05:45	287	05:47	288	05:50	289	05:51	290	05:52
									
COMER		COMER		TRÊS IR		TRÊS IR		OLHAR	
sub-rogado		sub-rogado		token		token		sub-rogado	
LE		LE		BA		BA		BA	
CI		CI		CIPL		CIPL		CIPL	
O-E		O-E		O-S		O-S		O-E	
" Comi, comi". Três pessoas iam (no caminho) " Olhei"									

Fonte: Elaborado pela autora

6.3.3 Adjetivos

Os adjetivos FRIO, RUIM, QUENTE, PEQUENO e BONITO, que correspondem a sensações ou avaliações, podem ser expressos também no espaço sub-rogado, enquanto outros, como nomes de cores, são sinais exclusivos do espaço não-marcado.

Quadro 14 – Léxico - adjetivos

	Narrativa			Diálogo	Cenário
	Não-Marcado	Token	Subrogado	Real	
FRIO	X		X		
RUIM	X		X		
QUENTE	X		X		
PEQUENO	X		X		
BRANCA	X				
BONITO	X		X		

Fonte: Elaborado pela autora

O que diferencia o adjetivo das demais categorias é a possibilidade de associá-lo a expressões de intensidade, como, por exemplo, a realização dos sinais BONITO e PEQUENO pode ser acompanhada de ENM específica, significando que algo é extremamente belo ou muito pequeno.

6.4 Caracterizando os espaços na Libras

Ao pesquisar o uso dos espaços na Libras, ficou evidente a necessidade de caracterizar cada um dos quatro espaços utilizados pelos informantes, o real, o *token*, o sub-rogado e o não-marcado.

Existem duas formas distintas de proceder à análise das narrativas e diálogos dos informantes surdos: a primeira considera a existência de quatro espaços que se distinguem sem uma hierarquia, ou seja, uma sucessão de espaços que mudam constantemente; a segunda admite a existência de três espaços marcados e um espaço não-marcado independentemente dos outros, que apresentam marcas específicas.

Optou-se por escolher a segunda alternativa, com base nas explicações de Givón, Dixon e outros. Como vimos, Dixon deixa claro que o uso dos termos marcado e não-marcado é indicado apenas para sistemas fechados, o que é o caso dos quatro espaços da Libras.

6.4.1 Espaço não-marcado

Nesse espaço, observam-se as seguintes ocorrências: a) a realização plena dos sinais lexicais básicos, b) a posição do corpo de frente para o interlocutor ou para a câmera e c) o olhar focado no interlocutor. Os sinais registrados conforme o dicionário geralmente correspondem aos sinais usados nesse espaço. O sinalizador mantém-se numa posição básica, com o peso distribuído de forma igual nos dois pés.

O espaço **não-marcado** pode ser observado no quadro 15, no qual o participante IS usa o espaço à sua volta para a realização dos sinais, seu corpo está virado para o interlocutor, a câmera, desde a imagem 1 até a imagem 10. O participante mantém a postura firme e olha todo tempo para o interlocutor sem desviar o olhar, a não ser na imagem 9 do quadro 15, quando olha para a mão que está realizando o sinal.





Quadro 15

IS - Rotina				
1	2	3	4	5
00:03	00:04	00:05	00:06	00:07
				
MEU	NOME	I	S	R
não-marcado	não-marcado	não-marcado	não-marcado	não-marcado
BAr	Bar	LB	LE	LE
CN I	∅	∅	∅	∅
O-I	O-I	O-I	O-I	O-I
Meu nome é Israel				
IS - Rotina				
6	7	8	9	10
00:08	00:09	00:10	00:11	00:12
				
A	E	L	SINAL	I----
não-marcado	não-marcado	não-marcado	não-marcado	não-marcado
∅	LE	LB	LE	LE
∅	∅	∅	∅	MAC
O-I	O-I	O-I	O-E	O-I
e o sinal é -----,				

Fonte: Elaborado pela autora

Já no trecho destacado no diálogo 3, quadro 16, nota-se que os informantes se olham durante todo o tempo da conversa, o olhar continua sendo para o interlocutor, e o informante substitui o lugar da câmara, com o olhar predominantemente dirigido para o interlocutor. Neste trecho, pode ser observada uma alternância entre o espaço real e o espaço não-marcado.

Quadro 16









Diálogo 3			
37	00:14	38	00:14
39	00:15	40	00:15
			
VOCÊ	CASA	ONDE	MINHA
real	não-marcado	não-marcado	real
Leb	Leb	LE	LE
CIPL	CIPL	CIPL	CIPL
O-I	O-I	O-I	O-I
-Aonde fica sua casa? - Minha...			

Fonte: Elaborado pela autora

Na imagem 37 do quadro 16, o informante aponta para sua interlocutora realizando o sinal **VOCÊ**, usando o espaço real e, na imagem seguinte, faz o sinal de **CASA**, desta vez usando o espaço não-marcado, uma vez que o sinal **CASA** se realiza com os parâmetros que constam no dicionário de Libras. Na imagem 39 do mesmo quadro, o informante realiza o sinal **ONDE**, conforme está dicionarizado, e sua interlocutora responde, na imagem 40 do mesmo quadro, com o sinal **MEU**, usando o espaço real.

No quadro 17, nota-se a sequência no uso do espaço não-marcado nas imagens 41 e 42, quando da realização dos sinais **CASA** e **RECANTO DAS EMAS**, seguidos por uma pausa na imagem 43. Na imagem seguinte, o interlocutor toma o turno e realiza o sinal **MEU** no espaço real, referindo-se a si mesmo, que se encontra naturalmente no ambiente em que ocorre a enunciação.

Quadro 17

Diálogo 3							
41	00:15	42	00:16	43	00:17	44	00:17
							
CASA		RECANTO DAS EMAS		PAUSA		MINHA	
não-marcado		não-marcado				real	
∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-I		O-I		O-I		O-I	
				MARCADOR			
- ... casa fica no Recanto das Emas. - E a minha...							
Diálogo 3							
45	00:17	46	00:17	47	00:18	48	00:19
							
CASA		ONDE		RIACHO FUNDO I			
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado	
∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-I		O-I		O-I		O-I	
- ... casa fica no Riacho Fundo I.							

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no quadro 17 nota-se uma sequência de imagens realizadas no espaço não-marcado, imagens 45, 46, 47 e 48, todas correspondendo a realizações de sinais no formato dicionarizado.

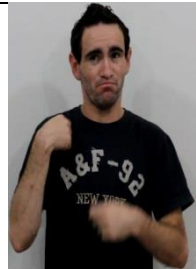
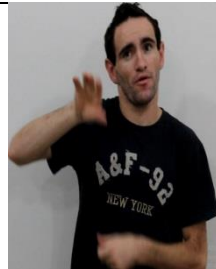

É preciso destacar que, no espaço não-marcado, existe a representação em tamanho natural, o corpo está sendo utilizado e as ações são realizadas em tamanho natural.

6.4.2 Espaço real

O espaço de sinalização **real** apresenta características próprias, quais sejam: 1) corresponde ao ambiente físico imediato em que ocorre o ato de fala em língua de sinais; 2) depende do que está fisicamente presente no ambiente em que ocorre a enunciação; 3) refere-se, por meio de apontação, às pessoas e objetos que se encontram no local naquele momento; 4) é caracterizado pelas pessoas presentes no ato de fala, ou seja, a 1ª pessoa e a 2ª pessoa do discurso, sendo que a 1ª é o sinalizador e a 2ª é o interlocutor; 5) havendo uma 3ª pessoa, humana ou um objeto qualquer, essa também pode ser apontada no espaço real. É interessante notar que neste caso aponta-se para essa pessoa presente no espaço real da mesma forma que se aponta para uma pessoa ausente nos demais espaços, depois de ela ter sido colocada no cenário.

O espaço real ocorre, por exemplo, no enunciado do quadro 18. O participante AH, ao sinalizar “EU” na imagem 21 do quadro 18, aponta para si mesmo, isto é, o participante marca a presença da primeira pessoa do discurso ao falar sobre planos para seu próprio futuro.

Quadro 18









AH - Futuro									
21	00:19	22	00:20	23	00:20	24	00:21	25	00:21
									
EU	PENSAR	IR	FAZER	FACULDADE					
real	não-marcado	não-marcado	não-marcado	não-marcado					
LE	LE	LB	LE	LE					
∅	CI	CI	CI	CI					
O-I	O-I	O-I	O-I	O-I					
Em penso em fazer faculdade.									

Fonte: Elaborado pela autora

Na imagem 6 quadro 19 pode ser observado o uso do espaço real no momento em que a participante KS sinaliza NÓS DUAS, quando aponta para o que está fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação. A participante KS se refere, por meio de apontação, às pessoas que estão presentes no local, isto é, ela e sua amiga. No caso da gravação de um diálogo, as participantes conversam e se olham enquanto sinalizam. É interessante notar que

existe a passagem do espaço real para o não-marcado. O olhar direto no interlocutor é percebido em toda a sequência do quadro 19, nas imagens 9, 10, 11 e 12.

Quadro 19

Diálogo 4							
5	00:03	6	00:04	7	00:04	8	00:04
							
TUDO BEM	BEM	NÓS DUAS		VAMOS		IR	
não-marcado		real		não-marcado		não-marcado	
∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-I		O-I		O-I		O-I	
-Tudo bem. Nós duas vamos...							
-Bem							
Diálogo 4							
9	00:05	10	00:06	11	00:06	12	00:07
							
JUNTAS		PASSEAR		OK FAZER		ROUPAS O QUÊ	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado	
∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-I		O-I		O-I		O-I	
- passear juntas? Roupas....(comprar no shopping).							
-Para fazer o quê?							

Fonte: Elaborado pela autora

Como foi visto, o espaço real é marcado pelas pessoas presentes no ato de fala, a 1ª e a 2ª pessoas do discurso; o contexto no qual a 1ª pessoa é o sinalizador e a 2ª pessoa é o interlocutor. Caso haja uma 3ª pessoa, humana ou um objeto qualquer, ela também pode ser apontada no espaço real.



6.4.3 Espaço *token*

O espaço de sinalização *token* apresenta características próprias: 1) a posição do corpo é virada preferencialmente de frente para o interlocutor, neste caso a câmera; 2) o olhar é dirigido predominantemente para o interlocutor alternando o olhar para as mãos, ou seja, o olhar direto no sinal que está sendo realizado; 3) a apontação é utilizada nesse espaço com função anafórica, remetendo aos referentes assinalados anteriormente no cenário; 4) verifica-se frequentemente a ocorrência de locativos ou alvos relacionados à ação dos verbos de movimento e ao verbo ver; 5) a expressão do discurso indireto, em que os personagens são indicados com a 3ª pessoa, por meio de classificadores, torna-se o espaço do narrador.

O sinalizador mantém a postura básica, idêntica à do espaço não-marcado, com o peso distribuído nos dois pés. É no espaço *token* que ocorre o uso de classificadores na indicação do sujeito da oração.

Na imagem 16 do quadro 20, pode-se observar o verbo IR, de movimento (também denominado direcional ou verbo com concordância), realizado pela participante, situação em que o sinal utilizado incorpora os referentes introduzidos no espaço; no diálogo em questão, trata-se da localização de um shopping da cidade.

Quadro 20



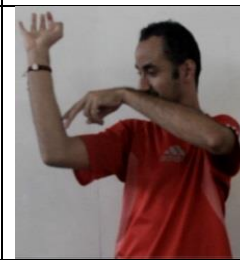


Diálogo 4	
15	16
00:10	00:12
	
JUNTAS	IR
VAMOS	
não-marcado	não-marcado
∅	∅
CNI	CNI
O-I	O-I
-Vamos ir juntas? (fazer compras)	
-Vamos.	

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 21, o participante PR faz uso do espaço *token* desde a imagem 21 até a imagem 25, nas quais sinaliza os verbos DESCER e ANDAR. Nota-se que o participante mantém uma das mãos com a forma reduzida do sinal de ÀRVORE e a outra narra o fato de

que alguém desceu de uma árvore e andou. Assim, há uma demonstração, em tamanho miniaturizado, de ações relativas a um local, a árvore, o que corresponde ao conceito de transferência de tamanho e forma de Cuxac e Sallandre.


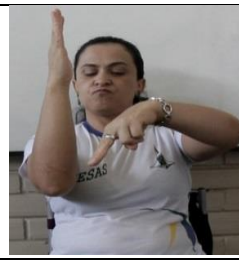



Quadro 21

PR - Peras									
21	00:27	22	00:28	23	00:29	24	00:30	25	00:32
									
ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/ANDAR	
token		token		token		token		token	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-S	
Desceu, desceu e andou.									

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 22, a participante SH faz uso do espaço *token* a partir na imagem 31 até a imagem 34. Convém esclarecer que a participante SH faz uso de cadeira de rodas por ter sofrido um acidente no início de sua juventude. Nesse trecho da narrativa, a participante coloca-se de frente para a câmera e seu olhar começa focado no interlocutor (O-I) e depois é direcionado para o sinal que está sendo executado. Nas imagens 32, 33 e 34, a participante faz uso de superposição de sinal nos sinais ÁRVORE e ANDAR por três imagens seguidas.

Quadro 22

SH - Peras									
31	00:20	32	00:21	33	00:21	34	00:22	35	00:23
									
ÁRVORE		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		OBSERVAR	
token		token		token		token		não-marcado	
Leb		Leb		Leb		Leb		Leb	
CNI		CNI		CNI		CIPL		CIPL	
O-I		O-S		EFC, O-S		EFC, O-S		O-E	
Ele andou em volta da árvore observando frutos.									

Fonte: Elaborado pela autora






Como comentado anteriormente, no espaço *token* a posição do corpo é virada preferencialmente de frente para o interlocutor, e a apontação é utilizada nesse espaço com função anafórica, remetendo aos referentes antes assinalados no cenário. No espaço *token*, observa-se a ocorrência de locativos ou alvos relacionados á ação dos verbos de movimento. Os personagens são indicados com a 3ª pessoa por meio de classificadores. Convém notar a semelhança existente entre o espaço sub-rogado e o espaço *token*, ambos representam a cena; no primeiro, em tamanho grande, sub-rogado, e no outro, em tamanho reduzido, o *token*.

6.4.3.1 O olhar no espaço *token*

A questão do olhar é bastante significativa em relação ao uso dos espaços, pois pode-se notar que no espaço *token* o sinalizante mantém o olhar predominantemente no sinal que está sendo realizado.

O participante PR, ao continuar a narrativa no quadro 23 usa o espaço *token* e faz o sinal de DESCER no espaço *token* por três imagens seguidas, 22, 23 e 24. Ele faz o sinal de ANDAR no espaço *token*, imagem 25, e depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa trocando o verbo, passando a sinalizar o verbo PEDALAR, imagens 26 e 27 do quadro 24.

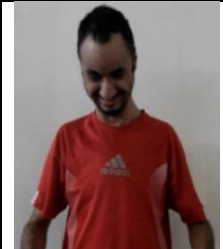




Quadro 23

PR - Peras									
21	00:27	22	00:28	23	00:29	24	00:30	25	00:32
									
DESCER		DESCER		DESCER		DESCER		ANDAR	
token		token		token		token		token	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-S	
Desceu, desceu e andou.									

Fonte: Elaborado pela autora

O participante continua usando o espaço sub-rogado na imagem 28 do quadro 24, sinalizando o verbo LEVANTAR. Enquanto usa o espaço *token*, nota-se que o olhar fica predominantemente no sinal que está sendo realizado.

Quadro 24

PR - Peras									
26	00:35	27	00:36	28	00:38	29	00:39	30	00:40
									
PEDALAR		PEDALAR		LEVANTAR (o cesto)		LEVANTAR		LEVANTAR	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPB		CIPB		CIPB		CIPB		CIPB	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
"Pedalei, pedalei e levantei (o cesto)."									

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.4 Espaço sub-rogado




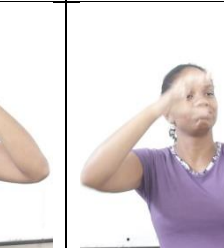

O espaço de sinalização **sub-rogado** apresenta várias características próprias: 1) a expressão do discurso direto no qual os personagens são indicados como 1ª e 2ª pessoa, tendo, na 1ª pessoa, o corpo como sujeito, gíngado, gestos e ENMs correspondentes ao personagem; 2) o giro do corpo na direção do local designado para um personagem específico; 3) o olhar no espaço, na direção do local do outro personagem ou interlocutor dentro da narrativa; 4) o giro do corpo se faz de acordo com os locais designados anteriormente para os personagens na construção do cenário.

Em relação à postura, o sinalizador gíngado e assume as características de cada personagem da narrativa. Ocorre a inclinação dos quadris e nota-se que o peso dos pés é distribuído de forma alternada, correspondendo à gesticulação dos personagens. No espaço sub-rogado, não ocorre o uso de classificadores indicadores de sujeito, pois esse é indicado pelo corpo do falante.

No quadro 25, é possível notar que a participante KS faz uso seguidamente do espaço sub-rogado nas imagens de números 6 a 10, incorporando os gestos que o personagem executa. Nos sinais SUBIR e COLHER, com os quais a participante assume as características do personagem, olha para onde o personagem precisa olhar ao executar a ação. Seus gestos são compatíveis com uma pessoa que sobe em uma árvore e também alguém que colhe frutos de uma árvore. A árvore está implícita, a ação de colher está indicada pelo sinal COLHER, e a fruta é indicada pelo classificador de objeto sinalizado pela configuração de mão C,

CLREDONDOMÉDIO. Na imagem 8 do mesmo quadro, é possível observar o fenômeno da superposição de sinais, o que é muito comum nas narrativas de surdos, ou por uma necessidade de fluidez da narrativa ou até mesmo por causa das limitações físicas impostas ao uso das duas mãos para sinalizar toda uma estrutura da narrativa. Observa-se uma correspondência entre o espaço sub-rogado e o espaço real, o que será tratado na seção 6.8.

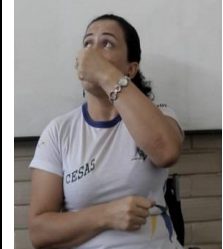
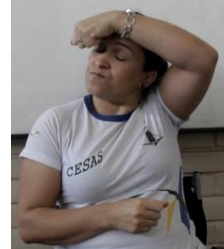



Quadro 25

KS - Peras									
6	00:31	7	00:32	8	00:32	9	00:33	10	00:34
									
SUBIR		SUBIR		SUBIR/FRUTO		COLHER		COLHER	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado/ não-marcado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LE		LE		LE	
CI		CI		CI		CIPF		CNI	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
				Superposi. de espaço					
... subindo. (A pessoa) colheu frutos									

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 26, as imagens 156, 157 e 158 revelam os gestos atribuídos a um gato que faz parte da narrativa de uma piada da participante SH, “o gato se coça e se lambe”. Ao assumir as características do felino, a participante gesticula e olha para o ponto onde foi situado o interlocutor do gato, no caso, uma criança com quem ele está interagindo. Ao gesticular como um felino, é possível registrar que a participante fecha os olhos na imagem 157, assim como faria um gato ao se lamber e se coçar, e gira seu corpo ao interagir com outro personagem da narrativa.

Quadro 26


SH - Piada									
156	01:14	157	01:15	158	01:15	159	01:16	160	01:17
									
COÇAR		COÇAR		LAMBER		ELE		PAUSA	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		não-marcado			
BA		LE		BA		Ø		LE	
CI		CI		CI		CI		CNI	
EF		EF		EF		MC		Ø	
O-E		OF		O-E		O-E		O-I	
“... cocei, cocei, lambi”. “ Ele (pausa)...”									


Fonte: Elaborado pela autora

6.4.4.1 Giro do corpo no espaço sub-rogado

Em outra sequência, no quadro 27, a informante KS faz a passagem do espaço sub-rogado para o espaço *token*, entremeando com o espaço não-marcado, como se pode notar na imagem 77. É possível observar a mudança de pessoa do discurso, na imagem 77 a participante registra a 1ª pessoa sinalizando LIMPAR, entremeando com sinal realizado no espaço não-marcado na imagem 78.

Quadro 27

KS - Peras									
76	01:50	77	01:52	78	01:52	79	01:53	80	01:54
									
ME AJUDAR		LIMPAR		BEM		TRÊS VIR		VIR	
não-marcado		sub-rogado		não-marcado		token		token	
Leb		Leb		Leb		LE		Leb	
CIPL		CNI		CNI		CNI		CIPC	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
				MARCADOR					
“Me ajudaram. Me limpei.” Os três vieram ao encontro dele.									










KS - Peras									
81	01:55	82	01:56	83	01:57	84	01:57	85	01:58
									
VIR AO ENCONTRO		DEPOIS		HOMEM		SEMPRE		SUBIR	
token				não-marcado		não-marcado		sub-rogado	
LE		LE		Bar		Bar		∅	
CIPL		CIPC		CIPC		CIPC		CIPC	
O-E, MC		MC, O-E		MC, O-E		O-E		MC, O-E	
		MARCADOR							
Depois o homem continuou subindo (na árvore). “Subi”									

Fonte: Elaborado pela autora

Na tradução livre, pode-se ler “Me limpei”, em relação à imagem 77, e, logo em seguida, ocorre uma pausa na imagem 78. É possível perceber a mudança na posição do corpo da participante KS durante o processo de mudança do espaço a ser usado. Logo após o marcador BEM, a participante se utiliza do espaço *token*, no qual o sujeito passa a ser indicado pela mão direita com o CL_{TRÊS} e o alvo, pela mão esquerda com CL_{HUMANO}. Os dois classificadores referem-se diretamente às terceiras pessoas do discurso e, com o movimento de aproximação das duas mãos, sinalizam “os três vieram ao encontro dele”. Convém lembrar que o uso do espaço *token* coincide com o uso de verbos de movimento, como se observa nas imagens 79, 80 e 81 do quadro 27.

Na sequência, imagens de 2 a 6 do quadro 28, observa-se que o participante PR realiza a reduplicação do mesmo sinal no espaço *token* por cinco vezes seguidas. A repetição acontece com o verbo ANDAR, ao mesmo tempo que sinaliza a forma reduzida de ÁRVORE, que já fazia parte da narrativa desde a montagem do cenário. Nota-se que inicialmente o participante está virado para a frente (apesar de a cabeça acompanhar o olhar que se dirige para a mão direita e alternadamente para a mão esquerda, na realização dos sinais) e, quando passa do espaço *token* para o sub-rogado na imagem 7, vira o corpo para o lado onde situou a árvore.

Quadro 28

PR - Peras									
1	00:03	2	00:06	3	00:07	4	00:07	5	00:08
									
ÁRVORE		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR	
token		token		token		token		token	
∅		∅		∅		∅		∅	
CNI		CIPL		CNI		CIPL		CIPL	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-S	
Tinha uma árvore, alguém andou perto da árvore.									
PR - Peras									
6	00:09	7	00:10	8	00:12	9	00:13	10	00:14
									
ANDAR/ÁRVORE		SUBIR		SUBIR		SUBIR		SUBIR	
token		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPC		CIPC		CIPC		CIPC		CIPC	
O-S		O-E		O-E		O-E		O-E	
Superpos. de sinal									
"Subi, subi (na árvore)."									

Fonte: Elaborado pela autora

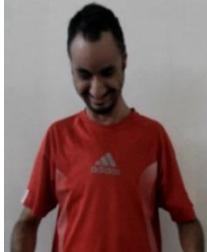




É possível perceber que o giro no tronco dos participantes ocorre durante o processo de mudança dos espaços *token* e não-marcado para o espaço sub-rogado, como observa-se nos exemplos acima.

6.4.4.2 O olhar no espaço sub-rogado

A importância do olhar persiste na realização do espaço sub-rogado, no quadro 29. Nota-se que mais uma vez o sinalizante assume as características do personagem, utilizando o discurso direto, no qual o corpo indica o sujeito. Na tradução livre, "Pedalei, pedalei e levantei (o cesto)", referente às imagens 26, 27 e 28 do quadro 29. Pode-se observar a direção

do olhar do participante no espaço sub-rogado, que passa a ser o olhar do personagem para a direção que o personagem da narrativa estaria olhando nas ações ocorridas durante a narrativa, o olhar no espaço (O-E).


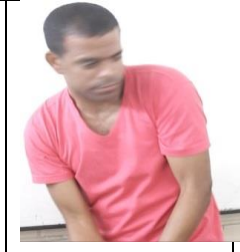



Quadro 29






PR - Peras									
26	00:35	27	00:36	28	00:38	29	00:39	30	00:40
									
PEDALAR		PEDALAR		LEVANTAR (o cesto)		LEVANTAR		LEVANTAR	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPB		CIPB		CIPB		CIPB		CIPB	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
Pedalei, pedalei e levantei (o cesto).									

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 30, o participante ED, ao narrar uma piada cujo tema é um jogo de golfe, deixa claro o papel do olhar em sua narrativa. Toda a sequência é realizada no espaço sub-rogado, portanto o sinalizante realiza as ações como se fosse o próprio personagem. Tanto a movimentação do corpo quanto a atitude e o olhar acompanham as características do personagem envolvido na narrativa, no caso, um jogador de golfe.

Quadro 30

ED - Piada									
41	00:35	42	00:36	43	00:37	44	00:37	45	00:39
									
JOGAR		BATER		OLHAR/LONGE		LONGE		BOLA	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LBS		LBS		BA	
CI		CI		CI		CI		CI	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
"Joguei a bola e olhei. A bola foi longe (para o buraco)."									

ED - Piada									
46	00:39	47	00:41	48	00:43	49	00:44	50	00:44
									
IR		IR		IR		IR		QUASE	
sub-rogado		sub-rogado		token		token		token	
LE		LE		LE		LE		BA	
CNI		CI		CI		MAC		CIPF	
O-E		O-E		O-S, EF		O-S, EF		O-S	
E (a bola) vai, vai e quase entra.									

Fonte: Elaborado pela autora

O participante ED acompanha com o olhar todo o percurso que a bola de golfe faria durante o jogo, e seu olhar restringe-se ao olhar do personagem, como se pode notar nas imagens de número 41 a 47 do quadro 30.

O enunciado inicia-se no espaço sub-rogado e na 1ª pessoa (discurso direto), representada pelo próprio corpo. O sinalizador assume as características próprias do personagem em questão, realizando giro de corpo, mudanças de expressão, gíngado do corpo, inclinação de cabeça, mudança na direção do olhar, entre outros movimentos. Note-se que na imagem 45 a boca está levemente aberta (BA), indicando tensão ou contrariedade. Nas imagens 48 e 49 os lábios esticados (LE) juntamente com a expressão facial (EF) indicam ansiedade e frustração, e na imagem 50 percebe-se o ensaio da articulação da sílaba /kwa/ de ‘quase’ (Bar), boca articulada.

6.5 Comparação dos espaços

Os dados desta pesquisa demonstraram que as características observadas nos espaços podem ser agrupadas conforme a posição do corpo, o olhar, a referência ao cenário, a postura e o uso de classificadores.

Quadro 31 – Quadro Comparativo

	TIPOS DE DISCURSO	POSIÇÃO DO CORPO	OLHAR	REFERÊNCIA AO CENÁRIO	POSTURA	CLASSIFICADOR
Não-marcado	Direto e indireto	de frente, para o interlocutor	Repetidamente no interlocutor	não	parada	não
Real	Direto	de frente, para o seu interlocutor	Repetidamente para seu interlocutor	não	parada	não
Token	Indireto	Preferencialmente para frente, para o interlocutor virado na direção do sinal	Preferencialmente, no interlocutor alternando o olhar para o sinal	Apontação anafórica ou classificador	parada	sim
Sub-rogado	Direto	Giro do corpo de acordo com os locais designados para os personagens	No espaço, na direção do local designado para o outro personagem (seu interlocutor)	giro do corpo anafórico	Gingada, assumindo as características dos personagens	não

Fonte: Elaborado pela autora

Observando o quadro 20, pode-se afirmar que no espaço não-marcado a posição do corpo é de frente, virada para o interlocutor, o olhar fica repetidamente focado no interlocutor, a postura é parada, não se faz uso de classificadores e a construção do cenário é usada na apontação anafórica.

Já no espaço **real**, a posição do corpo também é de frente para o interlocutor, o olhar fica repetidamente focado no interlocutor, a postura é parada, não se faz uso de classificadores e a apontação é dêitica, marcando as pessoas presentes no diálogo.

No espaço **token**, a posição do corpo é preferencialmente para frente, virada para o interlocutor, o olhar fica repetidamente focado no sinal com alguns desvio feitos para o interlocutor, a postura é parada, faz uso de classificadores e a apontação é anafórica, indicando os pontos que foram estabelecidos na construção do cenário espaço para marcar cada um dos personagens da narrativa.

No espaço **sub-rogado**, pode-se observar que a posição do corpo é estabelecida de acordo com as características e ações dos personagens da narrativa, o giro do corpo é realizado de acordo com os locais estabelecidos no cenário para os personagens ou objetos o olhar é lançado para o espaço na direção do outro personagem, a postura é gingada e o sinalizante assume as características dos personagens.

Vale ressaltar que, tanto no espaço *token* quanto no espaço sub-rogado, os locais estabelecidos para os personagens no cenário são os mesmos. Em relação às pessoas do

discurso, nota-se que no *token* o discurso é indireto com marcação da 3ª pessoa, já no espaço sub-rogado o discurso é direto com marcação da 1ª pessoa.

6.6 ALTERNÂNCIA DOS ESPAÇOS











Nas narrativas coletadas, observa-se, dentro de uma mesma sentença, a alternância de espaços: do espaço *token* para o espaço sub-rogado e do espaço sub-rogado para o espaço *token*, entremeados por sinais no espaço não-marcado. Convém notar que houve uma frequência maior nos dados da alternância do *token* para o sub-rogado. Esse tipo de alternância ocorre com verbos de movimento e com os personagens de ações relatadas por verbos de movimento.

As mudanças de um espaço para outro são marcadas por características significativas, tais como: inclinação do corpo, direção do olhar, expressões não manuais, giro do ângulo do corpo e outros, que têm função gramatical na construção das unidades significativas da enunciação. Tais marcas assinalam desde a referência pronominal em um discurso indireto até a enunciação em discurso direto de uma ou outra pessoa do ato de fala, correspondendo a um personagem ou outro. As mudanças de espaço, do *token* ou do não-marcado para o sub-rogado, também correspondem à mudança do papel do sinalizante, de narrador para o de um personagem.

6.6.1 Alternância do espaço *token* para o sub-rogado

Nas narrativas, observa-se um primeiro tipo de alternância de espaços dentro de uma mesma sentença: a passagem do espaço *token* para o espaço sub-rogado (T/SB), conforme se observa no quadro 32. A participante KS usa o espaço *token* e faz o sinal de SUBIR nas imagens 3 e 4, depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa no mesmo espaço, como se pode notar nas imagens 5, 6 e 7.

Quadro 32




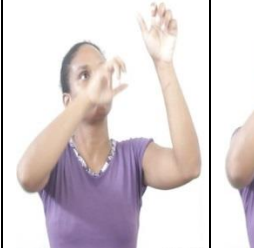

KS - Peras									
1	00:25	2	00:26	3	00:27	4	00:29	5	00:30
									
ÁRVORE		ÁRVORE		SUBIR		SUBIR		SUBIR	
token		token		token		token		sub-rogado	
LE		LE		∅		∅		∅	
CNI		CIPF		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-I		O-E		O-S		O-E	
Tinha uma árvore e alguém subiu....									
KS - Peras									
6	00:31	7	00:32	8	00:32	9	00:33	10	00:34
									
SUBIR		SUBIR		SUBIR/FRUTO		COLHER		COLHER	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado /não-marcado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LB		LE		BAr	
CI		CI		CI		CIPF		CNI	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
				superposição espaço					
.”.subi e subi, e colhi e frutos”									

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 33, a participante KS, ao dar continuidade à sua narrativa, usa o espaço *token* e faz o sinal de SUBIR por cinco vezes seguidas, como se pode conferir nas imagens de números 30 a 33. Depois, faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa, como é possível observar nas imagens 34 e 35 do mesmo quadro.

Quadro 33

KS - Peras									
26	00:54	27	00:54	28	00:55	29	00:55	30	00:56
									
DEPOIS		OUTRA VEZ		ÁRVORE		SEMPRE/ÁRVORE		SUBIR/ÁRVORE	
				token		não-marcado/token		token/token	
∅		∅		Leb		Leb		LE	
CIPL		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-E		O-E		O-I		O-E		O-S	
MARCADOR		MARCADOR				superposição espaço			
Depois, voltou para árvore outra vez.									

KS - Peras									
31	00:57	32	00:58	33	01:00	34	01:01	35	01:02
									
SUBIR/ÁRVORE		SUBIR/ÁRVORE		SUBIR/ÁRVORE		SUBIR		SUBIR	
token		token		token		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
A pessoa foi subindo (na árvore). “Subi, subi”									

Fonte: Elaborado pela autora

Convém notar que a participante KS faz o sinal SUBIR no espaço *token* na imagem 33, e passa para o espaço sub-rogado na imagem 34 do quadro 33, pois na sequência seguinte, no quadro 34, ela precisará de seu corpo como sujeito, o que é indicado nas imagens 36 a 38, quando passa a usar apenas o espaço sub-rogado.

Quadro 34

KS - Peras									
36	01:04	37	01:05	38	01:06	39	01:07	40	01:07
									
TIRAR (o cesto)		PEGAR		ARRUMAR		BEM		ARRUMAR	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado				sub-rogado	
LE		LE		LE		LE		Leb	
CI		CI		CI		CI		MAC	
O-E		O-E		O-E		OF		O-E	
						MARCADOR			
"Tirei o cesto, peguei o fruto, arrumei o cesto."									




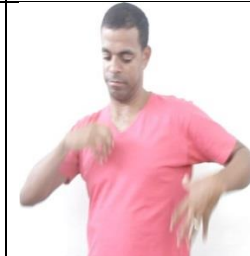
Fonte: Elaborado pela autora

6.6.2 Alternância do espaço sub-rogado para o *token*

Um segundo tipo de alternância de espaços se inicia com a passagem do uso do espaço sub-rogado para o espaço *token* (SB/T). Nos dados abaixo, é possível observar o fenômeno da alternância no uso dos espaços sub-rogado e *token* nas imagens 5 e 6 do quadro 35. O participante ED inicialmente realiza o sinal de SUBIR na imagem 5 no espaço sub-rogado e, em seguida, passa a realizar o sinal SUBIR no espaço *token* (SB/T), como se observa na imagens 6, 7 e 8. Ao passar do espaço *token* para o sub-rogado e retornar ao *token*, o informante ED quer deixar claro que o personagem da história estava subindo por uma escada, situação que fica bem explícita ao se usar o espaço sub-rogado.

Quadro 35






ED - Peras									
1	00:09	2	00:10	3	00:12	4	00:12	5	00:15
									
PAUSA		ÁRVORE		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		SUBIR	
		token		token/ token		token/token		sub-rogado	
∅		BA		BA		BA		∅	
CNI		CIPF		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-S		O-S		O-S		O-E	
MARCADOR									
Bem, tinha uma árvore e alguém vinha andando . "Subi (na árvore)."									

ED - Peras									
6	00:16	7	00:17	8	00:18	9	00:18	10	00:19
									
SUBIR/ÁRVORE		SUBIR/ÁRVORE		SUBIR/ÁRVORE		SUBIR		COLOCAR (cesto)	
token		token		token		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPF		CNI	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-E	
Superpos. de sinal		Superposição de sinal		Superposição de sinal					
A pessoa subiu na árvore. “ Eu subi e coloquei (o cesto)”									

Fonte: Elaborado pela autora

É possível observar nas imagens 8 e 9 do quadro 35 que o participante ED sinaliza o verbo SUBIR e passa do espaço *token* para o sub-rogado (T/SB). Nas imagens 11, 12, 13 e 14 do quadro 36, o participante irá permanecer no uso do espaço sub-rogado, ainda que sinalizando verbos diferentes, COLOCAR, COLHER e LEVANTAR. Observa-se que o sinalizante prepara a passagem de um sinal para outro, no caso do (T/SB), pois inicialmente está fazendo o sinal SUBIR no espaço *token* e, como irá assumir as características do personagem da narrativa, ele faz o sinal de SUBIR nas imagens 8 e 9 já no espaço sub-rogado, facilitando assim a passagem que será necessária à continuidade de sua narrativa.

Quadro 36






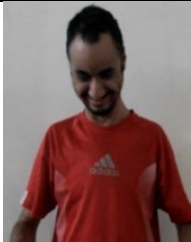



ED - Peras									
11	00:20	12	00:22	13	00:24	14	00:25	15	00:26
									
COLHER		COLHER		ARRUMAR		LEVANTAR		DESCER	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		token	
∅		∅		∅		∅			
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-S	
“Colhi frutos colhi. Arrumei e levantei o cesto.”									

Fonte: Elaborado pela autora

Fica clara a necessidade do sinalizante ED se referir ao local de onde desce, quando de sua mudança de espaço, na imagem 15 do quadro 36.

Já o participante PR, quadro 37, usa o espaço *token* e faz o sinal de DESCER por quatro imagens seguidas, as de número 21, 22, 23 e 24. Ele faz o sinal de ANDAR no espaço *token*, imagem 25, e depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa trocando o verbo, passando a sinalizar o verbo PEDALAR, imagens 26 e 27 do mesmo quadro. O participante continua usando o espaço sub-rogado na imagem 28, sinalizando o verbo LEVANTAR.

Quadro 37

PR – Peras									
21	00:27	22	00:28	23	00:29	24	00:30	25	00:32
									
ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/ANDAR	
token		token		token		token		token	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-S	
Desceu, desceu da árvore e andou.									
PR – Peras									
26	00:35	27	00:36	28	00:38	29	00:39	30	00:40
									
PEDALAR		PEDALAR		LEVANTAR		LEVANTAR		LEVANTAR	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅	
CIPB		CIPB		CIPB		CIPB		CIPB	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
“Pedalei e levantei (o cesto)”.									

Fonte: Elaborado pela autora



Ao dar continuidade à sua narrativa no quadro 37, mais uma vez o participante PR assume as características do personagem. Na imagem 25, o participante PR tem a cabeça de

lado ao usar o espaço *token*, olhando para o sinal, e, ao mudar de espaço, vira a cabeça para a frente inclinando-a para baixo, uma vez que assumiu as atitudes do personagem. Percebe-se que, do discurso na 3ª pessoa do token, indicada por classificador, o participante passa para sua representação por meio do corpo como sujeito, assumindo as características e ações do personagem. A tradução “pedalei e levantei (o cesto)” refere-se às imagens 26, 27 e 28 do mesmo quadro. Nota-se que o participante iria usar o corpo como sujeito e por isso mudou de espaço.

Como vimos, as alternâncias podem ocorrer devido às seguintes necessidades: 1) usar verbos de movimento, o que requer o uso do espaço token; 2) referir-se a um local ou alvo que só possa ser expresso no espaço token; 3) detalhar a ação do sujeito, recorrendo ao corpo-como-sujeito, como explica Meir et al. e 4) acrescentar informações sobre o paciente e recorrer à mudança de voz nas orações transitivas.

Os dados desta pesquisa corroboram a análise de Sabanai (2016) sobre a mudança da voz ativa para a passiva. No quadro 38, pode-se observar que o objeto direto/paciente é promovido a sujeito/paciente e passa a ser indicado pelo corpo-como-sujeito, podendo assim haver a expressão de sua atitude, como se vê nas imagens 136 e 137. O sujeito/agente da voz ativa, por sua vez, é demovido para uma posição oblíqua, sendo indicado apenas pelos braços-mãos do falante, como se observa na imagem 136 do quadro 38.

Quadro 38

PR - Peras										
132	02:41	133	02:42	()	135	02:44	136	02:47	137	02:48
										
CHIFRE (BODE)		OLHAR			PUXAR		PUXAR		CHIFRE (BODE)	
sub-rogado		sub-rogado			sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
∅		∅			∅		BA		∅	
CIPB		CIPL			CIPL		CIPB		CIPB	
O-E		O-E			O-E		O-E		O-E	
O bode... o homem olha e puxa o bode (pela corda) O bode é puxado e resiste.										

Fonte: Elaborado pela autora





Convém notar que, apesar de se tratar do mesmo espaço de sinalização, o espaço subrogado, a direção do olhar do personagem-homem é para baixo, e a sua cabeça está inclinada para o lado. Isso indica que o personagem-homem está olhando para o local onde o bode está situado no cenário; já o personagem-bode, representado pelo sinal de chifre, mas já anteriormente identificado na história como bode, mantém tanto a direção do olhar quanto a inclinação, voltadas para baixo.

Segundo os estudos de Sabanai (2016) ao realizar a troca de personagens ocorre uma mudança de voz que caracteriza-se por um espelhamento, que tem como eixo o objeto instrumento e como elementos opostos, os morfemas representados pelas ENMs, ENMOLHAR PARA BAIXO e ENMOLHARPARACIMA (SABANAI, 2016, p. 78).

6.6.3 Alternância entre os espaços real e não-marcado

Neste dado, observa-se a alternância entre o espaço não-marcado e o espaço real. O fenômeno pode ocorrer durante uma explanação ou durante um diálogo, como no caso da imagem 6 do quadro 39, no qual a sinalizante vinha construindo o diálogo no espaço não-marcado e muda para o espaço real, a fim de marcar o sujeito da oração, e em seguida retorna ao espaço não-marcado.

Quadro 39






Diálogo 4							
5	00:03	6	00:04	7	00:04	8	00:04
							
TUDO BEM	BEM	NÓS DUAS		VAMOS		IR	
não-marcado		real		não-marcado		não-marcado	
∅		∅		∅		∅	
CIPL		CIPL		CNI		CNI	
O-I		O-I		O-I		O-I	
Tudo bem. Nós duas vamos... -Bem							

Fonte: Elaborado pela autora

6.6.4 Entremeio do sub-rogado, *token* e não-marcado

Nos dados analisados notou-se o entremeio entre os espaços sub-rogado, *token* e não-marcado, como se pode observar nas imagens 16 a 20 do quadro 40. Nota-se que, ao entremear os espaços durante sua narrativa, o participante pode estar apenas tentando esclarecer algum detalhe da narrativa, como, por exemplo, retomar o local de onde se desce, na imagem 18 do quadro 40, ou a necessidade de usar o corpo como sujeito, no caso da imagem 17 do mesmo quadro, para deixar claro o quanto estava pesado o cesto cheio de frutos, ideia reforçada pela ENM que acompanha o sinal PESADO.

Quadro 40

ED - Peras									
16	00:28	17	00:29	18	00:30	19	00:32	20	00:32
									
ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/PESADO		ÁRVORE/DESCER		TIRAR		TIRAR	
token		token/sub-rogado		token		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LE		LE		LE	
∅		CIPL		CIPL		CIPB		CIPB	
O-S		O-E, EF		O-S		O-E		O-E	
		Superpos. espaços							
Ele começou a descer da árvore, o cesto estava pesado. Ele continuou a descer. “ Tirei (o cesto).									






Fonte: Elaborado pela autora

6.7 Superposição dos espaços

Em diversos momentos da análise dos dados ficou visível a superposição de espaços. O fenômeno ocorre quando o sinalizante permanece com características de um espaço e inicia concomitantemente a realização de um sinal em outro espaço.

Na sequência do quadro 41, também se pode notar a superposição de espaços, quando se vê o sinal “DOER” realizado no espaço sub-rogado, feito juntamente com os sinais “HOMEM” e “TRÊS” realizados no espaço não-marcado, nas imagens 81 e 82, respectivamente.

Quadro 41


SH - Peras									
81	00:57	82	00:58	83	00:58	84	00:58	85	00:59
									
HOMEM/DOER		TRÊS/DOER		DOER		DOER		DOER	
não-marcado /sub-rog.		token/sub-rog.		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		BA		Bar		Leb		LE	
CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	
Superposi. de esp.		Superposição de esp.							
O homem que sentia muita dores e viu três pessoas.” Ai..ai”									

Fonte: Elaborado pela autora

Prosseguindo na análise dos dados, percebemos que a participante SH, ao fazer a sua narrativa da História das Peras, usa o espaço sub-rogado e faz o sinal de ARRUMAR na imagem 27 no quadro 42, em seguida faz o sinal de ANDAR no espaço *token* do mesmo quadro. É possível notar nas imagens de 27 a 32 do quadro 42 que a participante faz uso do espaço *token* e nas imagens 28, 29 e 30 usa os espaços *token* e sub-rogado ao mesmo tempo.

Como se pode observar na sequência do quadro 42 a participante SH sinaliza que o personagem colocou o cesto de frutos no ombro na imagem 26 e continua segurando “a alça” do cesto por toda a sequência no espaço sub-rogado, mesmo ao introduzir um novo verbo na narrativa nas imagens 28, 29 e 30. Observa-se que em todas as imagens do quadro 42 a sinalizante apresenta a ENM lábios em bico (Leb), o que reforça a caracterização do personagem da narrativa.

Quadro 42

SH - Peras																								
26	00:17	27	00:17	28	00:18	29	00:19	30	00:20															
																								
COLOCAR		ARRUMAR		ANDAR/COLOCAR		ANDAR/COLOCAR		ANDAR/COLOCAR																
sub-rogado		sub-rogado		token/sub-rogado		token/sub-rogado		token/sub-rogado																
Leb		Leb		Leb		Leb		Leb																
CNI		CIPL, MC		CNI		CIPL		CNI																
O-I		O-S		O-E		O-E		O-E																
				Superposição esp.		Superposição esp.		Superposição esp.																
"Coloquei (o cesto) no ombro. Arrumei, andei, andei."																								
SH - Peras																								
31	00:20	32	00:21	33	00:21	34	00:22	35	00:23															
																								
ÁRVORE		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		ÁRVORE/ANDAR		OBSERVAR																
token		token		token		token		sub-rogado																
Leb		Leb		Le		Leb		Leb																
CNI		CNI		CNI		CIPL		CIPL																
O-E		O-S		EFC,O-S		EFC, O-S		O-E																
Ele andou em volta da árvore observando frutos.																								

Fonte: Elaborado pela autora




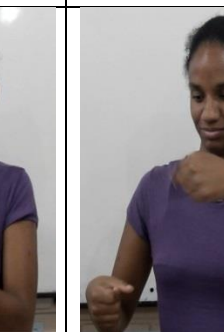

Foi possível observar que a mudança de uma ação realizada no espaço *token*, relacionada a um locativo, a *ÁRVORE*, para o espaço sub-rogado, permite ao sinalizador representar o personagem para indicar uma nova ação, *OBSERVAR*, assumindo suas características, indicadas pelas mudanças de expressão, gingado do corpo, inclinação de cabeça e mudança na direção do olhar, entre outros movimentos.

Como vimos, o fenômeno da superposição ocorre quando o sinalizante permanece com características de um espaço e inicia concomitantemente a realização de um sinal em outro espaço, o que dá fluidez à narrativa.

6.8 Inserção do-real no sub-rogado

No exemplo do quadro 43, ocorre um caso de sub-rogado em que há diálogo entre os personagens, sendo que a sinalizante desenvolve os dois papéis no diálogo, um motorista ouvinte e um passageiro surdo. Nota-se que esse ‘diálogo’ está inserido dentro do espaço sub-rogado, que ele “imita” o que acontece nos diálogos do espaço real; nas imagens 121 e 124, nota-se que, ao usar o espaço real, a sinalizante KS usa os mesmos sinais e posturas que o espaço real.





Quadro 43

KS - Piada									
120	02:27	121	02:28	122	02:28	123	02:29	124	02:30
									
TROCAR		VOCÊ		DIRIGIR		AQUI		EU	
sub-rogado		real		sub-rogado		sub-rogado		real	
∅		∅		∅		∅		∅	
CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-E		O-I		O-E		O-E		O-I	
“..troque.. (o lugar). -Você dirija no meu lugar e eu..”									

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar de usar os mesmos sinais que o espaço real e que a diferença entre esses dois espaços é que a 2ª pessoa desse “diálogo” dentro do espaço sub-rogado, não está presente, mas indicada apenas pelo olhar, direção do corpo, etc. do personagem que representa a 1ª pessoa do “diálogo” e que os dois personagens correspondem a suas posições definidas anteriormente no cenário. Convém notar também que o personagem-sujeito (que usa o corpo como sujeito) “se dirige” para o local onde foi colocado o outro personagem, que é o interlocutor (2ª pessoa) desse diálogo. Destaca-se ainda que, apesar de os personagens representarem a 1ª e a 2ª pessoas do “diálogo”, elas indicam a 3ª pessoa, pois estão dentro da narrativa.

Quadro 44

KS - Piada							
125	02:30	126	02:30	127	02:31	128	02:33
							
AÍ		LEGAL		OK		LEVANTAR	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
BA		BA		BA		LE	
CNI		CNI		CNI		CNI	
O-E		O-I		O-I		MC	
“...eu vou para aí, ok?” “Levantei..”							

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que no quadro 44 a narrativa já retornou para o espaço sub-rogado de onde a sinalizante demonstra todas as características do personagem da história.

6.9 Quadro Geral

Resumem-se no quadro a seguir as características que distinguem as várias situações examinadas, relativas aos usos dos espaços.

Quadro 45 – Quadro Geral - espaços

		NÃO MARCADO	MARCADOS		
NÃO-MARCADO		/	REAL Alternância	TOKEN Alternância	SUB-ROGADO Alternância Superposição
M A R C A D O S	REAL			Alternância	Alternância Inserção (real, token)
	TOKEN				Alternância Superposição
	SUB-ROGADO				

Fonte: Elaborado pela autora

Foi possível notar que, entre o espaço não-marcado e o espaço real, pode ocorrer alternância, o mesmo acontece entre o espaço não-marcado e o espaço *token*.

Já entre o espaço não-marcado e o espaço sub-rogado podem acontecer alternâncias e superposições.

Entre os espaços real e *token* pode acontecer alternância e ainda é possível ocorrer a inserção do real no sub-rogado.

Constatou-se também que, entre o espaço *token* e o espaço sub-rogado, pode haver alternância de um para outro, além de poder ocorrer a superposição do *token* no sub-rogado.

6.10 Função dos espaços

A função dos espaços parece não ser gramatical, como se pensou a princípio, pois sua função está muito ligada às questões discursivas e à necessidade de se especificar locativos, características relativas a personagens ou de se reforçar ou explicar o significado de ações realizadas em outro espaço. Parece que o uso de um ou outro espaço se estabelece em relação ao tamanho dos sinais (alguns, por sua própria natureza, no nível lexical, são grandes e outros são pequenos). Por outro lado, quando se usam verbos de movimento em relação a um determinado lugar, como “SUBIR em uma ÁRVORE”, é necessário usar o espaço *token*. Do mesmo modo, para enfatizar ou especificar algo sobre alguma ação ou uma característica de determinado personagem, aumenta-se o tamanho e passa-se a usar o espaço sub-rogado para a explanação dos detalhes.

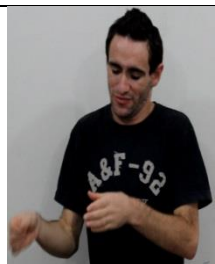
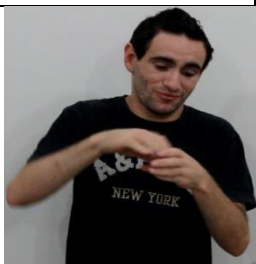

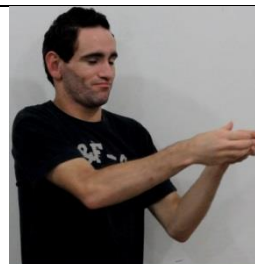
Em relação à função do espaço *token*, pode-se dizer que ele agiliza a continuidade da narrativa, diminuindo o tamanho do personagem, objeto ou a ação em relação ao cenário.

6.11 Transferências: análises alternativas

Considerando as categorias selecionadas por Cuxac e Sallandre (2007), constatamos que algumas foram confirmadas nesta pesquisa. Como se pode notar nas imagens 48 e 49 do quadro 46, o participante AH, ao narrar a história da localização de escorpiões no seu local de trabalho, usa o que Cuxac chama de *transferência de tamanho e forma*. Nesse caso, os objetos e as pessoas são descritos de acordo com seu tamanho ou forma por meio de classificadores de objeto ou por meio de sinais do tipo forma genérica de natureza descritiva. Convém lembrar que Grannier e Marinho (manuscrito) consideram que os morfemas classificadores remetem a itens lexicais pertencentes a classes de nomes específicos, definidas por

propriedades semânticas baseadas na forma do objeto referido. No exemplo do quadro 46, o participante aconselha que, se alguém encontrar um escorpião, deve colocá-lo no vidro, fechar e levar para o hospital.

Quadro 46

AH – Fatos							
48	00:44	49	00:44	50	00:44	51	00:45
							
COLOCAR-NO-VIDRO				FECHAR		LEVAR	
sub-rogado				sub-rogado		sub-rogado	
LE				LE		LB	
CI				CI		CI	
O-E				O-E		O-E	
“Coloque no vidro, feche e leve.”							

Fonte: Elaborado pela autora

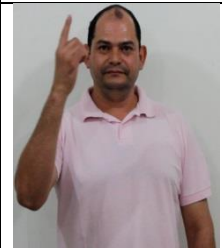




Ao sinalizar COLOCAR-NO-VIDRO, o participante posiciona sua mão no formato arredondado da boca de um vidro, o que corresponde à transferência de tamanho e forma, usando estruturas para representar parcial ou totalmente o tamanho e/ou a forma de lugares, objetos ou características, o que também corresponde às formas genéricas (FG) de Grannier e Marinho (manuscrito). No quadro 46, o formato arredondado feito pela mão e no espaço delimitado, cria a imagem perfeita de um pote de vidro.

A *transferência de pessoa*, que corresponde ao espaço sub-rogado desta análise, foi corroborada. Cuxac e Sallandre (2007) a descrevem afirmando que o sinalizante desaparece e torna-se o protagonista da narrativa, quer seja um ser humano, um animal ou um objeto, a transferência de pessoa ocorre quando essa pessoa desempenha o papel de agente ou paciente e um processo, ou seja, o narrador dá lugar ao personagem. Quando o sinalizante quer se referir a uma dessas entidades, ele se transforma nela para descrever algumas das ações dessas entidades. Normalmente são pessoas gramaticais animadas, mas podem também ser inanimadas, como no caso das narrativas metafóricas.

Seus gestos correspondem ao efeito da característica de pessoa a quem ele se refere e de quem ele tomou o lugar na narrativa. No caso do sinalizante ES, ocorreu a incorporação de

um homem alto descrito na imagem 1. Pode se notar nas imagens de 2 a 4 do quadro 47 que o sinalizante olha para o espaço como se encarasse algum perigo, posiciona os braços semiabertos como se fosse alguém muito forte, os ombros se projetam para frente e, finalmente na imagem 5, ele meio que sorri se questionando sobre o medo. Os gestos do sinalizante são do tipo que sugerem uma transferência de estereótipos, uma vez que acaba por usar empréstimos da cultura dos ouvintes, como “homens altos não aparentam ter medo”.



Quadro 47

ES - Fatos									
1	01:06	2	01:07	3	01:08	4	01:09	5	01:10
									
ALTO		PARAR		OLHAR		APONTAR		MEDO	
não-marcado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		não-marcado	
LE		BA		BA		BA		LE	
CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-E		O-E		O-E		O-I	
(alguém) alto, “parei, olhei,e apontei. Medo?”									

Fonte: Elaborado pela autora

Nos casos das *transferências de situação*, típicas do que foi analisado como espaço *token*, é possível destacar que o movimento de um objeto ou personagem se relaciona com um ponto locativo estável. É preciso lembrar que a função do olhar é fundamental, é a primeira indicação que instala as coisas e as pessoas em um espaço locativo. O olhar vai sendo dirigido para o local onde a mão dominante, que representa o movimento do ator, é colocada no espaço. No exemplo em destaque no quadro 48, nota-se que nas imagens 117 e 118 o personagem da narrativa se movimenta para o lugar indicado pelo locativo *ÁRVORE*, onde a história já estava acontecendo. Observa-se que o papel do olhar é fundamental na evolução da cena, o ponto locativo estável da cena é a *ÁRVORE*, e o personagem anda em volta dela e o olhar acompanha o sinal durante sua evolução.

Quadro 48

SH - Peras			
117	01:15	118	01:15
			
ÁRVORE		ANDAR EM VOLTA	
token		token	
∅		Bar	
CNI		CNI	
OF		O-S	
andou em volta da árvore			

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados da tese, observou-se a presença de algumas das transferências apontadas por Cuxac e Sallandre, mas nem todas foram encontradas, como pseudotransferência, semitransferência e aparte.

6.12 A combinação de transferências

A combinação de transferências também é identificada nos dados desta pesquisa, tendo sido interpretada como superposição de espaços. Cuxac e Sallandre (2007) afirmam que algumas dessas estruturas podem combinar, por exemplo, a transferência de pessoa e a transferência de situação e podem resultar numa dupla transferência, estabelecendo assim estruturas mínimas, são papéis múltiplos de atuação. A combinação de transferência, que se definiu como superposição de espaços, ocorre quando o sinalizante passa de um espaço para outro, mas mantém uma das partes do corpo no espaço anterior, como se pode observar na imagem 17 do participante ED no quadro 49. ED sinaliza *ÁRVORE* e *PESADO* ao mesmo tempo. A árvore está no espaço *token*, porém *PESADO* está no espaço sub-rogado, é evidente a expressão que o informante faz ao assumir as características do personagem ao levar algo pesado.


Quadro 49

ED - Peras									
16	00:28	17	00:29	18	00:30	19	00:32	20	00:32
									
ÁRVORE/DESCER		ÁRVORE/PESADO		ÁRVORE/DESCER		TIRAR		TIRAR	
token/token		token/subrogado		token/token		não-marcado		não-marcado	
LE		LE		LE		BI		LE	
∅		∅		CNI		CNI		CIPB	
O-S		O-E		O-S		O-E		O-E	
		Superpos. espaço							
Ele começou a descer da árvore, o cesto estava pesado. Ele continuou a descer, ele tirou o cesto.									

Fonte: Elaborado pela autora

É possível observar o mesmo fenômeno na imagem 6 do quadro 50, quando a participante SH superpõe os espaços não-marcado e *token*, sinalizando ÁRVORE no espaço *token* e VER no espaço não-marcado. Na imagem 10 do mesmo quadro, o fenômeno se repete, e a participante SH sinaliza FRUTO no espaço subrogado e BONITO no espaço não-marcado. A classificação do espaço sub-rogado na imagem 10 do quadro 50 justifica-se pela atitude da sinalizante, já que seu olhar está focado nas mãos, usando um espaço que seria ocupado pelo fruto, e essa escolha também é reforçada pela expressão facial da sinalizante com a expressão de quem contempla algo que está em suas mãos.

Quadro 50

SH - Peras									
6	00:03	7	00:05	8	00:05	9	00:06	10	00:07
									
VER/ÁRVORE		ÁRVORE		BONITA		COLHER		FRUTO/ BONITO	
não -marcado/token		token		não-marcado		sub-rogado		sub-rogado/não-marcado	
Leb		Leb		Leb		LE		LE	
CIPT		CIPT		CIPT		CIPT		CIPT	
OF		O-E		O-E		O-E		O-S	
Superposição esp.								Superposição esp	
Ele viu uma árvore bonita e colheu frutos bonitos.									

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda sobre a combinação de transferências, como quer Cuxac, ou superposição de espaços, como prefere esta autora, pode-se notar o fenômeno na imagem 81 do quadro 51, em que a participante SH realiza o sinal **HOMEM** no espaço não-marcado e com a outra mão continua a realizar o sinal de **DOER** no espaço sub-rogado que já vinha realizando em imagens no quadro anterior. Na imagem 82 do mesmo quadro, a participante realiza o sinal de **TRÊS** (três pessoas, de acordo com o contexto da história) no espaço não-marcado e **DOER** no espaço sub-rogado. É possível observar a expressão facial da sinalizante e os movimentos que faz com a boca durante toda a sequência do quadro 51, demonstrando que ela está incorporando o personagem da sua narrativa, sentindo dores após uma queda de bicicleta.

Quadro 51

SH - Peras									
81	00:57	82	00:58	83	00:58	84	00:58	85	00:59
HOMEM/DOER		TRÊS/DOER		DOER		DOER		DOER	
não-marcado/sub-rog.		não-marcado/Sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
BA		BA		BA		Leb		LE	
CNI		CNI		CIPL		CIPL		CNI	
O-E		O-F		O-F		O-F		O-F	
Superposi. de esp.		Superposição de esp.							
O homem viu três pessoas, sentia muitas dores.									

Fonte: Elaborado pela autora

Autores como Cuxac, Sallandre e Liddell conceituam os tipos de espaço, fornecem descrições de várias categorias e subcategorias que criaram, mas não explicam por que os espaços acontecem na língua de sinais e nem qual é a relação entre cada subtipo das categorias que cada um criou.

Nesse capítulo, observou-se que no uso dos espaços algumas interações podem ocorrer dentre eles, tais como alternância, superposição e inserção que são essenciais na organização do discurso em língua de sinais, na retomada de um referente já utilizado na narrativa do surdo por meio de: apontação, giro do corpo ou na direção e do olhar e ainda na mudança ou manutenção das pessoas do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de dados corrobora a distinção proposta por Liddell (1995, 2000) para a ASL, no que concerne aos três tipos de espaços: real, *token* e sub-rogado. Com base nos resultados da análise levada a cabo, pode-se afirmar que é evidente a necessidade de caracterizar um dos espaços como não-marcado, uma vez que boa parte dos sinais realizados em sua forma plena ocorrem em um espaço independente dos outros, diferenciados por marcas específicas. Durante a investigação, ficou claro que o uso dos espaços e sua alternância é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais. Dessa forma, acontece uma fluidez no diálogo, pois os sinalizantes montam o cenário da narrativa ao qual incorporam os personagens de sua narrativa. A partir daí, as posições dos personagens passam a ser usadas nos espaço sub-rogado e espaço *token*. Foi possível verificar, também, a presença de algumas das transferências apontadas por Cuxac e Sallandre (2007), tais como a transferência de tamanho e forma, transferência de situação e transferência de pessoa. Nem todas as transferências foram encontradas nos dados, tais como a pseudotransferência, a semitransferência e o aparte; talvez por que as diferenças entre a Língua Francesa de Sinais e a Libras não permitam a evidenciação das mesmas ou, talvez, exista uma lacuna dos dados desta tese.

O uso dos espaços é observado a todo momento, pois o usuário de língua de sinais se relaciona com o espaço físico que está ao seu redor e também à sua frente durante todo o tempo de sinalização. É em substituição a esse espaço não-marcado que são estabelecidos os demais espaços, de acordo com as necessidades discursivas subsequentes.

O espaço físico que envolve o sinalizador pode representar um espaço real quando o enunciador faz referência a entidades reais, que estão fisicamente presentes no momento da enunciação, o que corrobora com a proposta de Lidell (1995, 2000). No momento em que as entidades não estão presentes, o evento no qual elas estão envolvidas pode ser representado no espaço limitado à porção imediata à frente do corpo do sinalizante, denominado espaço *token*, que dá a ideia de um tabuleiro ou de um palco de dimensões reduzidas, onde os personagens e demais elementos miniaturizados do cenário são distribuídos ou atuam em posições predeterminadas pelo narrador. Pôde-se confirmar que o sinalizante, ao narrar um evento, pode agir como um dos personagens, que é o espaço denominado de sub-rogado, cujo tamanho corresponde à realidade.

Com esta pesquisa, busca-se mostrar que o uso dos espaços e as interações que podem ocorrer entre eles — alternância, superposição e inserção — são essenciais na organização do discurso em língua de sinais, na retomada de um referente já utilizado na narrativa do surdo por meio da apontação, do giro do corpo ou na direção do olhar e ainda na mudança ou manutenção da pessoa do discurso.

No decorrer da pesquisa, confirmaram-se algumas hipóteses, uma vez que se observou que as características estruturais de cada espaço correspondem a diferentes funções. Constituem resultados desta pesquisa os seguintes elementos: a) além dos espaços real, *token* e sub-rogado, identifica-se a existência de um outro espaço não-marcado durante a realização da narrativa de um surdo; b) a expressão da terceira pessoa se concretiza por meio do corpo como sujeito no discurso direto do espaço sub-rogado; b) a expressão da terceira pessoa se associa à necessidade de inserir um locativo no uso do espaço *token*; c) outras expressões das pessoas no discurso da narrativa são distintas (a primeira pessoa do discurso se expressa no espaço real ou no espaço não-marcado, enquanto a segunda pessoa só aparece no espaço real); d) na expressão de diálogos entre os personagens, ocorre a reprodução das características do espaço real, uma vez que o sinalizante, ao usar o corpo como sujeito, faz os papéis de dois ou mais personagens.

Espera-se que a pesquisa levada a cabo no âmbito dessa tese possa contribuir para a geração de novos conhecimentos a respeito da Libras, de modo que, mediante sua análise e interpretação, possam surgir novos estudos e uma maior compreensão de sua singularidade linguística.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. S. **As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UnB, Brasília, 2013.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução: Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de sinais**. Rio de Janeiro/Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CAMPELLO, A. R.. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. Tese Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008
- COMRIE, Bernard. **Language universals & linguistic typology**. The University of Chicago Press, Oxford, 1989.
- CROFT, William. **Typology and universals**. The University of Chicago Press, Oxford, 1990.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação: M^a Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicity in sign language: a theoretical and methodological point of view. In: WASCHMUTH, I.; SOWA T. (Eds.). **Gesture-based communication in human-computer interaction**: proceedings of the international gesture workshop, p. 171-180, Berlin: Springer, 2002.
- CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicity and arbitrariness in French sign language –highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In: PIZZUTO, Elena; PICTRANDEA, Paola; SIMONE, Raffaele (Eds.). **Verbal and Signed Languages**: comparing structures, constructs and methodologies, 13-33, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory**. vol 1. Oxford, New York, USA. University press, 2010.
- EMMOREY, Karen; REILLY, Judy. **Language, gesture and space**. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, New Jersey, USA, 1995.
- FAUCONNIER, Giles. **Mental Spaces**. The Massachusetts Institute of Technology, 1985.
- FERNANDES, Sueli de Fátima. Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?. In: SKLIAR, Carlos (org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. In: **Ariús**, Campina Grande, v. 13, n. 2, p. 156–162, jul./dez. 2007

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

_____. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez, 2013.

GRANNIER, D. M.; MARINHO, M. L. **Processos morfossintáticos na língua de sinais brasileira**: formas classificadoras, genéricas e reduzidas. Brasília: Manuscrito, s.d.

_____. **Português-por-escrito para usuários de Libras** In: Integração, nº 24, ano 14. Bsb: MEC/Secretaria de Educação Especial, 2002.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. IN: GREENBERG, Joseph, H. (Org.). **Universals of language**. 2. ed. Cambridge: The M.I.T. Press, 1963, p. 73-113.

LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, K.; Reilly, J. (Eds.). **Language, gesture and space**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

_____. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. In: **Língua**. Volume 98, Issues 1–3, March 1996, Pages 145-167.

_____. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNEILL, D. (Ed.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, 2000.

_____. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MEC/GDF/SEESP- **Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial**. Séries Diretrizes. Brasília, 1995.

MEIR, I. et al. **Re-Thinking sign language verb classes: the body as subject**. In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). In: ESPÍNDOLA, Elaine; PIRES, Thiago Blanch; FERREIRA, Carolina Vidal. **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. TISLR 9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Florianópolis, SC: Arara Azul, 2006, p. 87-121.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PIZZIO, Aline L.; CAMPELLO, Ana Regina S; REZENDE; Patrícia L. F.; QUADROS, Ronice M. **Língua Brasileira de Sinais III**. UFSC, Florianópolis, 2010.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos – a aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SABANAI, N. L.; GRANNIER, D. M. Marcas de delimitação no discurso narrativo em Libras, in: **Anais do XVIII Congresso Internacional de Humanidades**. Brasília, 2016.

SABANAI, Noriko Lúcia, **Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística), UnB, Brasília, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sociohistórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: **Educação e exclusão** – abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STOKOE, W. **Sign Language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf**. Studies in linguistics: occasional papers (Nº 8). Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

TRIVIÑOS, A. N. S. - **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

APÊNDICE - Análise de uma sequência

ED - Piada																								
1	00:02	2	00:03	3	00:04	4	00:04	5	00:05															
																								
(pausa)					OLHAR					CÉU					CÉU					C				
não-marcado					não-marcado					não-marcado					não-marcado					não-marcado				
∅					BA					BA					BA					BA				
CNI					CIPF					CNI					CNI					CNI				
O-I					O-I					O-E					O-I					O-E				
										-Olhe, céu, c-e-u.														
ED - Piada																								
6	00:05	7	00:06	8	00:06	9	00:06	10	00:07															
																								
E		U		CÉU		CONHECE		CÉU																
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado																
BA		BA		BA		BA																		
CNI		CNI		∅		CIPF		∅																
O-I		O-I		O-I		O-I		∅																
e-u.,céu, conhece, céu?																								
ED - Piada																								
11	00:07	12	00:08	13	00:10	14	00:10	15	00:11															
																								
ANJO		DEUS		EU		PESSOA		TERRA																
não-marcado		não-marcado		real		não-marcado		não-marcado																
BA		BA		BA		BA		BA																
CNI		CIPB		CNI		CIPF		CIPF																
O-I		O-E		O-I		O-I		O-E																
- Anjo, Deus e eu, uma pessoa aqui na Terra.																								

ED - Piada									
16	00:12	17	00:13	18	00:14	19	00:14	20	00:15
CRESCER		TODA		ÁRVORE		TODO		RICO	
não-marcado		não-marcado		token		não-marcado		não-marcado	
Bar		LE		LE		LE		Bar	
CI		CI		CIPL		CNI		CIPL	
O-I		O-I		O-E		O-I		O-E	

Um lugar com várias árvores crescidas, todo mundo rico.

ED - Piada									
21	00:16	22	00:16	23	00:16	24	00:17	25	00:18
OLHAR		ESPERAR		OLHAR		MAOS		LUIVA	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado	
BA		LE		BA		∅		∅	
CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
O-I		O-I		O-I		O-I		O-I	

- Veja, espere, veja. Mão.. a luva....

ED - Piada									
26	00:19	27	00:20	28	00:21	29	00:22	30	00:22
TACO		TACO		BOLA		BRANCA		BURACO	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado	
Bar		∅		Bar		∅		∅	
CNI		CIPB		CNI		CNI		CIPB	
O-I		O-E		O-I		O-I		O-E	

... o taco, a bola branca e o buraco.

ED - Piada									
31	00:22	32	00:24	33	00:25	34	00:27	35	00:29
BURACO		FINCAR BANDEIRA		SEGURAR / TACO		JOGAR		PESSOA	
não-marcado		não-marcado		sub-rogado		sub-rogado		não-marcado	
∅		Leb		∅		∅		BA	
CIPL		CIPL		CIPB		CIPB		CNI	
O-E		O-S		O-E		O-E		O-I	

... o buraco com a bandeira fincada. “Segurei o taco e joguei (a bola)”.

ED - Piada									
36	00:29	37	00:30	38	00:31	39	00:32	40	00:34
CÉU		ANJO		OLHAR		OLHAR		JOGAR	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		não-marcado		sub-rogado	
Bar		Bar		∅		∅		∅	
CNI		CNI		CIPB		CIPB		CIPB	
O-I		O-I		O-E		O-E		O-E	

No céu, o anjo olha o jogo.

ED - Piada									
41	00:35	42	00:36	43	00:37	44	00:37	45	00:39
JOGAR		BATER		OLHAR		LONGE		BOLA	
sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado		sub-rogado	
LE		LE		LBS		LBS		BA	
CI		CI		CI		CI		CI	
EF				EF		EF		EF	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	

“Joguei a bola e olhei. A bola foi longe, para o buraco.”

ED - Piada									
46	00:39	47	00:41	48	00:43	49	00:44	50	00:44
									
IR		IR		IR		IR		QUASE	
sub-rogado		sub-rogado		token		token		token	
BA		Bar		LE		BA		LB	
CNI		CI		CI		MAC		CIPF	
O-E		O-E		O-S		O-S		O-S	
E (a bola) vai, vai e quase entra.									
ED - Piada									
51	00:44	52	00:44	53	00:47	54	00:47	55	00:48
									
(pausa)		OUTRO		LONGE		BURACO		(pausa)	
não-marcado		não-marcado		não-marcado		token		não-marcado	
LE		Bar		∅		∅		∅	
CIPB		CIPL		CIPL		CIPL		CIPL	
		O-E		O-E		O-E			
Tem outro buraco mais longe.									

ANEXO 1

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
 INSTITUTO DE LETRAS – IL
 DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “A função gramatical dos espaços na Língua de Sinais Brasileira”, de responsabilidade de Magali Nicolau de Oliveira de Araujo, aluna de doutorado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é analisar e descrever o uso dos espaços ocorridos na Língua de Sinais Brasileira-LIBRAS. Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de filmagens, questionários, fotos e entrevistas. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (0xx61) 8426 1515 ou pelo e-mail meg.nicolau@gmail.com.br.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de disponibilização da pesquisa em seu e-mail, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília-CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador (a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

 Assinatura do(a) participante

 Assinatura do participante

Brasília, / / .

ANEXO 2**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE
IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado, “A função gramatical dos espaços na Língua de Sinais Brasileira” sob responsabilidade de Magali Nicolau de Oliveira de Araujo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da pesquisadora bem como apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO 3

ACEITE INSTITUCIONAL

O Sr. Igor Maranhão, Diretor do Centro de Educação de Jovens e Adultos-CESAS, está de acordo com a realização da pesquisa “A função gramatical dos espaços na Língua de Sinais Brasileira” de responsabilidade da pesquisadora *Magali Nicolau de Oliveira de Araujo* aluna de doutorado no Departamento de *Linguística, Português e Línguas Clássicas - Programa de Pós-Graduação em Linguística* da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da *Professora Dra. Daniele Marcelle Grannier*, após revisão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH.

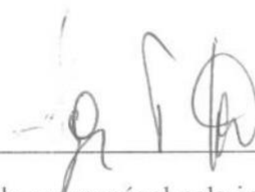
O estudo envolve a realização de *Filmagens e Fotografias*, questionários e entrevistas com alunos surdos da sala de recursos desta instituição. A pesquisa terá a duração de 08(oito) meses, com previsão de início em dezembro/2013 e término em março/2014.

Eu, Igor Maranhão, Diretor do Centro de Educação de Jovens e Adultos-CESAS, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, 28 de outubro de 2013.

Igor Tiradentes Souto

Nome do(a) responsável pela instituição



assinatura e carimbo do responsável pela instituição

Igor Tiradentes Souto
 Diretor - Matrícula: 36.570-3
 DODF Nº 183, 10/09/2013
 Centro de Ed. Jov. Ad. Asa Sul - CESAS